

REVISTA

DA SEMANA

1937
15 JUN
NACIO

GÓIS MONTEIRO MORREU FARDADO
PROGRIDE A LOUCURA NO BRASIL
MONTEIRO LOBATO ESCREVEU NA CADEIA



ALMANAQUE EU SEI TUDO



ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Lapa - Rio

DA SEMANA

Ano 57 — N° 45 — Rio de Janeiro — 10/11/1956

DIRETOR Gratuliano Brito
 ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite
 COLABORADORES: E. Taurinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
 Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
 beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

◆ **REPORTAGENS**

Góis Monteiro Morreu Fardado 4/7
 Progride a Loucura no Brasil 16/20
 Jorge Guinle em Tempo de Jazz 20/21
 Hollywood se Diverte 31/34
 Monteiro Lobato Escreveu na Cadeia 44/45
 A Hungria Cumpra seu Destino 59/61

◆ **SEÇÕES**

Semana em Revista 8/9
 Puxe pelo Cérebro 15
 Palavras Cruzadas 22
 Astrológica 26
 Itinerário do Brasil 27
 Poeira do Tempo 28/29
 TV na Revista 30
 Revista Há 50 Anos 42/43
 Literatura e Arte 46/47
 Música 48
 Conversa de Mulher 54/55
 Grand-Monde 56/57
 Último Flash 62
 Figura em Foco 63

◆ **HUMORISMO**

Fortuna 52/53

◆ **LITERATURA**

Prêmio Nobel para Rondon (Eneida) 3
 O Homem e o Trapézio (Ariane Peres) 10/11
 A Lagarta (Gilberto Terra) 50/51

◆ **VARIEDADES**

O Enigmático Kapitza 12/13
 A Última Caçada 36/37

◆ **CAPA**

Yvonne de Carlo (Foto da Universal-Internacional)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simétrico — Um ano	C\$ 350,00
Sem porte simétrico	C\$ 175,00
Registrada — Um ano	C\$ 600,00
Sem porte simétrico	C\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	C\$ 700,00
Sem porte simétrico	C\$ 350,00

O número avulso custa C\$ 700,00 em todo o Brasil, anualmente, C\$ 300,00.

Toda correspondência deve ser enviada para a Direção, Caixa 34, Rua Visconde de Albuquerque, 15, Rio de Janeiro. Os pagamentos podem ser feitos em dinheiro ou por depósito em nome da Companhia Editora Americana, Agência de Correios e Telégrafos, Caixa 34, Rio de Janeiro. De trabalhos publicados, a Companhia Editora Americana não se responsabiliza.

Companhia Editora Americana

- Diretor Presidente Gratuliano Brito
- Diretor Gerente Ivan Guimarães
- Diretor Administrativo Wenceslau Quintais
- Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
- Supervisor Victor Tapajós
- Fotografia A. Vieira e A. Ferreira
- Desenho Alberto Lima
- Laboratório V. M. Vasconcelos
- Redatores e colaboradores S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Albuquerque, 15

Redação: 22-6477 — Publicidade: 22-8250 — Portaria: 22-5602 — Correios: 22-6447 — Caixa de Juros: 22-2550

DEPÓSITOS

Na Agência Brasileira de Correios e Telégrafos, Caixa Postal 434, Rua Visconde de Albuquerque, 15, Rio de Janeiro. Na Agência de Correios e Telégrafos, Caixa Postal 434, Rio de Janeiro. Na Agência de Correios e Telégrafos, Caixa Postal 434, Rio de Janeiro. Na Agência de Correios e Telégrafos, Caixa Postal 434, Rio de Janeiro.

PR. SÃO PAULO — RUA DEBENHAO
 A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
 Fone: 34-1569



Prêmio Nobel Para Rondon

◆ Foi lançada, pelo Clube dos Exploradores dos Estados Unidos, a candidatura do Marechal Rondon ao prêmio Nobel da Paz. Não é a primeira vez que isso acontece, mas como da outra o proponente foi o Brasil, viu-se pretendido esse grande indianista e pacificador. Esperemos que desta vez seja dado a Rondon um prêmio que poucos homens no mundo merecerão tanto quanto ele, marechal com noventa e um anos e que dedicou toda sua vida para a realização de um grande ideal: pacificar e proteger os índios brasileiros. Desde jovem Cândido Mariano da Silva Rondon, nascido irmão de pai em Mato Grosso, começou a amar profundamente nossos índios — donos da terra que um dia dela foram expulsos, senhores de um mundo que passaram a escravos — e que encontraram em Rondon um companheiro e um amigo, um ser compreensivo e paciente, capaz de fazê-los, inclusive, aceitar leis, hábitos e deveres da nossa civilização.

◆ Há sessenta anos que esse grande brasileiro luta em defesa da causa indígena; foi ele, com seus trabalhos, seu devotamento, sua luta que despertou a consciência nacional para esse problema, ele, cujos trabalhos de pacificação e proteção, nem sempre encontrou apoio e auxílio dos governantes brasileiros. Bem sabemos todos o quanto tem sido áspera e dura a vida de Rondon, mesmo agora que a idade o impede de tomar parte mais ativa no Serviço de Proteção aos Índios por ele criado em 1910. Varou sertões, foi procurar nossos índios dentro de nossas florestas, encontrou-os sempre em guerra contra os brancos que os dizimaram à bala, que lhes tomaram as terras com violência, contra os brancos que os escravizaram e em quem sempre viram — naturalmente — o mais tremendo e cruel dos inimigos. Paciente e corajosamente Rondon foi conquistando tribos, transformando-lhes o ódio, formando quadros para o trabalho da pacificação, desenvolvendo em jovens das cidades o amor pela causa indígena, trabalho que o atual ministro da Agricultura quer liquidar entregando-o a aventureiros inteiramente leigos no assunto.

◆ Quando em 1954, Rondon recebeu o marechalato, um de seus discípulos, o então diretor do S. P. I. José Maria da Gama Malcher, saudou-o dizendo entre outras coisas: «Para aquelas aldeias perdidas nas últimas fronteiras da civilização houve o apetreco, como houve até agora, um Rondon, simplesmente. Nome que pronunciam em duzentos dialetos diversos sempre de modo arrevesado, mas invariavelmente com o mais profundo respeito». E ainda: «Vós tornastes mais digna a civilização revelando-a às suas próprias vítimas por uma face cordial e humana que ela jamais soubera assumir diante delas». Esse documento, de grande beleza humana, termina assim: «Em nome daqueles que no Serviço de Proteção aos Índios lutam pelo mesmo ideal, profundamente humano como discípulos devotados de tão grande mestre, em nome daqueles que em nosso país se empenham pela salvação e pela felicidade dos remanescentes da nossa população indígena, quero assegurar-vos consideramos que é nosso dever mais alto perante a pátria, sermos dignos de vossa obra, levar avante a vossa bandeira de paz e de amor... Nenhum favor será dar a Cândido Rondon o prêmio Nobel da Paz. Ninguém mais amante da paz do que ele que «desarmou o braço assassino muitos vezes constituído por tropas oficiais e que nos sertões de S. Paulo, de Minas, do Espírito Santo e Santa Catarina exterminava as últimas populações indígenas hostis.»

O Prêmio Nobel da Paz para Rondon, eis um desejo que deve existir hoje no coração de todos os brasileiros.

ENEIDA



GÓIS MONTEIRO MORREU



Durante a Conferência Inter-Americana de Quitandinha, Góis cumpriu brilhante atuação. Ei-lo num flagrante expressivo da época.

A representação da «Cena Final» da qual serei o artista principal vem sendo tão bem «ensaiada» nestes últimos tempos que não tenho receio de provocar convulsões quando minha hora soar definitiva.

Falava assim ao repórter «Velho Góis», quando pela derradeira vez nos avistamos. Cercado pelos entes mais queridos, o Velho «shogum» abandonou o mundo, tranqüilo, sereno, reconfortado. Não houve frases patéticas; apenas o sorriso agradecido à sua fiel e dedicada esposa D. Conceição.

— Meu «Velho», sente alguma dor?
O menear de cabeça foi a última resposta do general.

Sem honras militares, simplesmente vestido com um uniforme de gabardine cinzento, sem nenhuma condecoração, sem as dragonas do generalato, nem mesmo a insígnia do Curso do Estado Maior — assim foi sepultado o general Góis Monteiro.

Melancólico e vazio — inexplicavelmente vazio — foi o seu velório. Velhos companheiros como Oswaldo Aranha, Juarez, João Neves e alguns mais, além de parentes (inclusive o irmão desagindo) completaram o pequeno grupo que varou a madrugada ao seu lado, na capela mortuária.

Pela manhã chegou o presidente da República e o contingente foi aumentado por almirantes, generais, brigadeiros, oficiais superiores e inferiores das Forças Armadas, nas visitas protocolares.

Faleceu Pedro Aurélio de Góis Monteiro sem deixar fortuna.

— Ele, que foi quase o dono do país, que enfiou em suas mãos depois de 1930 tão elevada soma de poderes, superior à do Chefe da Revolução; ele que tutelou o sr. Getúlio Vargas por tantos anos — nunca teve dinheiro para comprar uma casa para legar aos seus — confidenciou-nos um velho amigo.

MODESTO AUTOR DE UM DOS MAIORES FEITOS POLÍTICOS DO CONTINENTE

Em palestra com seus velhos amigos e familiares, facetas novas e curiosas da personalidade do general foram então reveladas. Hugolino Mendonça, jornalista que por muitos anos privou da intimidade de Góis Mon-

REVOLUCIONÁRIO DE 30 ★ TRAÇOS DE
UMA VIDA QUE FOI TÃO DISCUTIDA
QUANTO SERÃO ÊSTES VINTE ANOS DE
REPÚBLICA ★ UM MILITAR QUE GOSTA-
VA DE TERÇAR ARMAS NOS EMBATES
CIVIS ★ AS CONFISSÕES DO OCASO

Reportagem de W. GUARNIERI

Em fevereiro de 1946, subindo as escadarias do Palácio Tiradentes para a cerimônia da posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra.



FARDADO



Em 1936, em companhia do então ditador Getúlio Vargas, durante a execução das manobras nos campos de Gericinó. Jamais alguém no Brasil enfeixou tamanha soma de poder; mas, Góis morreu pobre.



Novembro de 1940, por ocasião de seu regresso dos Estados Unidos, ainda bem moço e cheio de vida, iria, em breve, assumir importante papel da complicada tarefa de defesa do hemisfério.

teiro, relata-nos passagens ainda inéditas, ouvida do próprio general. Dentre elas merece especial registro, pela característica histórica de que se reveste, o episódio ocorrido em 1942, durante a segunda guerra mundial.

— Graças às excelentes relações de amizade que o unia ao general Marshall, pôde o general Góis evitar uma das maiores catástrofes do continente — conta o sr. Hugolino Mendonça — e adianta:

«Houve um período, em 1942, em que do Estado Maior da Nação lanque determinadas ordens foram expedidas ao comando da esquadra norte-americana em operação no Atlântico Sul. O então almirante Inghams, chefe da esquadra, procurou o nosso ex-ministro, (a quem fora distribuída importante tarefa para a defesa do hemisfério) e comunicou-lhe o próximo cumprimento da ordem há pouco recebida.»

Relembra o sr. Hugolino que ao mencionar o fato, o general Góis jamais admitiu que, enquanto vivesse, fôsse o mesmo comentado publicamente.

— Tratava-se — prossegue aquele jornalista — do bombardeio da cidade de Buenos Aires, já aprestado pela colocação estratégica de poderosos vasos de guerra, sob o comando daquele almirante.

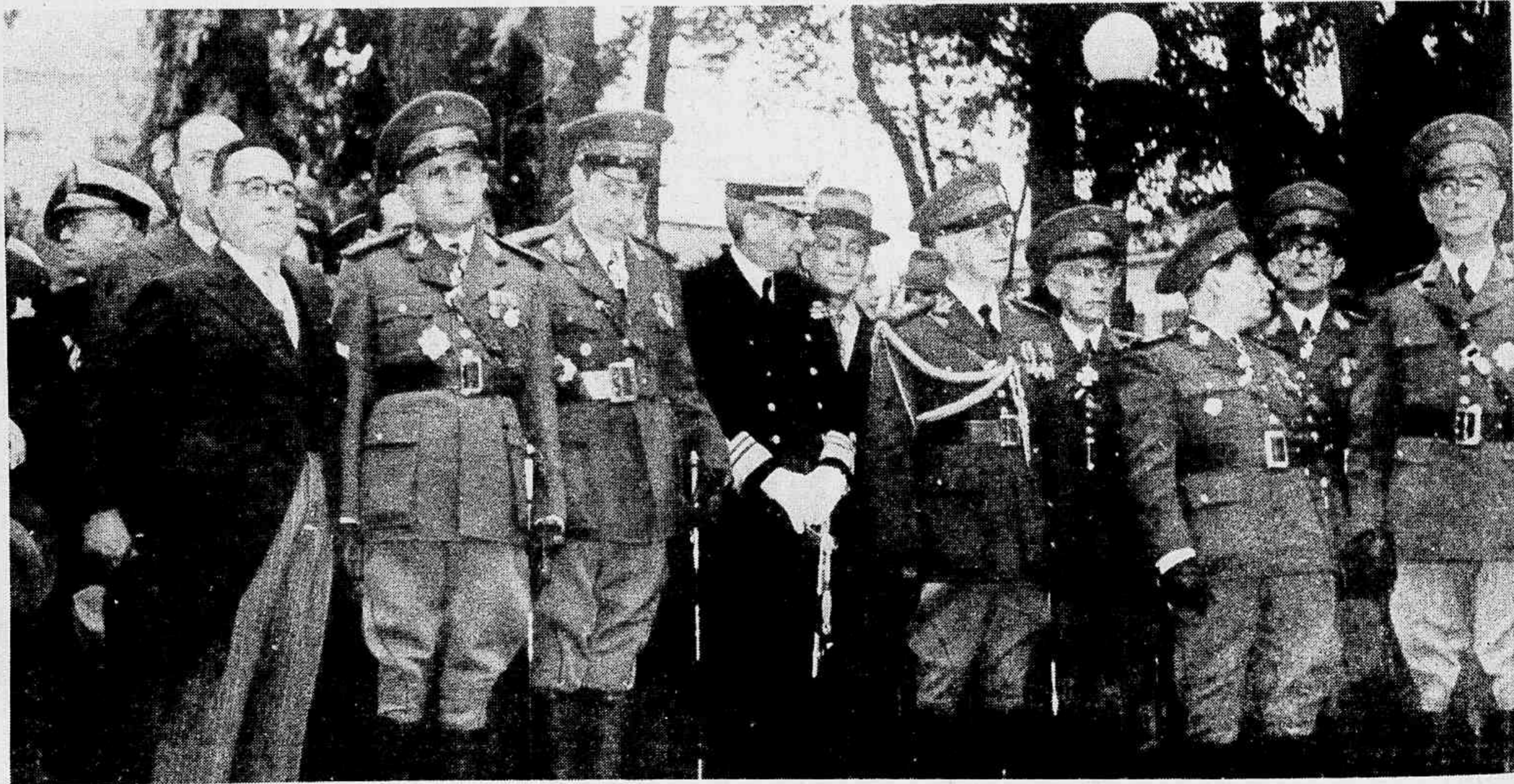
«Ao ter conhecimento do assunto (mantido sob rigorosa reserva) não conteve o general Góis Monteiro o seu espanto e passou a verberar colérico o ilustre almirante, fato que provocou inclusive um afastamento definitivo entre ambos. Imediatamente, o nosso ministro procurou entrar em contacto com o general Marshall a quem, após relatar o fato, falou claro. Nem mesmo admitiria uma ordem dessa natureza partida do próprio presidente da Nação irmã, enquanto vivo ele fôsse, e influência livesse nos destinos da guerra desta parte do hemisfério, tão absurda ordem jamais seria cumprida.

— Apelo, contudo — prossegue o sr. Hugolino — conforme me relatou inúmeras vezes — para que o general Marshall intercedesse junto a Roosevelt a fim de evitar semelhante catástrofe.

«A retificação veio afinal e o episódio foi encerrado honrosamente, graças ao espírito magnânimo do velho general. O episódio é inédito.»

VIDA E MORTE DE UM BRAVO SOLDADO

Na velha propriedade do S. Luís do Quitunde, no Engenho do Guindaste, nasceu, poucos dias após à proclamação da República em 1889, Pedro Aurélio de Góis Monteiro, nas terras das Alagoas que já dera ao Brasil tantos outros militares de destaque a ponto de ser mui justamente chamada de «terra dos marechais». Aos 10 anos transferiu-se para Maceió e aí se matriculava no Liceu Alagoano, porque seus pais, o médico Pedro Aurélio e sua esposa D. Constança, sonhavam ver o filho «leito gente». Não pôde todavia concluir os estudos e aos 14 anos sentou praça, vindo em seguida para a Capital da República, onde ingressou na Escola Militar do Realengo. Em 1906, transferiu-se para o Rio Grande do Sul, concluindo o curso em Porto Alegre, em 1909, e casando-se em Alegrete, no ano de 1916, promovido a 1º Tenente em 1919, Góis Monteiro, oficial de Cavalaria, veio para o Rio em 1921 a fim de fazer os cursos regidos pela Missão Francesa chefiada pelo general Maurício Gamelin. A revolução de 1922 não o envolveu, pois pela época cursava ele a Escola do Estado-Maior e era oficial legalista. Em 23, delatado o movimento revolucionário no Rio Grande do Sul, foi-lhe solicitado um esboço de defesa pelo governo gaúcho. Seu plano foi aceito, mas não chegou a ser executado, pois a tranqüilidade voltou ao Estado. Em 1924, atingindo



Em agosto de 41, entre velhos companheiros de armas, e em companhia do Chefe da Nação, assiste às cerimônias do «Dia da Marinha». «O Exército acaba de sofrer uma grande perda, porque o general Góis Monteiro era incontestavelmente um chefe militar» — declarou o ex-Presidente Dutra ao tomar conhecimento do passamento de seu velho companheiro.

o posto de capitão, foi nomeado professor estagiário pela Missão Francesa, pouco antes de eclodir o movimento revolucionário de 5 de julho. Quando o então capitão Góis iria receber o seu «batismo de fogo», Coube-lhe, mais uma vez, elaborar um «plano de ação» desta vez levado a cabo com pleno êxito. O ano de 25 vai surpreendê-lo na perseguição da «Coluna Prestes», autor de feitos memoráveis pelos sertões brasileiros. Em 27 é promovido a major, atingindo a tenente-coronel em fins de 1929, por antiguidade.

Um ano depois, chamado à chefia militar do movimento revolucionário que se alastraria por todo o país acabando por depor o governo constituído, entregou o poder civil — como solenemente prometera antes ao sr. Getúlio Vargas. A revolução veio precipitar a sua promoção, feito coronel em março de 31, menos de 2 meses depois chegaria a general de brigada. Pouco mais de um ano já era general de divisão, com apenas 42 anos de idade.

— Desolado — confessou nos derradeiros anos de sua existência — **cheguei à conclusão de que a Revolução de 30 foi um sacrifício em vão, porque uma inutilidade.**

De 1930 para cá, o general Góis Monteiro esteve sempre em evidência na vida político-militar do país. Fêz do presidente provisório um presidente constitucional, sufocou a insurreição comunista, inspirou o golpe de 10 de novembro de 1937, e sustentou a ditadura até que, dela desencantado, e sendo então Ministro da Guerra, destituiu-a depondo o Ditador. A última vez que o ex-presidente o viu foi por ocasião da visita que lhe fez na clínica de repouso onde se internara o general, em julho de 1954.

Por essa época, segundo também confidenciou a amigos na ocasião, previu os insucessos de agosto daquele mesmo ano. Quando lhe anunciaram a morte do major Vaz, não teve dúvidas em vaticinar para um de seus familiares bem próximo do presidente — Se esse major morreu de fato (comentou tão pronto recebeu a notícia), **é o fim do doutor Getúlio.** Diga a Zenóbio (falou dirigindo-se a seu ajudante de ordens) que me venha ver com urgência. É preciso urgência! — recomendou aillito.

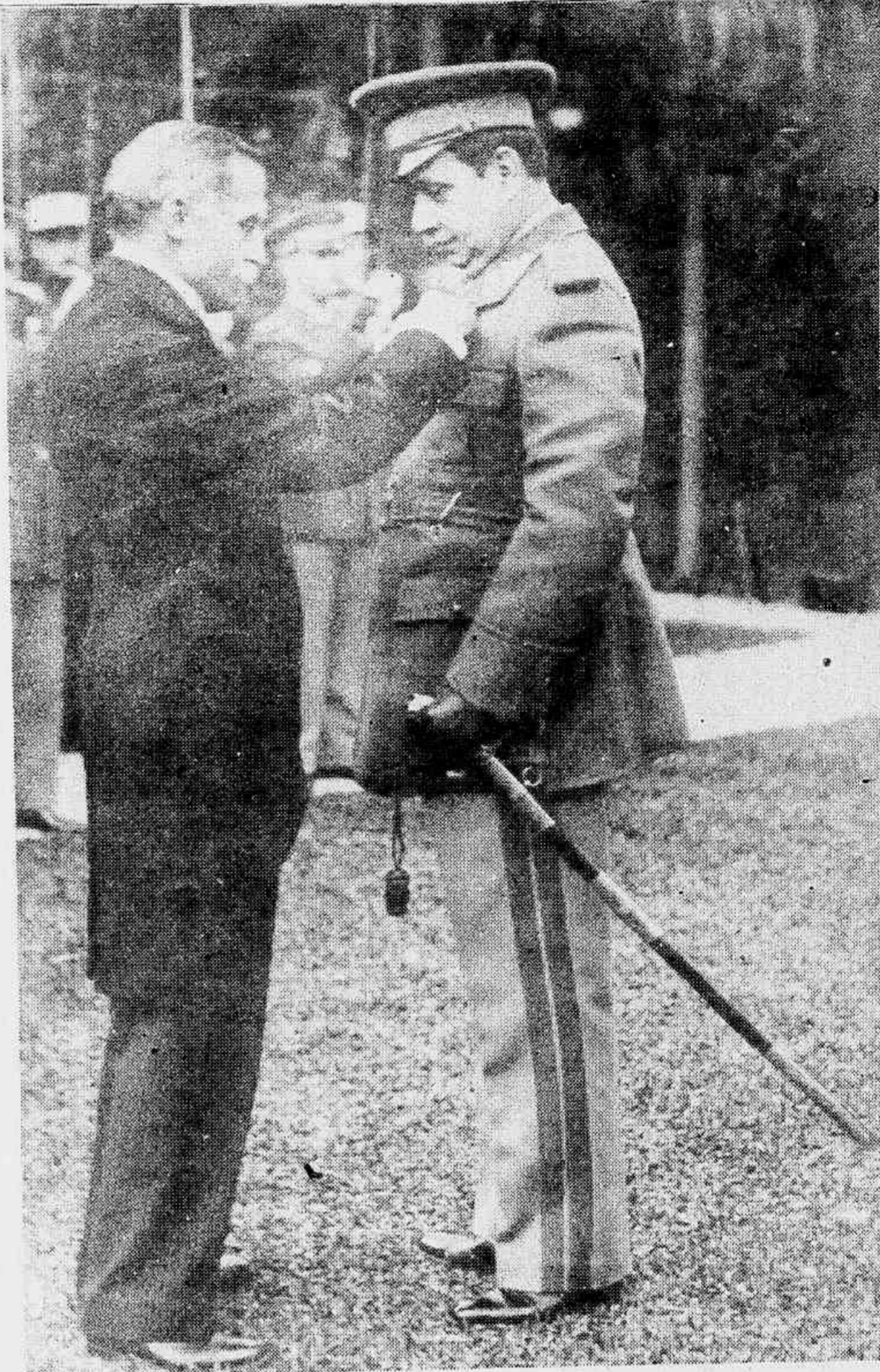
Mas, a oportunidade passou e a catástrofe aconteceu como tristemente previra.

«A não ser de Vargas, neste país, de ninguém se falou mais extensamente, mais copiosamente, mais ininterruptamente nos últimos vinte e cinco anos» — comentou o sr. João Neves da Fontoura, velho companheiro da jornada vitoriosa de 30.

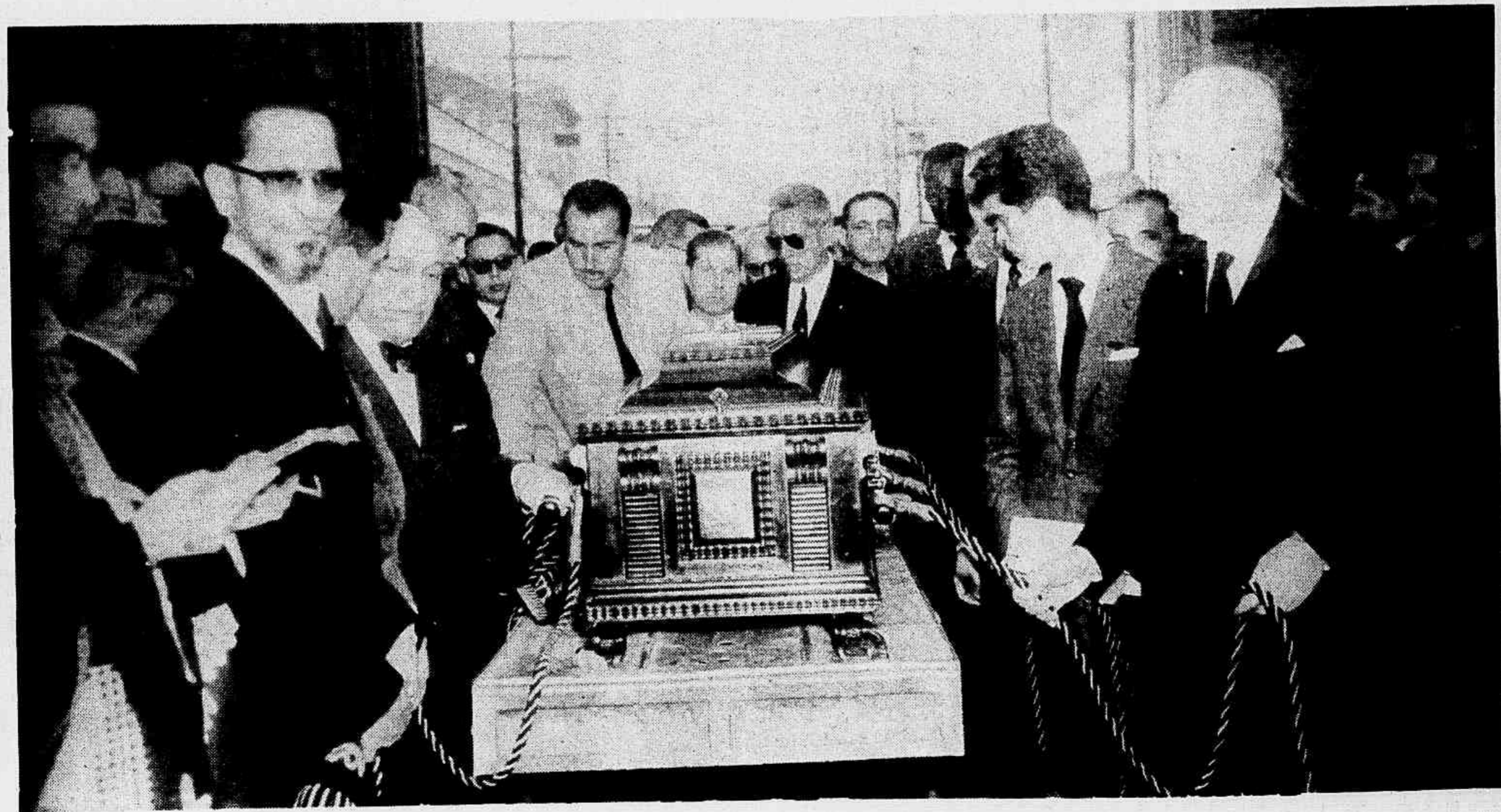
Pedro Aurélio de Góis Monteiro ocupou todos os altos postos do Exército, foi por mais de uma vez ministro da Guerra, desempenhou um mandato eleitoral, como senador por Alagoas, e por fim exercia a magistratura militar no Superior Tribunal Militar, quando a morte o vem colhêr quase à sua mesa de trabalho. Pois, até algumas horas antes permanecia tranqüilamente, informando processos, tendo julgado, inclusive, naquele mesmo dia, 3 processos de deserção e um outro de peculato.

— O general partiu, como um comboio que sai antes da hora. Nem ao menos tivemos tempo de dizer-lhe «Adaus» — comenta emocionado o capitão Alberto Hage, que fôra durante os derradeiros meses seu ajudante de ordens que presenciou o passamento.

Discípulo da estratégia bonapartista, o «Velho Góis» lançou-se, como sempre, da ofensiva. Até na hora da morte.



Incluído na Legião de Honra. «Há duas coisas que jamais lhe poderão ser negadas — comenta o deputado Afonso Arinos — o seu ardente amor pelo Brasil e a sua probidade inatacável».



Exemplo dignificante foi a presença ao enterramento do general de alguns seus mais ferrenhos adversários, como os senadores alagoanos Freitas Cavalcanti e Rui Palmeira.

A SEMANA EM REVISTA

★ CERTO FOTÓGRAFO de certa revista fotografou o «14-Bis» voando, ameaçador, em sua direção, na «fabulosa» velocidade de 60 quilômetros por hora. A coisa, porém, não se passou exatamente assim: pois quando o aviãozinho deu pela presença do famigerado profissional à sua frente, desviou imediatamente seu rumo. Afinal de contas, como diria mestre Aristóteles, «a natureza aborrece o vácuo».

NACIONAIS

O CORONEL Menezes Côrtes, que tinha sido designado para exercer o cargo de adido militar no Chile, pelo general Teixeira Lott, declinou de sua indicação, a fim de evitar manobras de caráter político. Assim, prejudicou sua carreira.

★

JÁ ESTA em Paris o jovem Paulo Frederico Borges, que deu um verdadeiro «show», pela televisão, sobre vida e obra de Balzac. O patrocinador do programa «O Céu é o Limite» — em que o «Conde» apresentou-se com tanto êxito — concedeu-lhe uma bolsa de estudos em Paris, por um ano.

★

UM ESPETACULO de ballet, no Maracanãzinho, atraiu quinze mil pessoas. Exibiu-se o Corpo de Baile do Municipal, comandado pelo notável Leonide Massine. Depois dizem que nós, brasileiros, não nos interessamos pelas coisas artísticas.

★

GOIS MONTEIRO, que exerceu durante tantos anos papel preponderante na política brasileira, faleceu vítima de um edema pulmonar. Seu irmão Silvestre Péricles de Góis Monteiro, fazendo um paralelo entre Góis e Rui Barbosa, afirmou: «Rui sempre quis ser presidente, e nunca o pôde; meu irmão sempre pôde, e nunca desejou».

★

ENEIDA, AGRADECENDO os abraços dos amigos, por ocasião de seu aniversário, terminou uma crônica com essa frase deliciosa: «Quero morrer bem velhinha, e sempre achando muita graça em certas coisas. Amém».

CELSO BRANT, diretor da Rádio Ministério da Educação, oficial de gabinete do ministro da Educação, poeta, e ensaísta mineiro, será, ao que tudo indica, o secretário da Educação da Prefeitura do Distrito Federal. Sua gestão, na Rádio Ministério da Educação, vem sendo qualquer coisa muito triste. Todo o velho prestígio da emissora outrora dirigida por mestre Fernando Tude de Souza vem sendo sistematicamente destruído pelo feliz amigo de seu Clóvis Salgado.

★

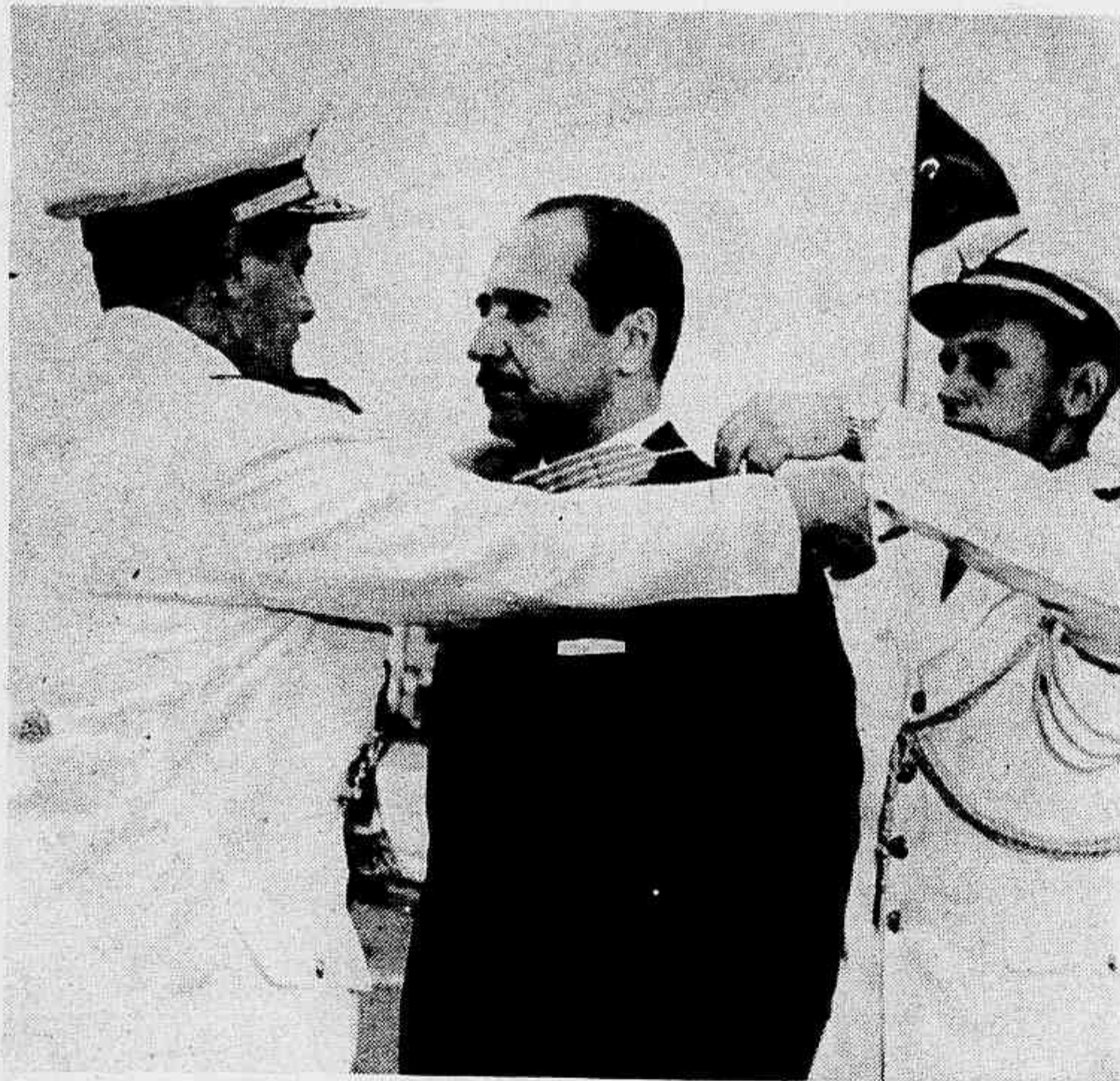
O FLAMENGO venceu por 12 a 2 o São Cristóvão, que vinha de duas boas exibições contra o Bangu e o América. E' verdade que no dia seguinte se comemorava a festa de São Judas Tadeu, o que explica muita coisa. Quanto aos demais jogos, venceram todos os chamados grandes clubes, e sempre a zero. Sendo que Valdo, do Fluminense, artilheiro do campeonato, marcou quatro gols — os quatro conquistados pelo seu clube — contra a Portuguesa.

★

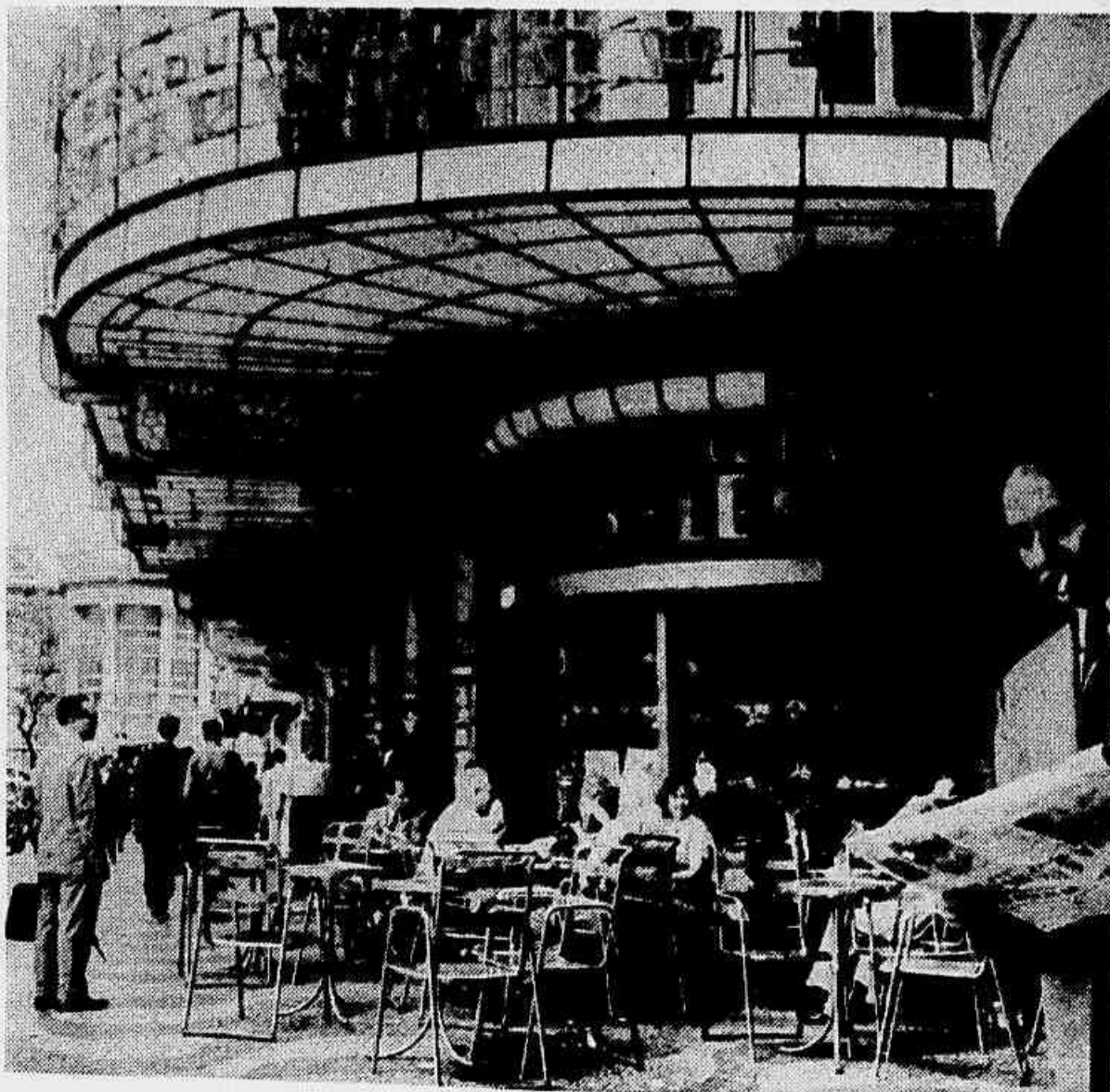
NEIDE FREYSLEBEN, uma jovem comerciária de Niterói, partiu para os Estados Unidos, a fim de se casar com Tom Runyon, um homem condenado à prisão perpétua por haver assassinado um guarda, durante um assalto. Tom Runyon um dia escreveu um artigo, num jornal da própria penitenciária a que se acha recolhido. O artigo veio a ser lido pela cronista Elsie Lessa, que em 1952 escreveu uma crônica a respeito de Tom. Neide interessou-se de imediato pelo rapaz, e começaram a trocar missivas. Agora, Neide, franzina, pobre, mas dona de uma alma admirável e de coragem a toda a prova, segue para os Estados Unidos, onde vai afinal encontrar-se com Tom.

★

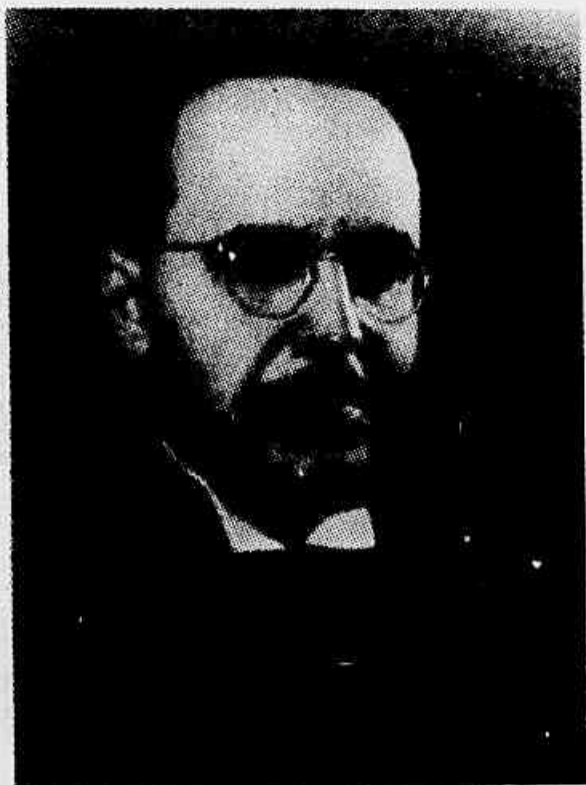
ENQUANTO NÃO se cansam de dizer que existe funcionário público



◆ O DEPUTADO Augusto Viana Ribeiro dos Santos, um dos líderes do movimento industrial do país, presidente da Confederação Nacional da Indústria, foi agraciado, durante os festejos dedicados a Santos Dumont, com a Comenda da Ordem do Mérito Aeronáutico. O ministro Henrique Fleuiss fez pessoalmente a entrega desta alta distinção ao ilustre parlamentar.



◆ A «BRASILEIRA» cerrou suas portas. Tal como o Café Belas Artes, o Nice, o Palace Hotel, fazia ela parte do panorama de um Rio de Janeiro que vai aos poucos desaparecendo, dando lugar a um novo, completamente remodelado. Em suas mesas, artistas e políticos muitas vezes se do o seu fim. E já estão na fila, para demolição, a Galeria Cruzeiro, o Mercado das Flores, o Mercado Municipal...



◆ **NO RIO** o ator argentino (se bem que nascido em Toulouse, França) Pablo Moret. Ele já fez cinema, em Buenos Aires, tendo aparecido, ao lado de Carlos Cores e Aida Luz, em «Los Tallos Amargos», e agora participará de seu segundo filme. Circunstância interessante: Pablo, que é louro e tem somente 23 anos, fará assim que regressar a Buenos Aires sua estreia em teatro, na peça «Chéri» de Colette, que aliás teve oportunidade de assistir, agora no Copacabana.

◆ **HAROLDO VALADÃO**, que não faz muito foi eleito paraninfo, na Faculdade Nacional de Direito, da turma de 1956, acaba de partir para a França, onde, em Aix-en-Provence, receberá o título de professor honoris-causa da Universidade local. O ilustre mestre de Direito Internacional Privado vê assim aumentado o número de seus títulos, com mais essas duas distinções — a que faz jus, verdadeiramente, pelos seus conhecimentos excepcionais.

demais, no Brasil, agora aparece um figurão, tipo importante, bem falador, dizendo existirem 33.243 vagas no Serviço Público!...

★
UM NETO do barão de Drummond — aquele benemérito que inventou o jogo do bicho — vem de ser prêso, como... ora, bicheiro. Seguiu assim a tradição da família, num exemplo de fidelidade às tradições de seus antepassados.

★
NÚCIA MIRANDA, corista de beleza excepcional, operou-se na semana passada do apêndice. Tudo correu às mil maravilhas, não apenas para Núcia, como também, e principalmente, para o feliz médico que lhe passou a faca...

★
CACILDA BECKER e seu elenco, apresentando-se atualmente em São Paulo, no TBC, causaram grande escândalo, durante a representação da peça «Uma Gata num Telhado Quente de Zinco», de Tennessee Williams. E' que o enredo de tal peça está eivado de palavrões, que muito chocaram os espectadores. Por isso, a censura determinou o corte dos tais palavrões. O que veio tirar muito do valor da obra, para muita gente.

★
UM TENENTE do Exército, desses que usam longos revólveres à cinta, puxam a carteira do Ministério várias vezes por dia para espantar civis e estão sempre na bica para promoção, matou a tiros uma linda francesinha de apenas 17 anos, somente porque ela resolveu ir a um baile, no Grajaú, em companhia do rapaz de quem gostava. Chegada ao Brasil havia 5 anos, órfã de pai e mãe, Michele Franklin — que esse era seu nome — teve um destino infeliz. Como não deve ter levado recordações amargas essa menina, se para onde foi, como dizia o poeta, «memória dessa vida se consente»!...

◆ **O SENHOR Zoláquio Diniz** (que rima fácil para batráquio!) a... ou que Campo Grande não mereça uma rua com o nome de seu pai, o jurista Almáquio Diniz. Coitado. E' que ele ignora, por exemplo, que em Campo Grande mora esse brêto, cuja fotografia ao lado estampamos, que se chama Maria Manuela, estuda direito na Faculdade Nacional e canto com a professora Ivone Zita. A população de Campo Grande solicitou ao prefeito que não mais desse o nome de Almáquio à rua determinada pelo prefeito. E nós, daqui, fazemos ao prefeito uma sugestão: que dê o nome de rua Maria Manuela àquele logradouro. A menina merece muito mais do que isso, convenhamos. Mas, por enquanto, essa homenagem já lhe basta...



INTERNACIONAIS

GREGORY PECK, cujo casamento, ano passado, com a jornalista francesa Veronique Passiani, foi uma grande surpresa para suas lãs do mundo inteiro, acaba de ser pai, pela quarta vez. A criança nasceu em Hollywood, em 25 de outubro. Gregory tem 40 anos, e sua esposa, apenas 25.

★
FÔRÇAS ISRAELITAS invadiram o Egito, como represália a pretensos atos de vandalismo, praticados pelas forças egípcias sobre cidadãos de Israel. Foram repelidas, com grandes danos.

★
O PARTO sem dor já é motivo para um filme: ao menos, o famoso produtor italiano Luciano Emmer acaba de iniciar as filmagens de «Il momento più bello», que focaliza justamente esse novo rumo de moderna obstetrícia. São atores Marcello Mastroianni e Giovanna Ralli.

★
MARIA LUIZA, da Bulgária, casar-se-á com o príncipe Friedrich von Hohenzollern, de apenas 17 anos. Ela é filha do rei Boris, da Bulgária. Os dois estão na Itália, onde ficaram noivos.

★
HARRIET BROWN, que se hospedou há pouco em Londres, num grande hotel, não despertou de início grande agitação. Porém, assim que se soube que ela era a famosa Greta Garbo, a correria foi grande. Tão grande, que Garbo teve de mudar de hotel, prosseguindo sua viagem errante através da Europa.

★
PIERRE BALMAIN, Jean Desses, Jacques Griffe, Jacques Heim, Lanvin-Castillo e Jean Patou, seis famosos costureiros franceses, já se comprometeram a tomar parte no grande desfile de elegância que a jovem condessa Jowitt pretende levar a efeito em Mayfair, em benefício das vítimas do polio.

★
O CHEFE de Polícia de Cuba invadiu a Embaixada do Haiti em Havana, ali matando a tiros nada menos de 9 refugiados políticos cubanos. Foi, porém, ferido gravemente na cabeça por um desses refugiados.

★
NUM PROGRAMA de televisão do tipo perguntas e respostas, realizado na Argentina, o doutor Raul Fernandes Aguirre conseguiu atingir o fim de todas as etapas, res-

pondendo absolutamente certo, o todas as questões, e ganhando 100 mil pesos. Tema sobre o qual era interrogado: automobilismo.

★
MORREU O GRANDE pianista Walter Gieseking, reputado o melhor intérprete da música de Debussy e Ravel. Gieseking nasceu em França, de pais alemães. Tinha 50 anos.

★
A ESPOSA de Juan Ramón Jiménez, Prêmio Nobel de Literatura do corrente ano, acaba de falecer, vítima do câncer. Chamava-se Zenobia Jiménez, e era célebre como tradutora de Rabindranath Tagore. Também foi crítica literária de grande argúcia.



◆ **PUSKAS**, o grande jogador húngaro de futebol, que deu tão grande trabalho aos jogadores brasileiros, por ocasião do último campeonato mundial, morreu e ressuscitou inúmeras vezes, durante a última semana. E' que os jornais, através de seus noticiários, teimavam em fazê-lo morto na revolução húngara que arreventou por esses dias, para desespero dos comunistas do mundo inteiro. O cadáver, porém, deitou falação pela rádio de Budapeste, afirmando que vai indo, bem, obrigado.

★
A PRINCESA Margaret, que acaba de regressar de uma excursão pela África, trouxe de presente um diadema ornado de nada menos de 250 pedras preciosas, doado pelos proprietários de minas de diamantes da África do Sul.

★
ALI KHAN mandou construir, por 120 mil dólares, uma casa às margens do lago de Como. Ali pretende morar, com Betina, a ex-modêlo que é sua atual paixão.

★
TROPAS INGLÊSAS e francesas deram início à operação contra o Egito, aproveitando-se do pretexto de as forças israelitas terem invadido o território egípcio. Aviões da RAF, e grande parte da esquadra britânica do Mediterrâneo, prepararam-se para entrar em imediata ação contra os soldados de Nasser.

◆ **MINDSZENTY, CARDEAL** da Hungria (foto à esquerda), foi libertado por uma turma do Exército magiar, quando se encontrava em Felsőpeteny. Há exatamente oito anos que o cardeal encontrava-se detido pelos comunistas, sofrendo os mais graves vexames.



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

CAPITULO XXIII — MIRIÁPODOS

A CADEIRA de rodas avançava pelo cimento lise conduzida pela docilidade de Rosa branca, quando Otávio a fez parar com uma exclamação:

— Pare, Rosa.

A centopéia movimentava-se estranha sobre a multiplicidade de pernas, e nem por isso devorava rápida as distâncias. Era um espetáculo estranho para o homem ávido a fileira de pernas que se encurvavam no passo cadenciado. Rosa seguiu a direção do olhar de Otávio e libertou a gargalhada:

- Foi por isso que você me mandou parar?
- Não é admirável, Rosa, a precisão desse deslocamento?
- Não acho. A centopéia possui pernas demais.
- Eu, de menos.
- Mas repare como é ridícula.
- Nem tanto, mais ridículo parece eu, que não me desloco.
- Tolices, Otávio; você me prometeu não pensar mais em suas pernas; não combinamos que eu as substituiria?
- Você já imaginou a visão de insuficiência que a centopéia tem dos homens? Ainda o classificam como animal superior. Duas pernas apenas sustentando o corpo pesado e complexo. As centopéias devem rir-se intimamente da figura humana.
- Aquelas pernas todas devem atrapalhar. O excesso também condiciona, prende. Animalzinho ridículo esse.
- Você faz-me lembrar a raposa e as uvas.
- As minhas duas pernas satisfazem, não posso invejar a pluralidade da centopéia. Estou mais equilibrada sobre esses dois membros que ela sobre aquela coleção, posso chegar mais depressa onde quero, e posso esmagá-la e às suas dezenas de pernas.
- Que aconteceria à centopéia se arrancássemos todas as suas pernas? Seria um cilindro indiferente, sem apoio fixo, verme. Em que se transformam os homens quando lhes falta o polígono de sustentação?
- Deixemos a centopéia; vamos até a mangueira.
- Rosa, você não sente um «frisson» quando olha as ondas criadas pelas pernas da centopéia ao moverem-se? Não sente uma espécie de nervoso assistindo a esse deslocamento coletivo? Eu sinto isso ao olhar os homens. Para mim vocês são miriápodos, e tenho a dolorosa impressão que vou ser esmagado sob a coletividade de pernas.
- Tolices, Otávio. Minhas pernas conduzem-no.

— E as outras? Estou inerte ao sadismo dos miriápodos, e não posso fugir, não tenho onde esconder-me. Sinto as pernas todas aboterem-se para calçar-me. Todos os animais se arrastam quando perdem as pernas.

— Você também poderá esmagar a centopéia, se quiser; basta avançar um pouco a cadeira.

— Não; seria a vingança inútil de um verme sobre outro. Apanhe o centopéia para mim e guarde-a em minha caixa de losíoros; preciso estudar essas pernas.

— Você parece uma criança grande.

— Em certo ponto você tem razão, não ando.

— Vamos à Esquina da Saudade.

— Não Rosa. Vamos até a entrada do hospital; quero olhar os homens passando, quero ver centopéias gigantes.

Otávio pouco falou naquele dia. Os planos de Rosa ficaram sem eco, enquanto a centopéia deslizava morosa sobre a mureta branca que dava para a rua. A altura que separava Otávio dos miriápodos era a mesma, relativamente, que separava os homens da centopéia. E as pernas movimentavam-se síncronas, cadenciadas.

A centopéia lembrava o pelotão na marcha inútil de meias-voltas constantes:

— Ordinário, marche. Esquerdo, direito; um, dois; esquerdo, direito; um, dois...

A centopéia deslizava, as pernas formando a onda do avanço improficuo, virava à direita, à esquerda, o verme enorme de pernas uníssonas.

— 113, acerte o passo.

Pobre da centopéia, se cada perna teimasse num ritmo próprio: a perna da frente prenderia a de trás, avançaria sobre a dianteira, e o movimento inutilizar-se-ia pela justaposição de espaços simétricos. No fundo é inútil ser miriápodo; os pés avançam a mesma quantidade no mesmo espaço de tempo, em conjunto; não há avanço individual; o corpo desloca-se a medida exata de um só passo. Invejava, contudo, a centopéia, pleonasmos de pernas.

— Atenção, pelotão. Alto!

A centopéia parava, indecisa sobre as pernas todas, cada uma descrevera o mesmo vetor, não houvera adiantamento de umas sobre as outras, a disposição ordenada dependia apenas da colocação.

Cinco metros abaixo os miriápodos deslocavam-se, e Otávio fitava-os com a mesma admiração que votava à centopéia.

CAPITULO XXIV — ANUNCIAÇÃO

NAO iria até a Esquina da Saudade hoje, não poderia também deslizar-se sobre o pátio; Margarida estava com visitas e era dia de folga de Rosa. Restava-lhe o monólogo com o Cristo ou as respostas esporádicas de D. Inês.

Abriu o livro de poesias que Marcos lhe emprestara, detendo-se pouco nos poemas escritos, inabsorventes:

«El cuerpo tiene más hambre,
o el alma? ... Y de que? Si hago
el gusto del cuerpo, el alma
es la que ansía...»

Sim, que teria mais fome? O corpo já quase nada exigia, entorpecera, parecia haver perdido a maior parte da potência quando as pernas o abandonaram. O sexo não é um órgão, é um conjunto; paralisa-se, adapta-se à morbidez quando o corpo se desmembra. Sentia o desejo de alguma coisa, havia imperiosa necessidade em possuir; mas o quê? o corpo de Madalena, o entregar-se de Teresa ou a pureza de Rosa? De que a fome que movimentava os seus sentidos? Que precisava fartar-se? A ternura de Rosa comprometia-o, habituava-se à sua solicitude, o vestido branco eclipsava o vestido verde de Madalena, não refratava os olhos verdes de Teresa. Havia ansia, mas de quê?

Os olhos fugiram de Juan Ramon Jimenez, sem resposta, e encontraram o verde-garrala eterno, indestrutível, fixo como o crucifixo, diferente porém, porque estatizava-se dinamicamente na rotação constante. Embebeu-se de verde; algo precisava satisfazer-se: o corpo ou a alma, ou ambos? Era o marco de posse chantado no chão polido de mosaico. Junto aos seios a rosa vermelha, numa promessa de perfume e vida, respirando o odor sensual do corpo completo, que o descompletara.

Madalena, as mãos convexas enchendo as suas, o violino queixando-se do arco sádico que o cortava. Madalena, colo moreno exposto aos olhos antropófagos dos homens, enquanto ele corria para ganhá-la, para ganhar dez minutos que lhe prometiam a satisfação. Madalena, as pernas lhe faltavam

— Otávio.

Lágrimas. Os olhos choravam, o corpo elevava-se no convulso entrecortado; as mãos tremiam entre as suas. Por que choram as mulheres quando precisamos odiá-las? Suas pernas desapareceram sob o serrote, e ela entregava-se ao marido, voltara, esquecera a traição, enganava-se a si mesma, roubara-o, dera-se quando já não se pertencia. Por que choram as mulheres quando precisamos odiá-las?

— Ajude-me a passar para a cadeira de rodas. Conversaremos lá fora.

Os condutores têm seus métodos próprios de conduzir. Quatro mulheres empurraram aquela cadeira pelo mesmo caminho, mas a trajetória jamais se repetiu. Levava-o a ternura, a conformação, a sensualidade, mas agora era Madalena; algum instinto mecânico despertou no carro, parecia que as pernas rotacionavam, sabia para onde ia; pela primeira vez sabia o caminho.

— Não. Sérgio não sabe. Estamos em São Paulo, vim ao Rio só, visitar mamãe, mas precisava vê-lo... Você deve saber.

El cuerpo tiene más hambre
o el alma? ...»

Repôs a mão morna no invólucro vazio, deixando que os olhos mergulhassem nos abismos sucessivos. Não havia perguntas a fazer. Dois meses sem pernas; quanto tempo ainda dependeria delas? Madalena estava ali, junto dele, reconduzindo-o ao caminho perdido, mas as pernas? Como poderia acompanhá-la, quando partisse?

As palavras amontoaram-se na sofreguidão de libertar-se, mas os lábios ardentes de Otávio sacrificaram, protestos de desejos e gritos de desespero. As pernas ausentes não o permitiam erguer-se à altura do colo moreno, adivinhando atrás do vestido verde; as mãos desesperadas agarravam-se a Madalena num gesto de socorro.

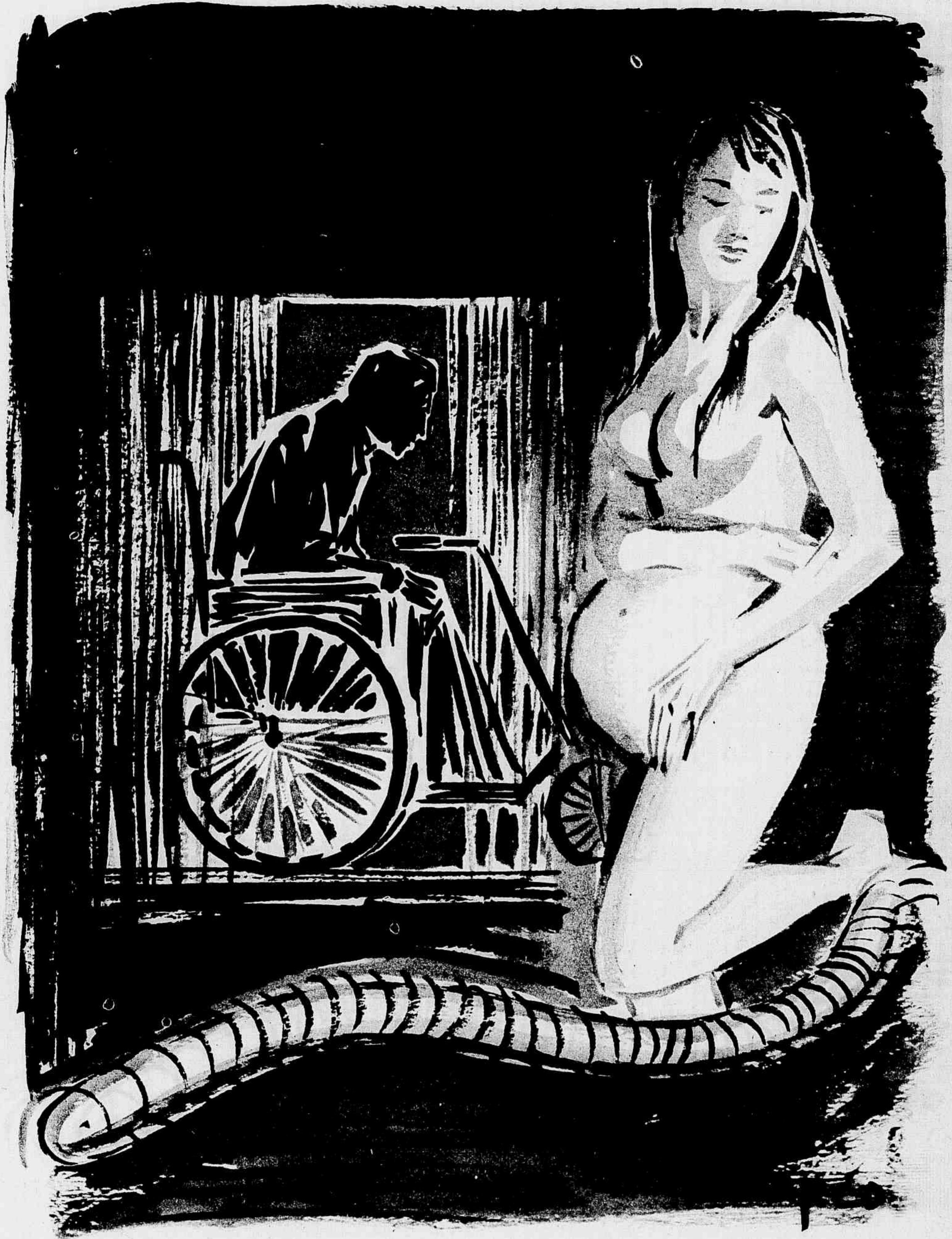
— Otávio, vou ter um filho.

— Nosso filho?

— Não sei, Otávio; seu ou de Sérgio... não tenho certeza.

Seu. Era seu filho, ele sabia. Precisava das pernas, queria abraçar Madalena, sair correndo a comunicar aos amigos. Seria pai, completaria-se. Era seu filho, tinha certeza; Sérgio fora ludibriado mais uma vez.

(Cont. no próximo número)



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Desenho de RAMÓN

Especial para a Revista da Semana — Copyright Keystone e Pierre Horay

O maciço montanhoso de Gorolesié dispõe de numerosas reservas uraníferas, mas o minério é pobre e seu enriquecimento custa muito caro. Mais tarde, consegue-se trazer o minério bruto de Joachimstal, bem mais rico. Se Garekine colocou o grupo 8 neste lugar afastado foi para ocultá-lo mais facilmente à curiosidade e pô-lo ao abrigo de um ataque aéreo. Enquanto isto, a grande central de Sterlitamak fornece energia à vontade.

O vale de Tchortov Dol é uma região oval de cerca de quarenta quilômetros quadrados. Ao norte encontra-se o grupo residencial. No primeiro plano ergue-se o edifício do Instituto, de três andares, e depois as residências ajardinadas do pessoal livre da direção. Em seguida, o bairro dos técnicos, dez vezes maior que os outros grupos. A maior parte dos seus moradores são prisioneiros. Finalmente, em posição tanto ou quanto excêntrica, está o «bloco comunal». Atualmente — em novembro

de 1942 — a colônia conta com aproximadamente oito mil homens, dos quais a grande maioria se acha alojada no «bloco comunal», em barracas. Após a construção dos estabelecimentos previstos, dos quais quatro quintos ainda estão por construir, poderá comportar uma população de 40 a 60.000 habitantes.

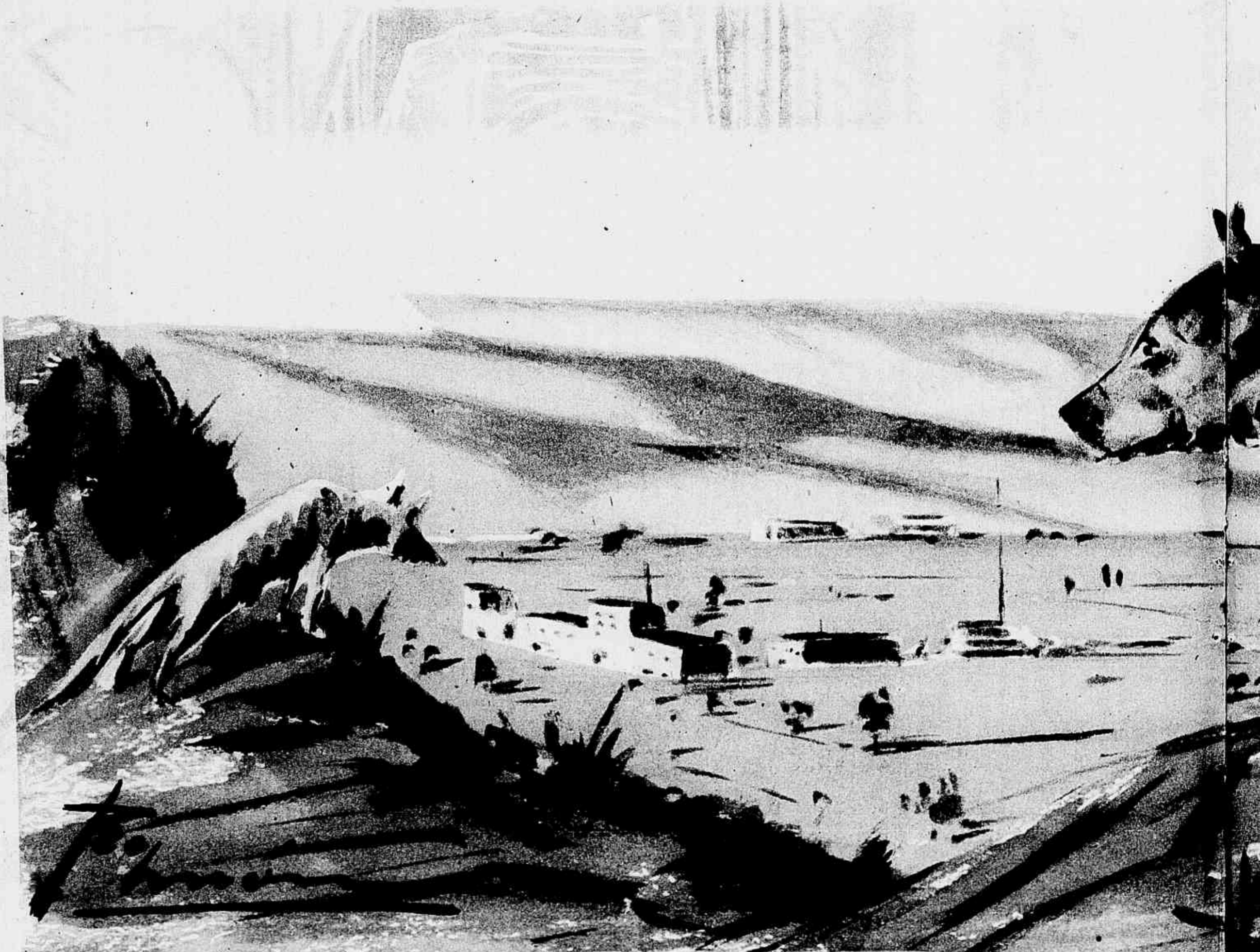
Dos 8.000 homens que formam o efetivo atual, uma décima parte é de trabalhadores «livres», que assinaram contratos de trabalho com o Estado. Eles podem se fazer acompanhar de suas famílias. E salvo uma honrosa exceção, toda a correspondência com o mundo exterior é interdita. Esta colônia não tem nome. Não sofre grandes dificuldades de trazer um apelido, pois possui um número para uso secreto, e isto é o bastante. Não dispõe também nem de Soviet (Conselho), nem de sindicato e nem de tribunal. A direção, invisível mas poderosa, substitui todos esses órgãos. A situação legal é bastante simples. Ou o indivíduo é «livre» ou «sujeitado». Mas o trabalhador livre transforma-se facilmente num «sujeitado». E uma prisão, dentro do perímetro, geralmente significa a execução imediata. Um comando especial da N.K.V.D. regula tudo isto. O delito mais freqüente é um olhar de soslaio, uma tentativa de comunicação com o exterior.

A diferença de regime entre o trabalhador «livre» e o «sujeitado», reside essencialmente no número de horas de trabalho. O trabalhador «livre» não deve trabalhar mais que oito horas diárias. Enquanto o «sujeitado» suporta uma jornada de 10 a 13 horas. Porém, sua média de trabalho é de onze horas. O indivíduo «livre» recebe o seu salário integralmente. O «sujeitado», segundo o grupo ao qual pertence, recebe entre 20 e 60 por cento do salário normal. Trata-se, praticamente, de regime de economia forçada, uma vez que 20 por cento do salário é o suficiente para um trabalhador comum. Mas de que serve esta economia, se não é possível gastá-la fora do «perímetro atômico»? De resto, a vida é praticamente a mesma para todos. Quase todos os trabalhadores, livres ou não, podem ir ao cinema ou ao teatro (os chamados «clubs»). Não existem receptores de rádio de uso pessoal, como ocorre em toda a Rússia. Dos alto-falantes sai a palavra correta da Rádio de Moscou (a única emissora admitida).

NÃO SE PODE SAIR DA ZONA TABU

A zona habitada não ocupa uma quinta parte do vale. Após uma zona intermediária começa o verdadeiro «objeto» atômico com suas usinas. Ao sul, acham-se as casas que servem de lojas, distantes de quatro a cinco quilômetros da zona habitada.

O vale é cercado por uma cadeia de colinas, seguindo-se depois um outro vale. Este vale exterior oferece possibilidades de aterrissagem e de



decolagem para aviões do tipo mediano. Mandou-se construir um campo de pouso em Jumai e outro perto de Sterlitamak.

Quatro passagens comunicam Tchortov Dol com o mundo exterior. Duas delas são herméticamente fechadas; as outras funcionam, uma como entrada e a outra como saída. Existem dois postos de trânsito. Uma coluna de caminhões se dirige para uma dessas estações. Os motoristas saltam de seus veículos e imediatamente tomam lugar numa outra coluna que vem de descarregar, e partem. A carga dos caminhões é protegida por uma equipe especial da cidade atômica.

Fora, no vale de proteção há uma dezena de postos florestais. Cada guarda florestal leva consigo dois ou três cães. Todo mundo sabe que os guardas não podem chamar seus cães quando estes surpreendem uma pessoa perdida na região. Tudo ali se acha rigorosamente isolado do resto do mundo. Não se pode conceber uma evasão.

Somente um pequeno grupo, umas vinte pessoas mais ou menos, tem direito de sair da zona. É o chamado grupo de ligação ou de contato. Nêles estão incluídos, além do professor Kurtchatov, os seus dois primeiros assistentes Flerov e Petzak. Ninguém pode sair sozinho. É necessário estar acompanhado de pelo menos uma pessoa.

No avião que conduz Kurtchatov, Béria, Kapitza e Ioffe reina um silêncio glacial. Ninguém ousa pronunciar uma palavra.

Após a aterrissagem no vale circular, eles se entregam de corpo e alma ao trabalho, nos edifícios do Instituto. Estão integrados no «laboburo», que é uma abreviação de «Bureau do Laboratório». É a sede da direção das pesquisas.

Mesmo como membro do G.K.O. e comissário superior em assuntos atômicos, Béria e os três sábios são submetidos a um quádruplo exame corporal antes de lhes permitirem a entrada no edifício central.

Após um ligeiro repasto, todos começam a trabalhar. A Ioffe, Kapitza e Kurtchatov e seus dois auxiliares vêm se juntar sete outros técnicos e pesquisadores. Silencioso, mas atento, Béria acompanha os debates. Esforça-se por calcular a duração aproximada do plano de trabalho. Os primeiros cálculos são terminados: são necessários nada menos de dezoito meses para se levar a efeito a primeira explosão.

Após mais sete horas de discussão, durante a qual Kapitza intervém raramente, o prazo é reduzido para quinze meses.

Os trabalhos prosseguem noite a dentro, até ao meio dia. Béria deve voltar para Moscou.

O ÚLTIMO PRAZO

Enquanto isto, chega-se à conclusão de que o prazo deve ser reduzido para um ano. Estamos a 15 de novembro de 1942.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Kapitza e um numeroso grupo de sábios trabalham ativamente na Sibéria, cumprindo um gigantesco programa de pesquisas atômicas. A finalidade era dar à União Soviética a supremacia neste setor. Enquanto isto, vários literatos, tendo à sua frente o conhecido Ilya Ehremburgo, empreendem poderosa campanha de desmoralização contra os referidos físicos, com o fito exclusivo de desorientar os observadores ocidentais. Os trabalhos se prolongam demasiadamente. Kapitza é chamado a Moscou, onde conferencia com Stalin, Malenkov e Béria. Este último, que é o mentor político do plano, estabelece um prazo de um ano para que Kapitza e Kurtchatov realizem a primeira explosão atômica soviética, que seria também a primeira da história. Estamos em princípios de 1943. O limite final do prazo concedido se aproxima.

Béria não é um físico. É um engenheiro de pontes «quase diplomado». Entretanto, ele conhece vagamente o problema e reconhece que os cientistas precisam de, no mínimo, um ano para atingirem o fim visado.

O engenheiro vê, mas o chefe é quem fala:

— Último prazo: 15 de maio de 1943, professor! E comecem a trabalhar com afinco!

Kapitza dá de ombros.

Dois dias depois, Kapitza e Ioffe voltam à Moscou. Ambos ajudaram da melhor maneira a Kurtchatov, mas este não conseguiu reduzir o prazo imposto. Na quinta-feira seguinte, os dois sábios são convocados por Stalin.

— Então, Kapitza? — Pergunta este. — Quando chegaremos ao fim?

— Nunca antes de um ano — responde Kapitza, com simplicidade.

— E você, Abraão Feodorovitch, que acha disso? — Torna Stalin, voltando-se para Ioffe.

— Bem antes disto, Jossif Vissarionovitch.

— Excelente. Quanto tempo?

— Trezentos e sessenta e quatro dias, Jossif Vissarionovitch — replica Ioffe, retendo um sorriso.

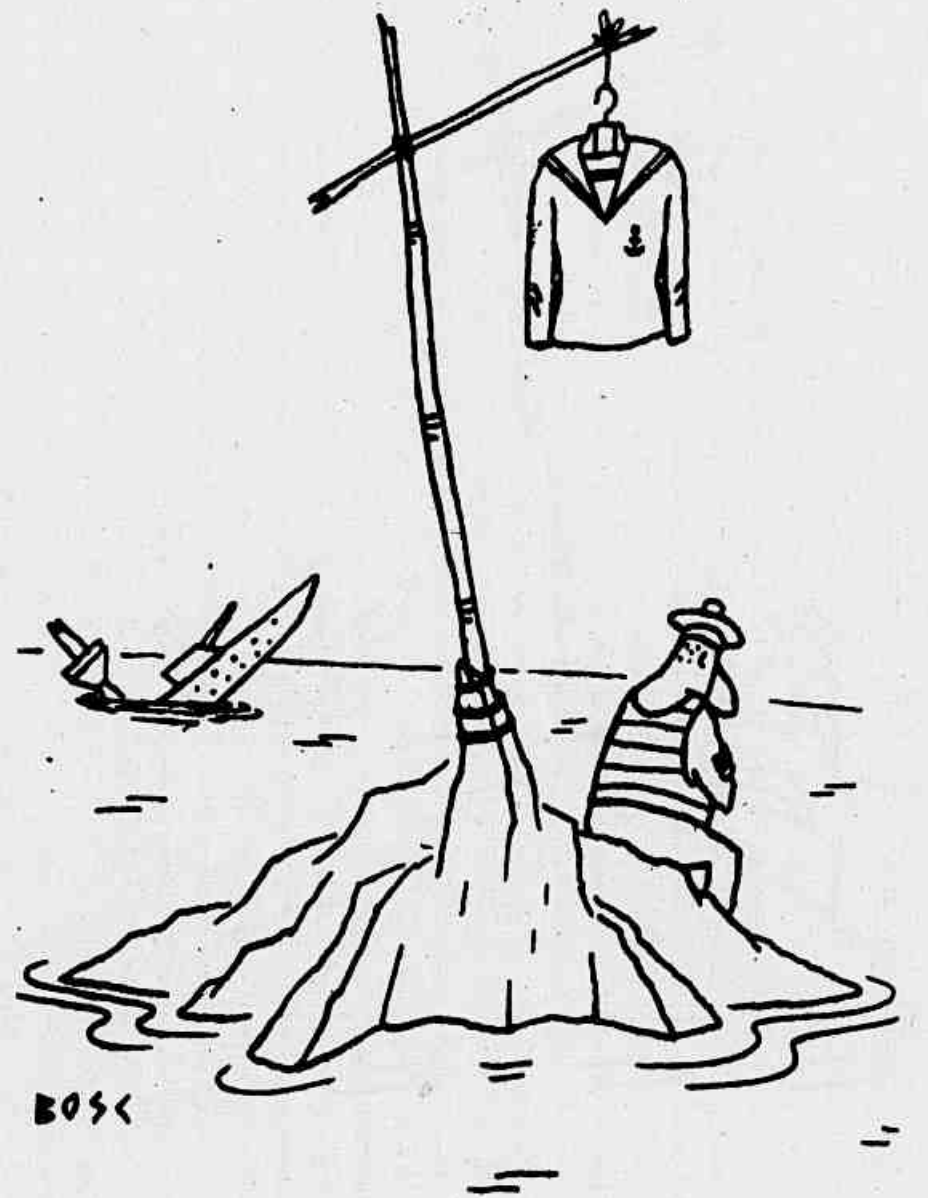
Stalin se mostra surpreendido.

— Quero crer que a coisa irá mais depressa. Bem mais depressa!

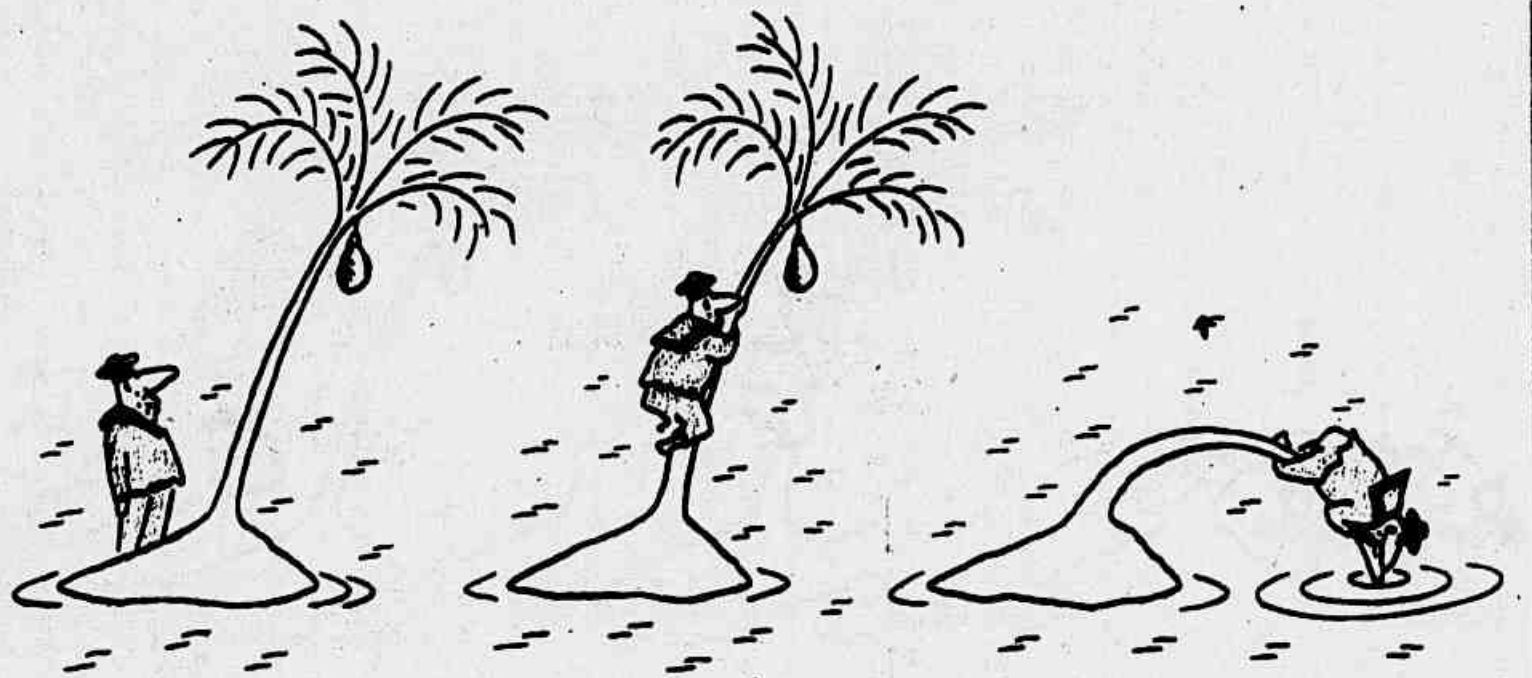
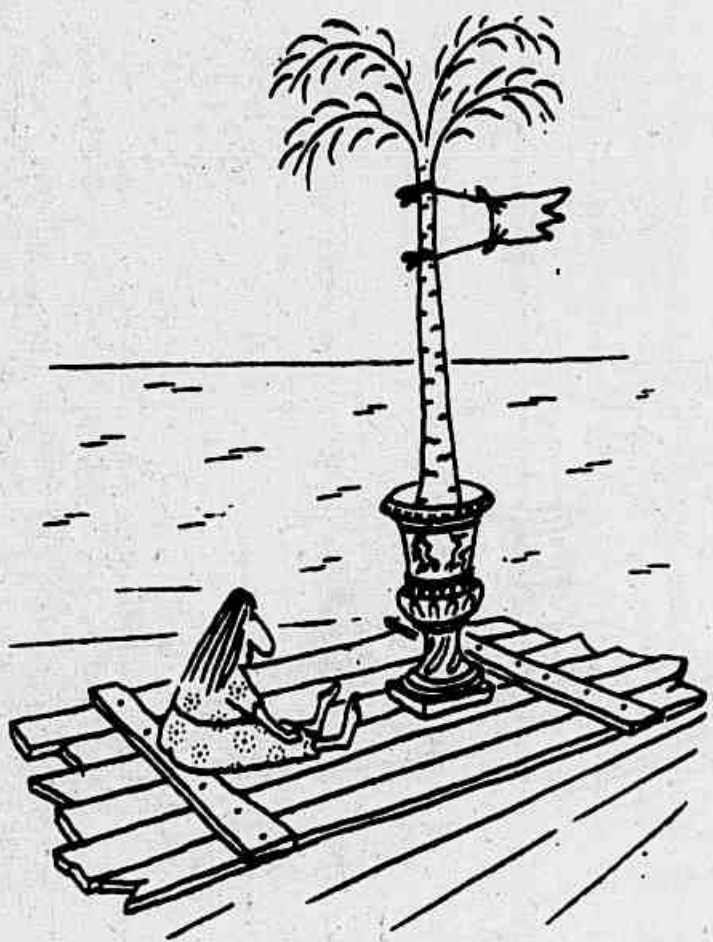
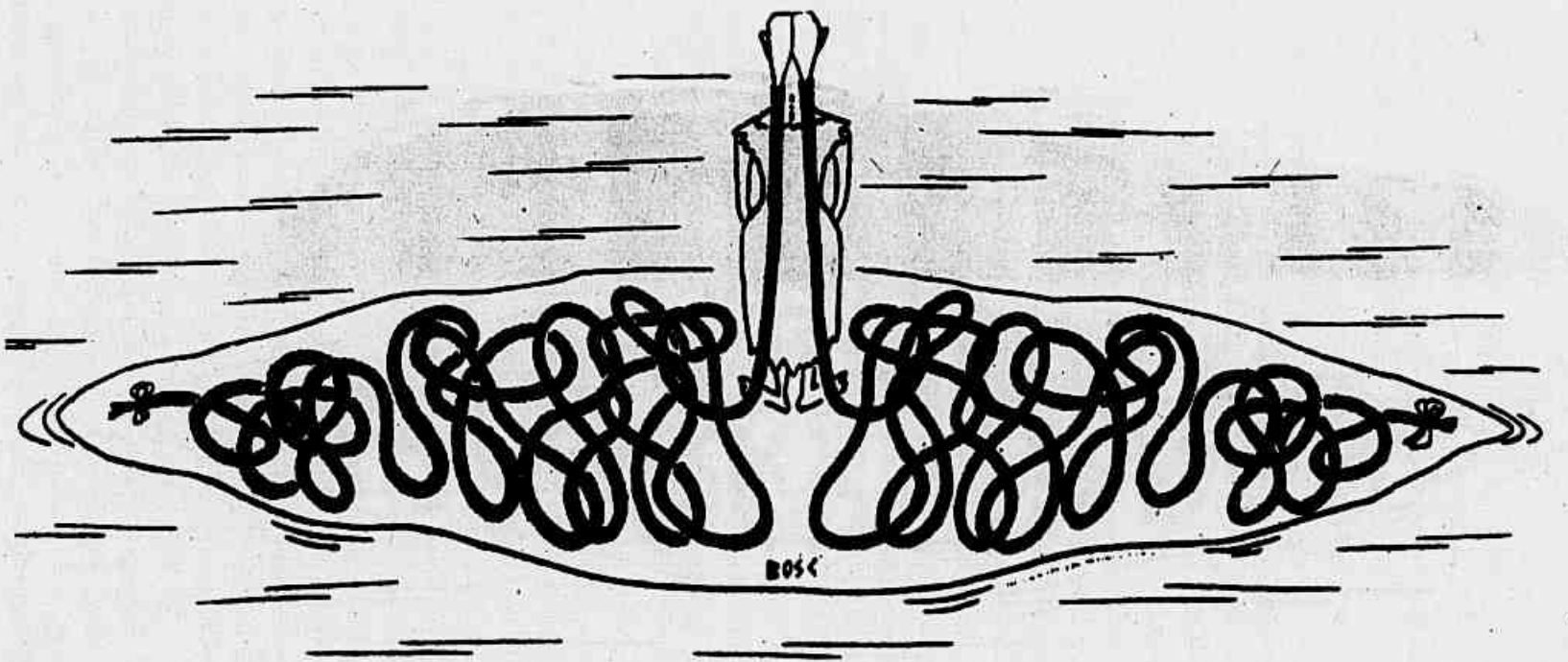
É o fim da reunião hebdomadária.

(Cont. na página 58)





O RISO
DOS
OUTROS



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Elmano Sadino era o pseudônimo de:
 - Manuel Bandeira?
 - Marquês de Sade?
 - Bocage?
- 2—Que é gado de Proteu:
 - carneiros?
 - peixes?
 - nuvens?
- 3—Morreu aos 28 anos:
 - Rafael?
 - Corregio?
 - Masaccio?
- 4—Lumière inventou:
 - isqueiro?
 - cinema?
 - televisão?
- 5—«Sifilis» é o nome de um poema de:
 - Erasmo?
 - Sebastian Brandt?
 - Girolamo Fracastorio?
- 6—Coelho Neto morreu em:
 - 1922?
 - 1938?
 - 1934?
- 7—Qual desses três escritores não foi político:
 - José de Alencar?
 - Álvares de Azevedo?
 - Francisco Otaviano?
- 8—O Limburgo é uma província:
 - do Luxemburgo?
 - da Bélgica?
 - da Holanda?
- 9—Erasmo é pseudônimo de Geert Geertsoon; significa:
 - O Sático?
 - O Digno de ser Amado?
 - O Solitário?
- 10—Ao nosso «etc.», corresponde, em alemão, o:
 - a.s.o.?
 - enz.?
 - usw?
- 11—As vestais que traçam seu voto de castidade eram atiradas do alto da:
 - Montanha Célia?
 - Rupe Tarpeia?
 - Montanha Aventina?
- 12—Desses rios, qual o que não fica na Itália:
 - Guadalquivir?
 - Rodano?
 - Yang-tse-Kiang?
- 13—A que santo é dedicado o Escorial:
 - San Tiago?
 - San Lorenzo?
 - San Isidro?
- 14—Qual desses quípers foi também boxeur:
 - Aimoré?
 - Batatais?
 - Tadeu?
- 15—Erzerum está situada na:
 - Armênia?
 - Sibéria?
 - Lituânia?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Bocage; 2 — peixes; 3 — Masaccio; 4 — cinema; 5 — Girolamo Fracastorio; 6 — 1934; 7 — Álvares de Azevedo; 8 — da Holanda; 9 — O Digno de ser Amado; 10 — usw; 11 — Rupe Tarpeia; 12 — nenhum fica na Itália; 13 — San Lorenzo; 14 — Tadeu; 15 — Ar-
mênia.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Igo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Álvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!

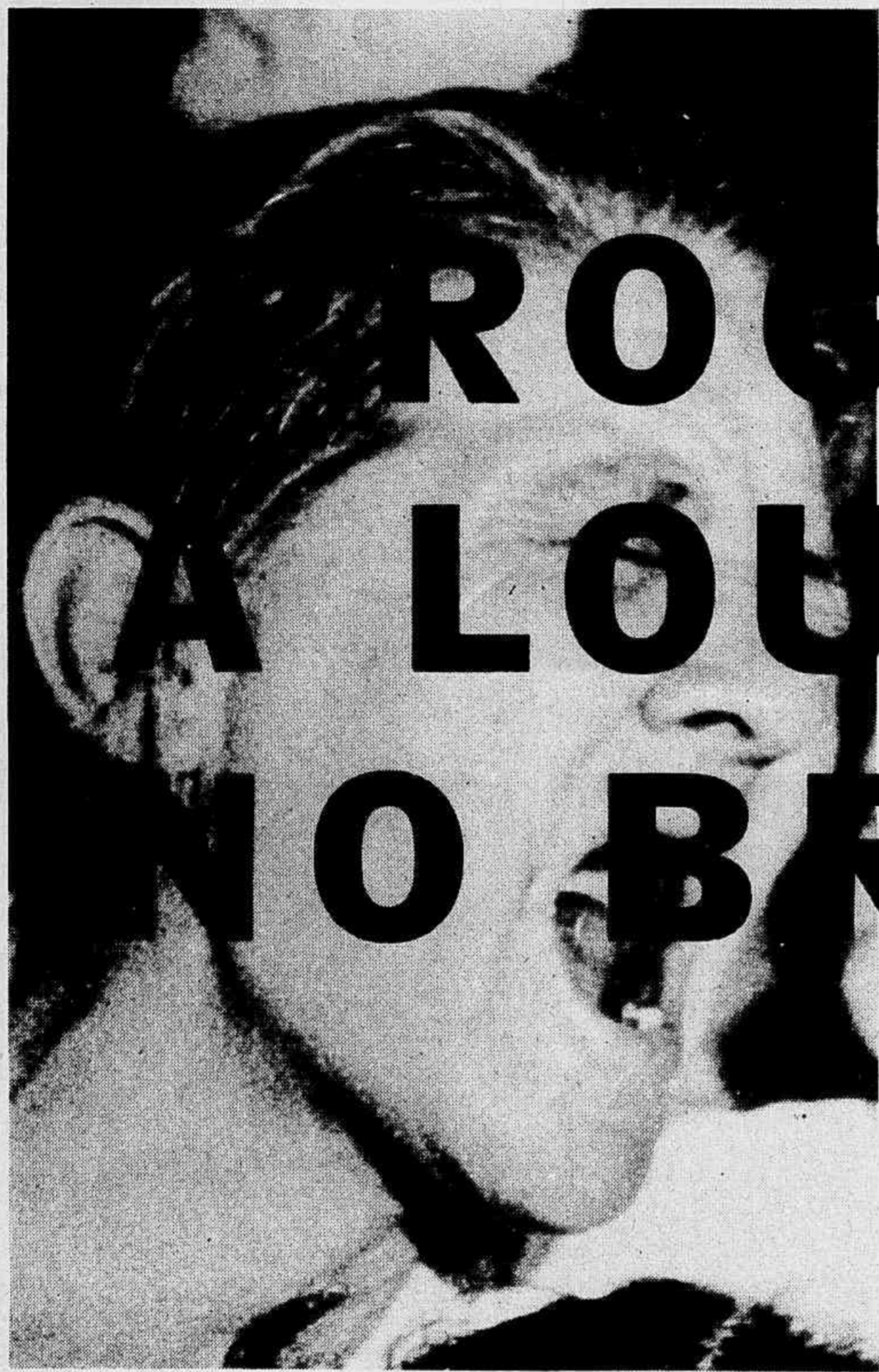


EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO EB-5

LENTA, MAS FIRMEMENTE:



PROGREDI A LOUCURA NO BRASIL

VERDADEIRAMENTE ALARMANTE A MARCHA DAS DOENÇAS MENTAIS, EM NOSSA TERRA ★ DE DEZ ANOS PARA CÁ, QUASE TRIPLICADO O NÚMERO DE ENFERMOS MENTAIS ★ ESQUIZOFRENIA, A ENFERMIDADE MENTAL MAIS COMUM EM NOSSOS MANICÔMIOS ★ CENTO E VINTE MIL LOUCOS, NO BRASIL ★ LOUCURA E VIDA CONTEMPORÂNEA ★ MEDIDAS QUE SE DEVERIAM TOMAR ★ DEPOIMENTO DE PROFESSORES, CIENTISTAS E PSICÓLOGOS A RESPEITO DO PROGRESSO VERIFICADO, NO BRASIL, PELAS ENFERMIDADES MENTAIS

Reportagem de **MARY WESP**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

E' VERDADEIRAMENTE alarmante o surto que vêm tomando, entre nós, as doenças mentais. Nossos hospícios estão repletos, e já não podem mais receber as centenas daqueles que — às vészes, até sem o saber — estão a braços com enfermidades mentais. A trepidante vida contemporânea, a cada vez maior angústia que parece ser a característica da civilização contemporânea, as dificuldades de toda espécie, a civilização ultra-mecanizada que nos cerca, tudo concorre para o aumento da população de nossos hospícios. No intuito de proporcionar a seus leitores dados concretos a respeito, **REVISTA DA SEMANA** procurou ouvir a opinião de vários especialistas em doenças mentais, apresentando-lhes um questionário que a seguir reproduziremos:

1. — Está a loucura progredindo, no Brasil?
2. — a que atribuir tal fato?
3. — que medidas seriam precisas para evitá-lo?
4. — há relação entre arte contemporânea e loucura?
5. — e entre vida contemporânea e loucura?
6. — qual a população de nossos hospícios?
7. — qual a doença mental mais comum, entre nós?

Os professores Lysnias Marcelino da Silva, diretor do Serviço Nacional de Moléstias Mentais, Jurandyr Manfredini, clínico chefe da Faculdade Nacional de Medicina, Emilio Myra y Lopez, do I.S.O.P., Henrique Roxo, da Liga Brasileira de Higiene Mental, Hélio Gomes, catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil, e Fernanda Barcelos, docente de Sociologia da Universidade do Brasil, tecem, em suas respostas, interessantes considerações a respeito do assunto palpitante. O professor Mauricio de Medeiros, atual ministro da Saúde, procurado por nossa reportagem, infelizmente não pôde responder ao nosso questionário, alegando falta de tempo e compromissos inadiáveis.



HENRIQUE ROXO

Professor Emérito da Universidade do Brasil, Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, Catedrático (aposentado) da Faculdade Nacional de Medicina.

1. — Sim.
2. — Principalmente os desajustados na vida familiar e na social. Os abalos emotivos. Há uma vibração intensa no mundo. Uma inquietação generalizada. A pessoa nervosa sente mais que as outras.
3. — As medidas que me parecem indispensáveis para controlar a atual situação, seria cumprir os preceitos de higiene mental. Fazer aquilo que há tantos anos preconizei: multiplicar ambulatórios em que os fronteirços e as pessoas já com as primeiras manifestações de doença mental fôssem atendidas gratuitamente, já se lhes fazendo aplicações de psicoterapia. Depois seriam transferidos para o Pavilhão de Observação e Hospital de Agudos, em que aqueles doentes tratáveis e curáveis em prazo de 3 meses ficariam recebendo todos os tratamentos modernos. Depois passariam para as Colônias de Alienados, em que a terapêutica pelo trabalho e a distração seriam indispensáveis. Todo e qualquer doente deve sofrer, sempre, minucioso exame. Em hipótese alguma deve ficar sem tratamento. A psicanálise, nos casos adequados deve ser aplicada, mesmo nos hospitais de indigentes. Os problemas de sexualidade muito importam, e no meu livro digo ser opinião de Freud que, com uma vida sexual normal, é impossível a neurose.
4. — Não vejo realmente relação entre arte contemporânea e loucura.
5. — A vida moderna muito influi para o crescimento do número de doentes mentais. Não há tranqüillidade. Há uma luta permanente. Cada qual quer auferir mais proventos.
6. — Impossível responder, pois faltam-me dados.
7. — As mais comuns são a esquizofrenia e a psicose maníaco-depressiva. As psicoses ligadas à sífilis estão menos freqüentes, desde que se empreguem a penicilina e o bismuto. Tabes e aneurisma são hoje em dia raridades. A paralisia geral é menos freqüente. As psicoses alcoólicas também diminuiram.



FERNANDA BARCELOS

Docente de Sociologia da Universidade do Brasil, autora de vários livros, como «Psicodiagnóstico através do desenho infantil», «Sociodiagnóstico», etc.

1. — Pelo que dizem as estatísticas nunca houve tão grande número de doentes mentais quanto agora. Os sanatórios estão repletos, precisa-se entrar na fila até para um internato de doente em hospital psicopático.
2. — Carrel nos faz meditar profundamente sobre suas causas quando indaga sobre as repercussões que trarão ao sistema nervoso as novas descobertas, os novos ruídos, as novas armas de guerra. A industrialização trouxe mudanças fundamentais para o aspecto da família. Fêz mudar a face da terra — e o homem se debate em conflitos morais e econômicos desconhecidos de épocas antigas e daqueles que vivem em zonas rurais.
3. — Além das medidas profiláticas, clínicas, etc., que não me compete analisar, além das medidas de âmbito mais geral que estão ligadas à corrida econômica entre os povos, à inflação entre nós, à guerra, etc., acho que poderíamos melhorar muito (um políptico útil) se dêssemos às gerações novas uma educação diferente, um novo senso de vida. A higiene mental, e educação dos adolescentes para o casamento, a orientação dos pais e mestres em regras de pedagogia, viriam amenizar os conflitos íntimos, as preocupações, os desajustamentos conjugais, pais, filhos, etc., causas, muitas vezes, senão únicas, pelo menos concorrentes das doenças mentais. Nós vivemos enclausurados, perdemos, completamente, o contato com a natureza. Família nossa, nas cidades, só se distrai em ambientes mais confinados, ainda, que os apartamentos: cinemas, teatros. Acho que uma vida ativa como o escotismo para a mocidade, um programa novo para as famílias incluindo «pic-nics», excursões, divulgação maior de todas estas idéias através de cursos públicos, gratuitos, seriam remédios para a situação.
4. — Li há pouco tempo que o maior pintor do Japão é débil mental... Pouco entendo de arte para responder com exatidão à pergunta e não gosto de soluções simplistas.
Se tem aumentado assustadoramente o número de doentes mentais, este aumento incide sobre a vida contemporânea que, por sua vez, segundo vários tratadistas é a causa daquelas doenças mentais... Karen Horney, num magnífico livro sobre o assunto «La personalidad neurotica de nuestro tiempo» aponta estas relações numa análise tão profunda que gostaria de remeter os leitores da «Revista da Semana» àquela obra. Também, para quem se interessa pelo assunto, na parte de prevenção dos desajustes, há livros como os de William Stekel — O matrimônio moderno, Cartas às mães; os de Ch. Buhler e outros: Los problemas de la infancia y la maestra; o de Ofélia Boisson Cardoso: Problemas da infância (Editôra Melhoramentos).

PROGRIDE A LOUCURA NO BRASIL



HÉLIO GOMES

Catedrático de Medicina Legal da Universidade do Brasil e da Universidade do Rio de Janeiro, autor de um tratado de Medicina Legal clássico.

1. — Sim. O número de alienados está crescendo no Brasil. Calcula-se em 2 por mil a cifra de doentes mentais entre nós. Sendo a população do país de 60 milhões, segue-se que temos atualmente 120 mil alienados. Dêsse número estão excluídos os oligofrênicos, isto é, os idiotas e imbecis — atrasados ou retardados mentais — que, por sua vez, representam outros 120 mil indivíduos mentalmente prejudicados.
2. — Atribuo essa deplorável situação a diversos fatores, que passarei rapidamente em revista:
 - a) As principais causas da loucura (predisposição constitucional, sífilis, alcoolismo, baixo-espiritismo) atuam largamente entre nós, sem combate rigoroso e eficiente, atirando milhares de brasileiros na loucura.
 - b) A assistência aos alienados e a higiene mental, apesar dos inegáveis progressos dos últimos anos, são ainda deficientes no Brasil. Attingem a milhares de doentes e deficientes mentais que vivem pelas ruas das nossas cidades e vilas, inteiramente desassistidos de qualquer proteção, procriando outros desequilibrados.
 - c) As demais causas da loucura encontram terreno preparado na nossa falta de educação eugênica e higiênica, na desnutrição generalizada do povo, na instabilidade das populações camponesas (êxodo rural, abandono dos campos), nas comoventes migrações forçadas por calamidades climáticas (sêcas do Nordeste), na falta de habitação, no desconforto das favelas, no consumo da maconha, a erva maldita...
 - d) A imigração nem sempre selecionada trás para nosso país muitos anormais psíquicos, que, via de regra, têm seu estado mental agravado pelos problemas, às vezes dolorosos, do reajustamento a novo meio, a novos ambientes, a novas profissões.
 - e) Finalmente, fator ponderável de numerosos distúrbios mentais e nervosos vem a ser as complicações e atribulações da vida moderna, a estafa física e psíquica, os excessos sexuais e alcoólicos, a instabilidade da vida econômica, a insegurança permanente, o barulho urbano excessivo... O homem contemporâneo, por isso mesmo, é um inquieto, um nervoso, um intranquilo, um angustiado, um nevrosado, um doente, que facilmente pende para a loucura.
3. — As medidas destinadas a reduzir o número de doentes mentais entre nós são de conhecimento quase que popular: tratar precoce e adequadamente a sífilis; combater o abuso das bebidas alcoólicas e do uso da maconha; melhorar as condições de vida das populações; ampliar as medidas de assistência aos doentes mentais; difundir a higiene mental; baixar o custo da vida; combater, na medida do pos-



EMILIO MYRA Y LOPEZ

Professor de Psiquiatria da Universidade de Barcelona em 1933, de Psicoterapia da Universidade de Buenos Aires até 1943, Diretor Técnico do I. S. O. P. da Fundação Getúlio Vargas, desde 1948, com inúmeras obras publicadas em vários idiomas.

1. — Não tenho estatísticas válidas para poder responder com segurança quanto à loucura, porém posso afirmar que progridem as neuroses.
2. — O aumento das neuroses é devido às maiores dificuldades que a vida e as pressões sociais atuais apresentam.
3. — Organizar uma campanha pró saúde mental, com amplo apoio dos Ministérios de Saúde e de Educação. Melhorar também as condições materiais de vida da população.
4. — A Arte é sempre a expressão duma personalidade através duma técnica; a arte contemporânea é distorsionada e torturada porque também o são os artistas que a criam.
5. — Aumentando as exigências e diminuindo as satisfações. Cada dia se reduz a franja existente entre o proibido e o obrigatório.
6. — Não tenho dados atualizados. Podem ser fornecidos pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais.
7. — As modalidades esquizofrênicas.

sível, o sensacionalismo e as complicações da vida moderna... Dar paz de espírito e saúde de corpo aos homens.
4. — A neurose contemporânea, atingindo a número imenso de homens, não poderia poupar a arte e os artistas. Mas muitos artistas superam as contingências ambientais. O tema não me é familiar, por isso o deixo para quem o conheça.
6. — Nos Hospitais Psiquiátricos de todo o Brasil existem internados cerca de 40.000 alienados. No Distrito Federal são 5.000 os internados em hospitais públicos. Quanto aos internados em Casas de Saúde e Hospitais particulares não tenho dados para avaliar o seu número. Os alienados criminosos, internados no Manicômio Judiciário, são em número de algumas centenas.
7. — A doença mental mais comum é a Esquizofrenia.



LYSANIAS MARCELINO DA SILVA

Docente de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina, Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais.

1. — Em 10 anos, o aumento do número de doentes mentais internados no Brasil foi da ordem de 40%, e o movimento nos consultórios de higiene mental subiu a mais de 200%, quer dizer, triplicou.

2. — Há vários fatores concorrendo para esse tremendo aumento de internações e de consultas. Um deles diz respeito com a propaganda e educação sanitária, isto é, uma maior difusão entre o público de noções e informações relativos às enfermidades do espírito. Não há dúvida de que a nossa população tem sido, nos últimos decênios, melhor esclarecida sobre o assunto, através de conselhos, palestras, conferências, folhetos instrutivos, e sobretudo pela ação educativa de certos órgãos de mais direta penetração junto às massas, como a imprensa, o rádio e a televisão. É por esse motivo que, sempre que um indivíduo começa a manifestar sintomas de distúrbio mental, a família já sabe que deve sem demora levá-lo ao médico ou ao hospital. Outro fator importante é a melhoria verificada no padrão assistencial de nossos estabelecimentos, quer públicos ou particulares. Antigamente os hospitais metiam medo. Havia «asilos de loucos», que acorrentavam os agitados; e outros, em que os doentes sofriam fome e frio, pela irregularidade das refeições e pela escassez das roupas. Muitas famílias preferiam tratar os seus doentes em casa. Essa fase de atraso, felizmente, já foi superada.

Controlados ou fiscalizados pelo governo federal, os hospitais psiquiátricos e as casas de saúde para internação de doentes mentais, em todo o território nacional, vêm dia a dia melhorando as suas instalações e os seus métodos de tratamento, atraindo assim a confiança do público. Essa é uma das razões da procura dos hospitais, que se verifica atualmente.

3. — Há duas medidas mais urgentes a serem adotadas: primeiro, intensificar a profilaxia, pelo melhor aparelhamento dos dispensários de higiene mental e também com a extensão da educação sanitária, a todas as camadas da população, ainda não alcançadas pela propaganda de ensinamentos úteis sobre as doenças mentais; em segundo lugar, prover os estabelecimentos psiquiátricos de uma melhor aparelhagem assistencial.

Toda gente sabe como vivem superlotados os nossos hospitais. A superlotação não favorece uma boa assistência, por melhor boa vontade que haja da parte dos médicos, enfermeiros e administradores.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o maior hospital psiquiátrico, em tamanho, é o Pilgrim State Hospital, no Estado de Nova York, que abriga cerca de 12.000 pacientes. Os recursos de que dispõe, em dólares, para manter os internados e pagar a enfermeiros e médicos, é qualquer coisa de assombrosamente elevado. Não lhe faltam verbas. Mas, ainda assim, o hospital não se acha classificado entre os de padrão assistencial razoável, visto ser ponto pacífico que a assistência a doentes mentais nos grandes aglomerados hospitalares se torna extremamente difícil.

Exemplos também temos aqui, entre nós: os psiquiatras paulistas se queixam de que não é possível conseguir melhor assistência no Hospital de Juqueri, que compreende vários órgãos instalados numa vasta fazenda, abrigando um total de aproximadamente 13.000 doentes! E também no Rio temos o exemplo da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, que abriga cerca de 4.000 doentes, não sendo aconselhável aumentar a sua capacidade, sob pena de ficarem prejudicados os serviços assistenciais, que felizmente, vão sendo conduzidos a contento.

Medida útil, e urgente seria, pois, a construção de uma nova colônia, em outro local do Distrito Federal, e também um hospital de agudos, tipo pronto-socorro psiquiátrico, que atendesse às emergências que ocorrem diariamente no setor urbano, principalmente nas zonas central e sul. O aumento e a melhoria das instalações nos Estados são também necessários. O governo federal vem procurando suplementar os recursos estaduais para esse fim, e temos esperança de que nos próximos orçamentos da União sejam consignadas verbas adequadas para atender a um plano de maior desenvolvimento da rede hospitalar psiquiátrica em todo o país.

5. — Nos países de grande progresso industrial, como os Estados Unidos da América do Norte, a Inglaterra e o Canadá, o avanço da civilização está sendo, em parte, responsabilizado pelo aumento do número de doentes mentais. Uma incidência de 5 por mil na população, como ocorre atualmente nos Estados Unidos (mais da metade do total de leitos hospitalares existentes naquele país está sendo ocupada por doentes mentais!), é uma cifra bastante elevada. Admitem os cientistas que a vida hodierna trepidante, o esforço competitivo exagerado, a avalanche dos problemas financeiros e econômicos, a corrida para o sucesso sem obediência ao ritmo usual para o qual o homem havia sido preparado por gerações anteriores, de hábitos mais calmos ou menos tumultuosos, podem ocasionar desajustamentos, tensões e impactos emocionais que, em última análise, se responsabilizam pela eclosão de vários distúrbios mentais. Não quer isso significar que devemos renunciar à civilização e às suas conseqüentes vantagens, em vista da incriminação acima apontada. Um melhor equilíbrio mental se consegue quando se põem em prática os preceitos da moderna higiene do espírito. Mesmo nos ambientes de grande tensão nervosa pode-se viver, sem maiores complicações, uma vez que a personalidade do indivíduo esteja preparada para enfrentar as situações, e também lhe seja propiciada a assistência que se fizer mister nas ocasiões em que ele se ressentir do impacto das circunstâncias ou do meio.

6. — Pelo último censo estatístico coletado em 31 de dezembro de 1954, existiam internados no Brasil 42.210 doentes mentais. O número de estabelecimentos da especialidade, registrados no Serviço Nacional de Doenças Mentais, é de 140, dos quais 48 mantidos pelos governos estaduais e federal, e 92 por entidades particulares. Existem ainda 8 ou 9 pequenos sanatórios que não completaram o registro ou ainda não o iniciaram. Duas terças partes dos doentes mentais estão recolhidas a estabelecimentos públicos. Aqui no Distrito Federal acham-se internados 6.435 doentes, dos quais 5.191 em hospitais pertencentes ao governo da União, e o restante em 19 sanatórios ou casas de saúde. Convém notar que o número de doentes novos, admitidos pela primeira vez nos hospitais psiquiátricos, vem crescendo sensivelmente. No ano de 1954, foram admitidos 31.838 doentes novos, em todo o território nacional, sendo que no Rio 5.833. Das cifras acima deduz-se que a rotatividade dos nossos hospitais é bastante grande, ou em outras palavras, a demora do doente é relativamente curta. É claro que uma certa percentagem de doentes exige tratamento longo, ficando retida por um ano ou mais. Daí a razão da superlotação que se observa em quase todos os hospitais, apesar do crescimento incessante do número de leitos.

7. — A mais freqüente é a esquizofrenia, também chamada «demência precoce», por atacar os indivíduos ainda jovens. De acordo com recente apuração realizada no Serviço Nacional de Doenças Mentais e abrangendo as primeiras admissões nos 85 maiores hospitais psiquiátricos do Brasil, no período de 3 anos, entre 1951 e 1953, chegou-se à conclusão de que as maiores incidências, em ordem decrescente, tinham a esquizofrenia (27%), psicose maníaca depressiva (10%), alcoolismo e toxicomanias (10%), oligofrenias (8%), epilepsia (7%) e em proporção mais ou menos igual (5%) a sífilis, as neuroses e as psicoses senis ou por lesões cerebrais. Tem-se constatado, nos últimos anos, uma sensível diminuição dos casos de psicose devidas à sífilis. O mesmo, infelizmente, não se poderá dizer com relação ao alcoolismo, que tem conservado sempre a sua posição nefasta nas estatísticas.



JURANDYR MANFREDINI

Docente Chefe da Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina, autor de «O Casamento — Psiquiatria Forense», em colaboração com Maurício de Medeiros.

1. A resposta a essa pergunta depende de que se queira entender pela palavra «loucura».

Se a intenção da pergunta é incluir também os casos chamados fronteiriços, os neuróticos, as anomalias de conduta e os pequenos deficientes de inteligência, aí o problema muda muito de figura. Tenho a impressão de que vem realmente aumentando o número desses fronteiriços, sobretudo dos psiconeuróticos e dos anômalos de conduta, que hoje pululam de uma maneira impressionante em toda a parte. Os quadros de angústia, de pensamentos obsessivos e de depressão irritável multiplicam-se cada vez mais. E o mesmo se pode dizer dos sintomas hipocondríacos e das neuroses psicossomáticas (alterações e lesões orgânicas de origem psíquica), que aumentam tanto como se fossem verdadeiras doenças contagiosas. Também parecem em grande moda e em crescente incidência as terríveis depressões do fim da maturidade, isso tanto na mulher como no homem. Mais do que no passado, a aproximação da velhice traz uma violenta crise de insegurança, de desânimo profundo e de sentimento de ruína. A par desse aumento de neuróticos de toda a espécie, vê-se, igualmente, um chocante aumento dos doentes da conduta ético-social, desde os pequenos anômalos de temperamento (esquizóides, paranóides, etc.) e pequenos desequilibrados (instáveis, mitomanos, etc.) até os grandes impulsivos, amorais, psicopatas criminosos e, enfim, todas as formas aberrantes de sexopatias.

Entre as variedades que me parecem numa prosperidade alarmante: a impulsão ao álcool, o que só tem feito aumentar; a criminalidade psicopática (basta ler diariamente as páginas de ocorrências policiais dos jornais) e as anomalias e aberrações da vida sexual, que a atualidade não só aceita, como estimula e até glorifica.

2. Como já disse, os casos de alienação mental (psicoses e demências) têm sofrido um influência natural e espontânea, a do crescimento da população.

E por que aumentam os fronteiriços (os neuróticos, os anômalos de conduta e os débeis)? Esta pergunta envolve uma resposta muito complexa e extensa, que não seria possível dar inteiramente aqui. Em primeiro lugar, surge um grupo de fatores indiscutíveis e poderosos, que muitos querem pôr em dúvida e até desconhecer, mas que estão ligados a determinismos biológicos situados muito acima de todo livre-arbítrio humano: as influências inumeráveis, umas bem definidas, como o álcool, a sífilis, os traumatismos durante a gestação, etc.; e outras bastante presumíveis, como os distúrbios endócrinos parentais, antes e depois da fecundação.

Sem dúvida, permanecem ainda desconhecidas muitas possíveis influências genéticas e embrionárias, entre elas as que dizem com o estado psíquico e emocional dos geradores.

Que numerosos tóxicos (avultando entre todas as bebidas alcoólicas) e que vários agentes iniecciosos (notadamente o germe e as toxinas da sífilis) agredem as células germinais e os gametas, malefician o óvulo e o embrião, — eis o que está hoje acima de qualquer contestação. Esses tóxicos, essas inieções, bem como traumatismos de gestação e de parto, além de fatores imponderáveis, — respondem por uma boa parte dessa humanidade de astênicos e de imaturos constitucionais, em cujo terreno

(Cont. na página 48)

JORGE GUINLE CONVERSA EM TEMPO DE JAZZ

Entrevista de BOLIVAR COSTA

O mundo inteiro tomou conhecimento do estrago que o já célebre «rock and roll» — por muitos considerado como a mais recente música jazística norte-americana — andou fazendo na Europa. O lançamento do filme que primeiro difundiu internacionalmente esta loucura musical, provocou a depredação de um cinema na Holanda; cenas de extrema violência na Inglaterra e chegou mesmo a determinar o aparecimento do «gangsterismo» entre a mocidade escolar italiana. A imprensa do Velho Mundo ocupou-se largamente do «rock and roll», repudiando os efeitos maléficos que o seu ritmo produz sobre o sistema nervoso dos ouvintes. Chegou-se, finalmente, à conclusão de que se tratava de um sinal de decadência do «jazz». Entretanto — é o que dizem os entendidos — o «rock and roll» não tem qualquer parentesco com o «jazz»; é uma forma musical estereotipada, cujo ritmo só visa a provocar uma convulsão epilética e, conseqüentemente, a depravação da receptividade.

Tais divergências nos levaram a procurar um grande conhecedor do assunto para com ele elucidarmos certos pontos obscuros, mormente no que se refere às diferenças entre o «jazz» propriamente dito e as diversas outras formas musicais de «caráter jazístico» existentes nos Estados Unidos.

Jorge Guinle, o milionário que escuta «jazz» desde 1926, possuidor da mais alentada e preciosa discoteca brasileira no gênero e autor do conhecido «Jazz Panorama», recebeu-nos com a sua habitual simplicidade. Sua «alta fidelidade» enchia a saleta com um raríssimo «thriller» do famoso Charlie Parker.

— Uma beleza!... E quanta bossa!

— Charlie é o maior — disse com uma pontinha de entusiasmo.

— Coisas que somente o negro americano é capaz de fazer, não é isso, Jorge?

— Embora muita gente pense o contrário. Mas neste ponto, sou cem por cento intransigente: o «jazz» é uma arte negra por excelência.

— Quer dizer, então, que o «jazz» branco, se é que existe, não merece atenção?

— Até certo ponto. Como imitação do «jazz» verdadeiro, sim. Mas o diabo é que o branco tem ânsias de perfeição formal, idéia já muito arraigada e que de maneira alguma se coaduna com a expressão negra, que se baseia no improvisado e possui um conteúdo emocional bastante acentuado.

— Mas sempre ouvimos dizer que o «jazz» é muito intelectualizado?

— Isso não, meu caro! Se o fundamento do «jazz» é o improvisado e é na inflexão sonora que está a sua grande virtude, como, então, acusá-lo de cerebrino? E depois, é preciso não esquecer que a música jazística desperta certas forças subconscientes do ouvinte, e produz um verdadeiro transe, que é precisamente a comunhão entre o intérprete e o ouvinte.

— Mas que espécie de comunhão é esta?

— Comunhão com coisa alguma. Muita gente me chateia quando eu digo que o «jazz» tem muito de existencialista, de sartriano. Não sei porque, mas sinto que o ritmo, a inflexão e a improvisação «para o instante» tendem constantemente para o NADA.

O «long-playing» de Charlie Parker chegou ao fim. Jorge levantou-se e foi até à sua estante, onde mais de 1.000 LPs estão alinhados por ordem cronológica. Gravações feitas a partir de 1897 e passadas para o vinilite, graças aos processos modernos. Desfilaram ante os nossos olhos discos de King Oliver, Louis Armstrong, Jelly Roll Morton, Sidney Bechet, Basie-Lester Young, Charlie Parker.

— Agora olhe aqui. Estes discos são a vergonha da minha discoteca. E entregou-nos dois discos de Harry James. Tentamos defender o famoso pistonista:

— Jorge, cuidado com as idéias preconcebidas. Afinal de contas, o Harry é mundialmente famoso.

— Mas é um mistificador. Deus me livre de compará-lo aos grandes «clássicos» que você tem aí nas mãos.

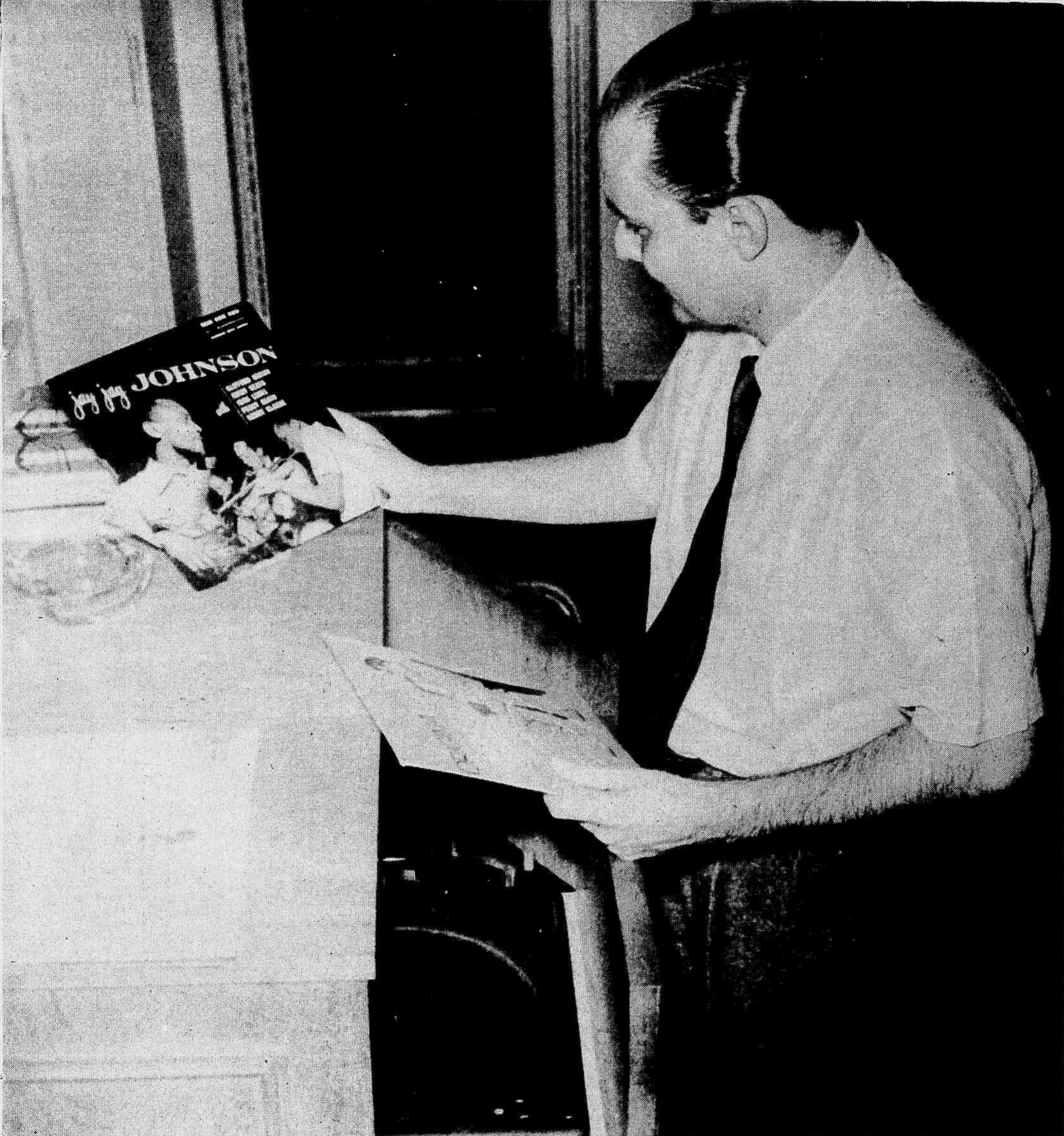
— Todo esse barulho é só porque ele comercializa o «jazz»?

— Não é só por isto, não. E como não dizemos a mesma coisa de um Benny Goodman, por exemplo, que é um dos maiores comercializadores da música jazística? Este, pelo menos, tem uma personalidade forte. Sabe aproveitar os elementos de que dispõe.

— E isto que está tocando agora? É um «dixieland»?

— Exatamente.

— E' «big», não?



JORGE GUINLE, que escuta «jazz» desde 1926, possuidor da mais alentada e preciosa discoteca brasileira no gênero, e autor do livro «Jazz Panorama».

— Mas é falso. O «dixieland» não passa de uma imitação branca do «jazz» negro.

— Esta não, Jorge! Você é purista demais! Neste caso, a que fica reduzido o «jazz»?

— E onde é que está o «blues»? E o célebre «bop», que ao meu ver é uma revivescência do Estilo Nova Orleans?

— Que dizer, então, do «rock and roll», que anda causando tanta iúria por este mundo a fora? A imprensa européia diz que é uma depravação do «jazz».

— Nada disto. «Rock and roll» nunca foi «jazz». Só tem valor como excitante. É uma forma musical tipicamente dirigida. Seu objetivo é provocar o sistema nervoso, envolvendo inteiramente o ouvinte com o seu ritmo artificial e contundente.

Jorge levantou-se, dirigiu-se novamente à estante e voltou trazendo um disco.

— Vamos fazer uma experiência?

— E' perigoso!...

Uma música frenética, completamente maluca invadiu o amplo e luxuoso apartamento da Praia do Flamengo. Sentimos o impacto do seu ritmo desesperado atuar sobre o sistema nervoso. Começamos a bater com o pé no soalho. Logo mais, as mãos, a cabeça e até mesmo o coração (!) já se haviam rendido ao estado bérberico.

— Bem, Jorge, vamos logo dando o fora senão os teus móveis acabam pagando pela brincadeira. Sinceramente! Estamos com uma vontade louca de depredar! E como não queremos te causar prejuízo...

Da porta de saída, ainda ouvíamos aquele torpor musical. Era uma gravação original de «Rock Around the Clock» do filme «Blackboard Jungle» (Sementes de Violência), que no ano passado fez estremecer o público cinematográfico.

CORRETORES (AS)

Predial Cruzeiro do Sul S.A. para lançamento do sensacional Plano Novidade, convida os snrs. e sras. que tenham vendido loteamentos, para venda externa, sem horário, de formidável mercadoria imobiliária, que virá revolucionar o mercado de imóveis.

Tratar diariamente das 9 às 18 horas, em sua sede, à Rua da Assembléia, 36 — 11º andar

N.B. — Não se trata de loteamento, nem capitalização.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

ÓLEO DE CEDRO



INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS

RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

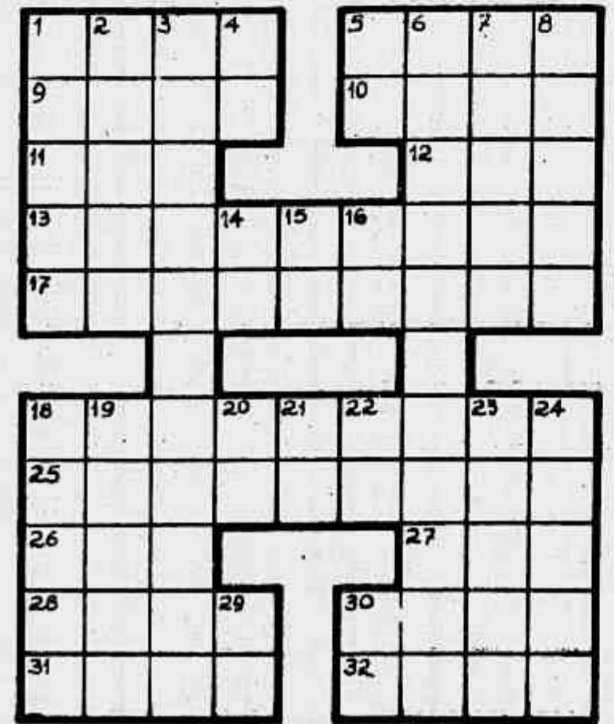
Tel.: 32-9415

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 144

PARA VETERANOS

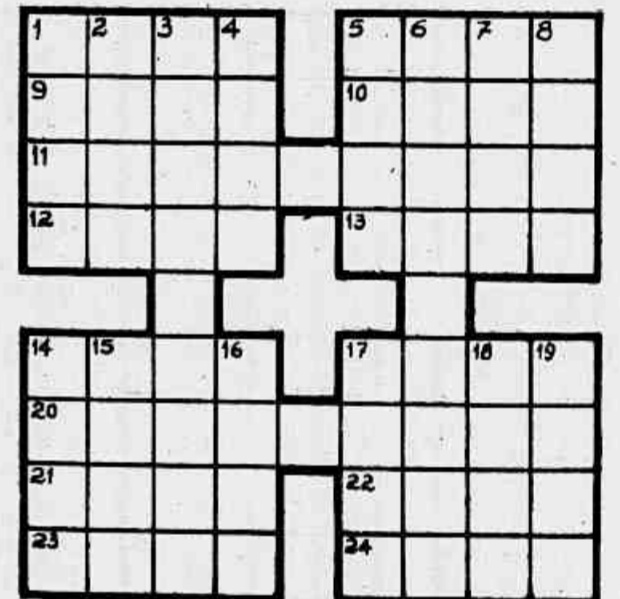
HORIZONTAIS: — 1. de mais! — 5. Cachaço — 9. Grande cópia (pl.) — 10. Cilada — 11. Sapo do Amazonas — 12. Epíteto que os chineses acrescentam ao nome dos seus deuses principais — 13. Inicial — 17. Colar e punhos com folhos (pl.) — 18. Planta hortense liliácea, cujo sabor é um misto de cebola e alho (pl.) — 25. Rajada de um vento do Mediterrâneo — 26. Terceiro — 27. Ilha da Iugoslávia, no Adriático — 28. Baterá — 30. Prossiga — 31. Comprar bezerras de ano para criação e engorda — 32. Arruela.



VERTICAIS: — 1. Bebida alcoólica da Índia — 2. Safar-se — 3. Extorsão escandalosa — 4. Mi-bemol na notação alemã — 5. Tratamento que antigamente o irmão mais moço dava ao mais velho — 6. Que não admite parcelamentos ou divisões — 7. Nascente — 8. Piroso — 14. Cidade da Bélgica — 15. Cidade santa do Indostão — 16. Psiu! — 18. Proteção — 19. Educar — 20. Símbolo do metal de peso atômico 107,88 — 21. Nota musical — 22. Sufixo designativo de serventia — 23. Aptidão — 24. Espécie de palmeira — 29. Aspecto — 30. Símbolo do estrôncio.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 5. Rosto — 9. Gritos, gemidos — 10. Lavram — 11. Fizera rabiscos — 12. Pequeno molusco do Brasil — 13. Rezar — 14. Fôlha de ferro estanhado — 17. Guarnecer de abas — 20. Que desperta apetite — 21. Ato de gozar — 22. Camareiras — 23. Verbal — 24. Pouco comum.



VERTICAIS: — 1. Casta; sem mistura — 2. Içar — 3. Qualidade de robusto — 4. Uma das cinco partes do mundo — 5. Peça de louça quebrada — 6. Serpente da região do Amazonas — 7. Extraordinária — 8. Querer bem — 14. Porção de água cercada de terra — 15. Aplicar — 16. Recife de coral — 17. Ligar — 18. Guarnecer de asas — 19. Mulher formosa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 143

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: cama — fala ora — rim — dulcifica — Omar — item — vejam — re — or — negam — bati — reta — atulmutua — lar — Rib — aral — doma.

VERTICAIS: codos — Arum — malaventura — aritmômetro — lice — amame — Ci — cré — fia — jog — abala — Eil — aru — caaba — atar — tuim — mi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cem — MLI — amar — maus — licoristas — rir — ata — cia — agi — marmelada — atai — arar — ras — asa.

VERTICAIS: cal — emir — macieiras — mastigara — luta — Isa — ror — mia — cata — ami — ala — idas — mar — ara.

◆ Na demonstração de aprêço que, anualmente o Jockey Club Brasileiro presta à Aeronáutica, ao ensejo da Semana da Asa, foi envolvida, desta vez, a figura do pioneiro da aviação, Santos Dumont, cujo cinquentenário da notável descoberta está sendo justamente comemorada pelo Brasil e outros países amigos. No Salão das Rosas, do Hipódromo da Gávea, antes do programa turfista, realizou-se o tradicional banquete à Aeronáutica. Em torno da diretoria do Jockey Club Brasileiro e de membros dos seus conselhos e comissões, sentaram-se à mesa o ministro Henrique Fleiuss, brigadeiro em funções de chefia nesta capital e o major-general Burton M. Hovey, da Missão dos Estados Unidos.



Discursa o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, entre o ministro Henrique Fleiuss, o brigadeiro Armando Ararigboia e o ministro Armando Trompowsky, 2º vice-presidente da sociedade. Em baixo: Os casais Mário de Azevedo Ribeiro e Henrique Fleiuss na Tribuna de Honra do Hipódromo da Gávea, em companhia das senhoras Armando Trompowsky, Vitor Cunha, Alberto Cavalcante e Júlio Moura.

Ao champagne, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro fez brilhante saudação. O presidente do Jockey Club Brasileiro, frisando o justificado orgulho com que todos os brasileiros evocam a figura gloriosa de Santos Dumont, na comemoração do cinquentenário do seu notável feito, disse que «o traço predominante do altruísmo e da bondade inclui o genial descobridor entre os benfeitores da humanidade, que não hesitou em conchamar o mundo civilizado à paz e à concórdia» — Depois de destacar o zelo com que as Aeronáuticas civil e militar exercem seus misteres e da satisfação com que o Jockey Club Brasileiro colabora com as autoridades e nas iniciativas do governo, recorda, com orgulho, que do seu quadro social saíram cinco ministros da Aeronáutica: Salgado Filho, Armando Trompowsky, Nero Moura, Vasco Secco e o atual titular brigadeiro Henrique Fleiuss. Em belo improviso, agradecendo a homenagem, falou o ministro da Aeronáutica, que começou por destacar a tradição do Jockey Club Brasileiro em prestar sua constante colaboração às forças armadas nas semanas com que anualmente reverenciam feitos e nomes de suas respectivas histórias. Acentuando a satisfação



NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

HOMENAGEM À AERONÁUTICA E AO GRANDE FEITO DE SANTOS DUMONT



Discursa o ministro Henrique Fleiuss, agradecendo a homenagem do Jockey Club Brasileiro.



Tocam-se as taças o ministro e o presidente do Jockey, ao término do discurso deste último.

real com que a Aeronáutica tem recebido o apoio da nossa grande sociedade turfista, que — declara S. Excia. — «não goza apenas da simpatia da Aeronáutica, mas da simpatia geral», passa o ministro Henrique Fleiuss a rememorar o feito de Santos Dumont, cujo valor e justiça das comemorações são salientadas. Por fim, disse que «a Aeronáutica se sentia feliz em passar aquele momento com tão digna sociedade».

A seguir, o ministro da Aeronáutica e demais participantes do ágape assistiram, na Tribuna de Honra, às corridas, que, diante do público numeroso, se desenvolveram. Após a realização do Prêmio Santos Dumont, que teve como ganhador o nacional Tattel, criação e propriedade respectivamente do dr. Peixoto de Castro Júnior e de d. Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, foi servida uma taça de champagne, tendo sido trocadas saudações entre o presidente do Jockey Club Brasileiro, o ministro da Aeronáutica e o dr. Peixoto de Castro Júnior. A sra. Zélia G. Peixoto de Castro ganhou uma taça, oferecida pelo ministro da Aeronáutica. Foi, enfim, uma festa magnífica a que o Jockey Club Brasileiro ofereceu à nossa gloriosa Força Aérea.

parada de modas e beleza no desfile final para a eleição de "miss" elegante bangu de 1956



Neste aspecto colhido no Copacabana Palace na noite do desfile, vêem-se entre outras pessoas de destaque social, o embaixador de Portugal e o dr. Guilherme da Silveira Filho.

CENTENAS de pessoas da alta sociedade brasileira compareceram aos luxuosos salões do Copacabana Palace, a fim de presenciarem o «Grande Desfile Final Bangu», como também a escolha da «Miss Bangu de 1956», realizados recentemente nesta capital. O acontecimento social, que sem dúvida alguma pode ser considerado como o maior e mais discutido do ano, teve dupla finalidade: mostrar aos presentes o aprimoramento técnico dos tecidos Bangu, e o inigualável realce que eles proporcionam quando transformados em elegantes vestidos, como os que as participantes do concurso exibiram à distinta e numerosa assistência, que ficou maravilhada com o deslumbrante espetáculo.



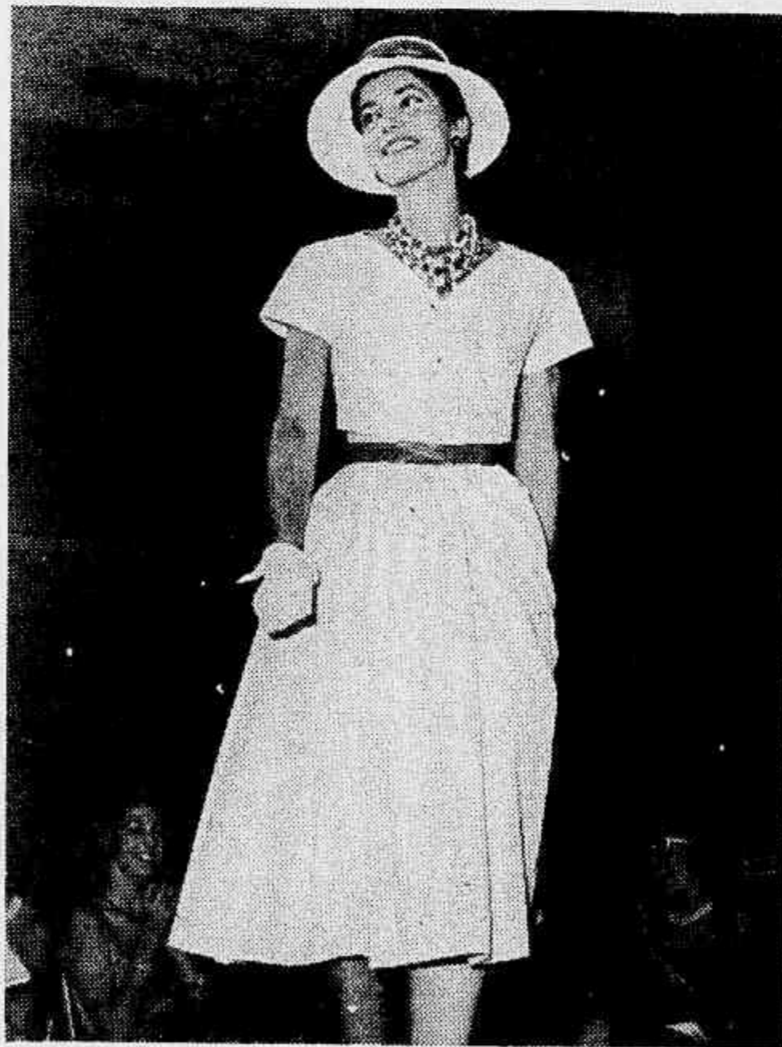
Maria Sônia de Araújo desfilando com deslumbrante vestido de passeio, confeccionado com «popeline» e «otoman» Bangu.



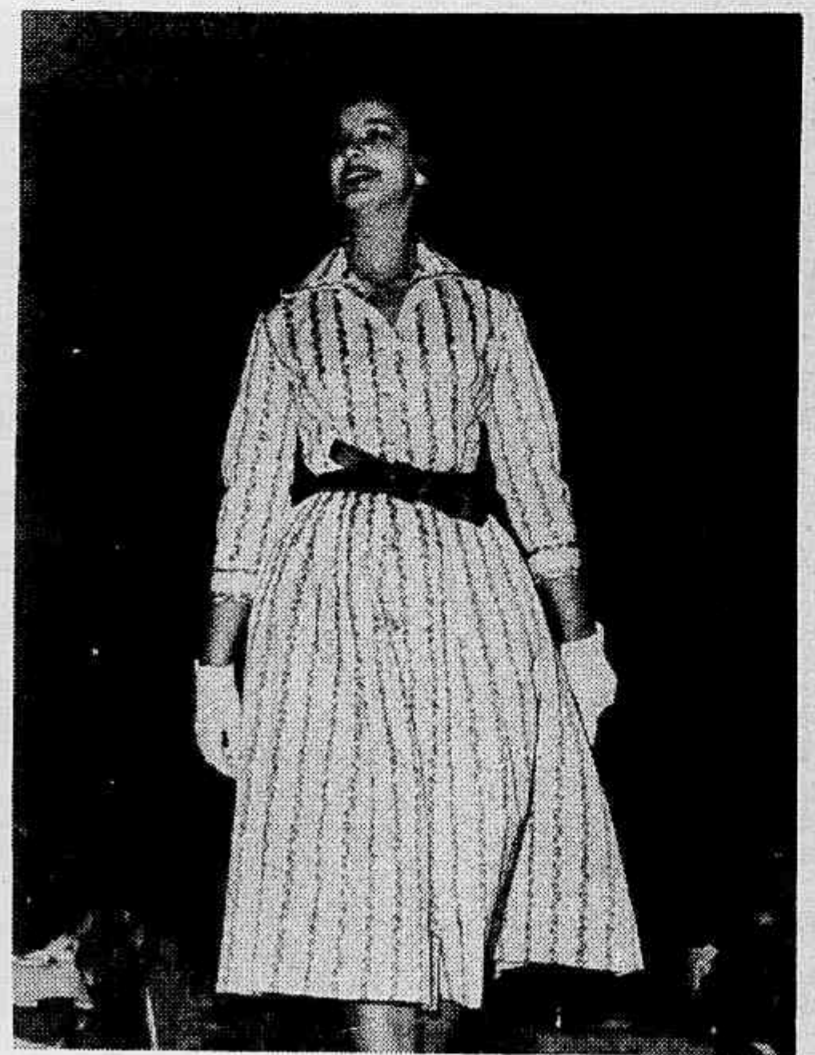
O prefeito, embaixador Francisco Negrão de Lima colocando a faixa na senhorita Maria Sônia Soares de Araújo, eleita «Miss Elegante Bangu, 56».



Senhorita Denise Chermale Barcelos, representante de Pôrto Alegre, ostentando lindo modelo feito com «popeline» Bangu, estampado.



Senhorita Zaida Saldanha, representante da Sociedade Hípica Brasileira vestindo gracioso modelo de «fustão» Bangu.



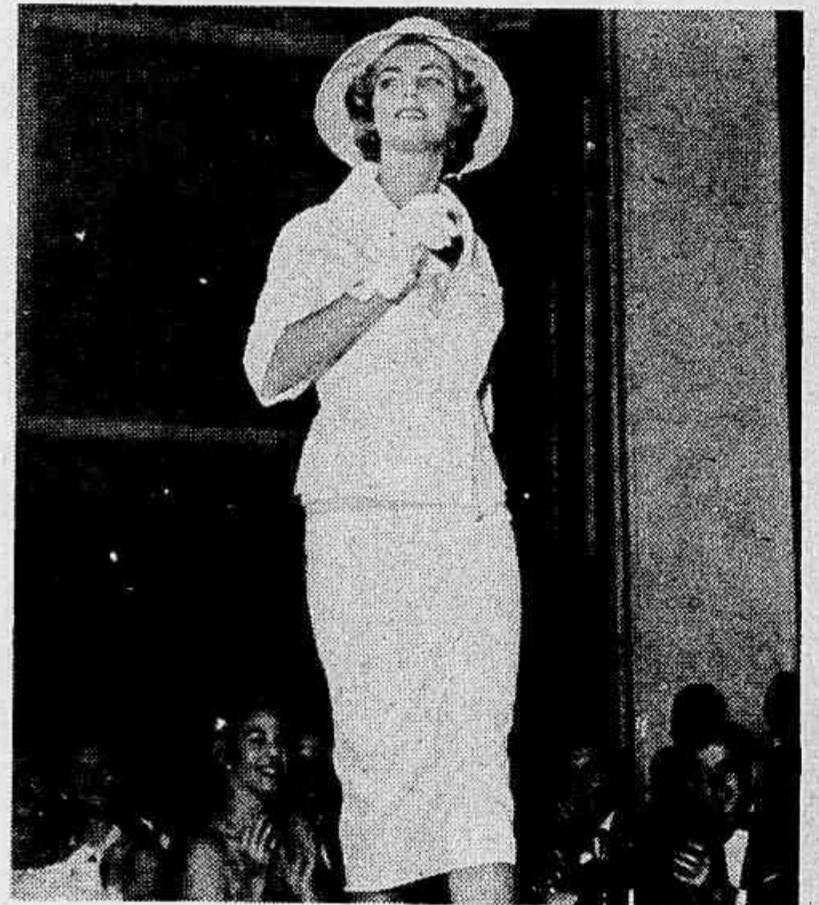
Mirtiz Bergamaschi, representante do Rio Grande do Sul, com original e elegante vestido de «fustão» estampado e bordado Bangu.



Srta. Maria Alice Leite Cesarino, representante do Clube da Aeronáutica exibindo encantador modelo com «fustão» azul-claro Bangu.

O julgamento da comissão que constitui o júri foi favorável à senhorita Maria Sônia Soares de Araújo, inegavelmente uma perfeita representante da beleza e elegância feminina brasileira.

Foi uma festa inesquecível àquela em que os fabricantes dos famosos tecidos Bangu, de tão singulares qualidades e padrões, puderam oferecer ao mundo social do país, reafirmando o seu elevado conceito no meio industrial da América do Sul.



Denise Leyraud, representante do Clube Militar, vestindo aplaudido modelo feito com «fustão» branco Bangu.



Destacam-se neste flagrante, entre outras figuras de projeção social, o embaixador da Itália, o D. Pedro de Orleans e Bragança, a princesa d. Fátima e o dr. Joaquim Guilherme da Silveira.



Ana Maria de Freitas, representante da cidade de Caxambu e Conceição Lirne Fernandez, representante do Tênis Clube de Santos, desfilando com vistosos modelos confeccionados com «organdi» puramente Bangu.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE NOVEMBRO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período continuará a fase favorável iniciada na semana anterior. Os melhores dias para qualquer iniciativa, serão 10, 11, 14 e 15. Nesses dias o leitor contará com um forte concurso de circunstâncias.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Se os seus negócios estão precisando de um reajustamento, aproveite a oportunidade que lhe vai ser oferecida. A semana lhe facilitará as iniciativas em tal sentido e ainda lhe dará um alto poder de sugestão.
- ★ GEMEOS (21/11 — 22/12) — A semana não lhe favorecerá a solução dos negócios em andamento. Não será conveniente, portanto, precipitar as coisas. Nos casos de urgência, adote uma solução provisória, evitando, assim, prejuízos maiores.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor terá muitas satisfações, durante a semana, na vida social e no meio doméstico. Na vida profissional, igualmente, tudo andarà a contento. Haverá, nos próximos sete dias, uma série de ótimos aspectos planetários.
- ★ LEO (21/1 — 20/2) — O influxo planetário da semana será fraco, no caso do leitor. Não será desfavorável, porém. Recomendamos, por isto, não alimentar ilusões, esperando grandes coisas, no transcurso dos próximos sete dias.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não assumam compromissos maiores, por escrito, principalmente, nos dias 12 e 16. O meio astral, nos dois mencionados dias, será o mais desfavorável para tais atividades. Os dias restantes lhes favorecerão os negócios.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá fortes ameaças de desentendimentos e de perda de amizades. A vida sentimental estará sob o bombardeio direto de Marte, não lhe oferecendo margem ou vantagens nas coisas do coração. Previna-se, pois.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A semana reclamará muita atividade de sua parte. De outro modo não terá um rendimento satisfatório. Não confie nas promessas de apoio, de ajuda. Na hora precisa os prometentes não aparecerão.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana será vazia, não terá expressão, em três setores distintos: o sentimental, o social e o doméstico. Nada do que estiver projetado atingirá o desfecho. Não obstante haverá possibilidade nos negócios.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os assuntos econômicos e financeiros receberão, na semana entrante, um forte impulso de Saturno, favorecendo-se, assim, a posição do leitor. Haverá folga quanto ao Caixa e facilidades de aquisição.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O leitor vai experimentar, nos próximos sete dias, um estado de certo abatimento psíquico ou espiritual. Um pessimismo generalizado se manifestará e produzirá efeito, fazendo-o perder boas oportunidades.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os dias pares da semana serão os melhores, no caso do leitor. As viagens e as mudanças serão beneficiadas se iniciadas em tais dias. O rendimento do seu trabalho será medíocre. É preciso fazer força para conseguir algo.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro, 10	—	Getúlio	—	Maria.
" 11	—	Claudionor	—	Alvinda.
" 12	—	Ivo	—	Reinalda.
" 13	—	Apolônio	—	Angela.
" 14	—	Custódio	—	Nina.
" 15	—	Salvino	—	Quelma.
" 16	—	Vanildo	—	Adilsa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

(Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich)

Novembro, 10	18° 4' 47"	(Signo do Escorpião)
" 11	19° 5' 8"	" " "
" 12	20° 5' 30"	" " "
" 13	21° 5' 53"	" " "
" 14	22° 0' 18"	" " "
" 15	23° 6' 44"	" " "
" 16	24° 7' 12"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros.

Record

AS AVENTURAS DE HANS STADEN

EDUARDO TOURINHO

DEIXANDO Bremen, ganhou Hans Staden a Holanda e em 1547 chegava a Lissebona — que era Lisboa. Devera ter sido soldado na Alemanha, pois como artilheiro engajou-se no barco de um certo capitão Penteadado, que se fez de vela para o Brasil.

A **Prannenbucke** — Pernambuco — chegou a 28 de janeiro de 1548. A pedido de Duarte Coelho, logo socorreu profligamente os «vizinhos» de Igarçu — implacavelmente assediados pelos Caetés.

Volto a Europa e na Sevilha de 1549 é contratado por Senábria para a guarnição de um dos três navios que vinha ao Paraguai. Mas — batido por duro temporal — desgarrá-se o barco em que estava Hans Staden e, rumo perdido, a 24 de novembro de 1549 aporta em **Superawai** — Superagui, na baía de Paranaguá. De uma igara que avistou, índios tupiniquins informaram aos navegantes particularidades da costa. Assim, na direção sul alcançaram certa ilha onde, numa cruz, leram este aviso: — «Si viene por ventura aquy la armada de Su Magestade, tiren un tiro y averon recado». Isso logo fizeram e de pronto aproximaram-se do navio cinco canoas índias. Numa delas estava um «cristão barbado» — Juan Hernandez, de Bilbao — que de Assunção mandara Irá para ensinar agricultura aos Carijós.

— Onde estamos? — inquiriram os navegantes.

— Em **Schirmorin**. — foi a resposta. Era Jurumirim — bôca pequena, na língua geral — que, afinal, era o canal da Ilha dos Patos, a Santa Catarina dos dias presentes.

E' quando Staden conhece a aldeia de Acutia — **aquêle que come de pé** — e é quando entre os nautas e os aborígenes são trocados anzóis, facas e tesouras por frutas e raízes. Três semanas depois chega o navio de Senábria. Mas quando os navegantes tentam deixar o pôrto um dos barcos naufraga e por dois anos ficam os espanhóis naquelas paragens.

Resolvem, por fim, alcançar Assunção: uns irão por terra e os demais no único navio que restava. Mas como em busca de recursos rumassem a S. Vicente, espatifa-se o barco contra uns baixios perto de Itanhaem.

x x x

Acolhido pelos moradores, consegue Hans Staden ser contratado como artilheiro para o tosco fortim de Bertioça, na barra da ilha de Santa Amaro. Foi quando — com cinco filhos de Diogo Braga e mais três cristãos — defendeu-se de violento ataque dos Tamoios, que incendiaram a taba dos Tupiniquins. Mas em 1553 — ao visitar Tomé de Souza a Capitania — a **casa forte** foi reconstruída de melhor forma e, tornado o Forte de S. Felipe, Staden teve o contrato renovado por quatro anos. Certo dia em que esperava a visita de Heliodoro Eobanos — feitor do Engenho dos Adornos, em S. Vicente — foi ver que caça apanhara seu escravo carijó. E' quando — de emboscada — aprisionaram-no os Tamoios. Em vão tentaram os portugueses libertá-lo. E' levado para **Uvatibi** — Ubatuba — e torna-se escravo de Iperu Wasu. Por mais de uma vez viu-se na eminência de ser abatido a golpes de tangapema e, em seguida, devorado pelos bárbaros. Vira outros cristãos — tal o mameluco Jorge Ferreira — acabaram assim. . . Mas salvou-se obrando **milagres**: — orando durante certa pescaria para que um temporal cessasse; curando, de outra vez, um doente de importância. A 31 de outubro de 1554 é resgatado pelo navio francês «Katarina de Vattauilla» e a 20 de fevereiro do ano seguinte desembarca em Honleür. Regressa a Alemanha e — dedicado a S.A. o príncipe Philipsen, conde de Nassau e Sarprück — publica em Francfort (1556) sua aventurosa **VIAGEM AO BRASIL**. Foi, depois, a obra vertida para várias línguas. A edição latina é de 1567 e quase vinte, em diferentes países, alcançou até o começo deste século.

Mas o melhor original é o de Marpurgo, aparecido em 1557 através da casa de André Colben e realizado pelo dr. Dryander. Contém numerosas gravuras ao gosto da época. Em Cassel, no ano de 1664, entre desenhos para a obra encontrou e publicou o grande Winckelmann o retrato tido como de Hans Staden.

A primeira versão do livro para o português foi feita — através da coleção francesa «Ternaux Compans» — pelo historiógrafo Alencar Araripe. Apareceu, em 1892, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1925, teve em S. Paulo uma edição dirigida por Monteiro Lobato. Mas a melhor tradução — conforme o texto de Marpurgo — data de 1900 e fé-la Alberto Löfgren. Revista e anotada pelo benemérito Teodoro Sampaio, foi em 1930 reeditada pela Academia Brasileira de Letras e contém uma «Nota Preliminar» de Afrânio Peixoto.

x x x

Nesse livro hoje clássico, narra Staden — a par de dramáticas aventuras — a vida e costumes dos Tamoios, «gente bonita de corpo e fei-



Hans Staden, segundo o retrato (Cassel, 1664) encontrado entre desenhos para a obra e publicado pelo grande Winckelmann.

ções, tanto os homens como as mulheres», somente queimados do sol, sem barbas, orelhas e lábios furados, sempre nus e sempre a guerrear.

Conta como foi levado ao bravo Cunhambebe — Konyan-Bebe, fala arrastada — o poderoso morubixaba que Villegagnon conheceu e que ao redor de 1560 encerrou seus dias. Dêle falou com admiração André Thevet e para a França levou sua tangapema «capaz de abater um boi».

Conta o que cortiu como escravo de Iperu Wasu. Descreve a cena passada na aldeia de Tyquarype — **Na água do poço** — durante o sacrifício de um prisioneiro. Leu Staden uma oração de certo livro que possuía e como desabasse forte temporal, zangaram-se os selvagens com êle. Disseram-lhe então: — «Apomirim jurupary ybytu uaçú omô», **Aquêle diabinho (o livro) é que trouxe o furacão**. Mas isso não impediu o suplício. Antes de tombar entretanto, disse a vítima: — «Os valentes morrem na terra dos inimigos. A nossa é ainda grande. Os nossos me hão de vingar em vós». Fala do **Poracé** — «reunião para folguedo ou para dançar» — ao festejar o selvagem o amadurecimento dos cajuais ou a colheita da mandioca. Descreve como se fabricava o **cauim**. Enumera múltiplas árvores, entre as quais o precioso pau-de-tinta. Alude ao algodão, à pimenta, às raízes alimentícias. Cita pássaros. Discorre sobre os bichos que lhe pareceram mais curiosos: — «serwoy» — que é o gambá; «attun» — o bicho de pé; **tigres**, as onças e, ainda, morcegos e abelhas.

Volto Hans Staden à pátria em 1555 e, no dia 10 de novembro desse ano, Villegagnon — a sonhar com a «França Antártica» — chega a Guanabara e na ilha de Sergipe ergue o forte de Colligny.



As reminiscências do fotógrafo JORGE DE CASTRO, narradas a GASPARINO DAMATA.

AS JABUTICABAS

◆ O arquiteto-paisagista e também pintor de renome Roberto Burle-Marx, no início de sua carreira, levou muitos calotes, inclusive de gente rica, passou por muitas decepções... A sua luta para se impor não foi deste mundo! Os quadros que vendeu e nunca recebeu um tostão, os «arranjos» que fez para mesas de condes e marqueses sem nunca ver a côr do dinheiro... A maior de tôdas, porém, das muitas que sucederam ao Roberto, foi esta: um dia o falecido Marquês de Saavedra mandou chamá-lo. O ilustre nobre lusitano queria que o artista fizesse o jardim de sua bela residência, de Petrópolis. O Roberto ficou logo entusiasmado e não teve dúvida, meteu mãos à obra... Acontece que o artista, matando-se de trabalhar, chegada a hora do almoço não foi chamado para a mesa. Estranhou, mas como era no primeiro dia, achou que talvez fôsse esquecimento... Ora, no segundo, terceiro e demais dias, aconteceu a mesmíssima coisa. E o pobre Roberto, todo acanhado, só faltava morrer de fome! Um dia, esquecendo o seu farnel, resolveu dar um passeio pelo parque e descobriu um pé de jabuticaba carregadinho... A fome era tanta, que não teve dúvida, tirou o lenço, encheu-o de jabuticabas, sentou-se no chão e começou a comer as deliciosas frutas do barão... O ilustre e sovina português, aproximando-se todo circunspecto, disse, em tom de quem estava ofendido, para o arquiteto: «Sr. Roberto Burle-Marx, eu o contratei para fazer o meu jardim e não para comer as minhas jabuticabas!»



A PRAGA

◆ O falecido Oswald de Andrade, como todos sabem, tinha uma língua verdadeiramente temível, ferina. Ai daquele que caísse no seu desagrado! Assim, quando os seus inimigos, ou pessoas que viviam de olho nele tinham uma oportunidade... malhavam-no! O escritor achava-se na França, quando arrebentou a Segunda Grande Guerra Mundial; e logo que as tropas nazistas invadiram a França, o nosso embaixador deu um jeitinho de recambiar depressa tudo quanto era brasileiro que vivia em Paris. E numa dessas levadas, lá veio de volta o nosso Oswald de Andrade, furioso, com a língua cortando mais do que nunca! O irreverente e temido escritor paulista foi então morar num apartamento no mesmo edifício onde morava a Adalgiza Neri, no Leme. Ora, aconteceu que

dias após surgiu naquele bairro um surto de «poliomielite» — paralisia infantil, como é mais conhecida. E, como é natural, nestas ocasiões, as famílias ficam apavoradas, os boatos se alastram... As pessoas mais visadas pela praga, que são as crianças, não podiam sair à rua, ou eram mandadas para fora, a fim de não contraírem o mal... Um amigo de Oswald, que o não via há muito, que temia a sua língua, pois já fôra vítima de algumas perfídias suas, encontrando-o a perambular pela praia, aproximou-se. E após conversarem sobre os mais diferentes assuntos, tocaram afinal na praga... Ai aproveitou-se para tirar uma desforra: «E você não vai se mudar, ó Oswald?» O temível escritor paulista só depois que o amigo se afastou é que veio a compreender a pergunta...



O TRAQUE

◆ O volumoso poeta pernambucano Ascenço Ferreira, que conheci pessoalmente quando visitei a capital daquele Estado, é outra figura da nossa literatura cuja vida está cheia de fatos anedóticos, de incidentes que dão motivo a boas gargalhadas. O poeta, que era funcionário público, costumava ir todos os dias à Diretoria de Documentação e Cultura do Estado, funcionando nesta época na cúpula do Palácio da Justiça; ocasião em que o engraçado poeta aproveitava para fazer uma das suas... O elevador, pequeno, abafado, tornava-se assim uma câmara de gases mortíferos!... Aconteceu que o dito ascensorista — o único a saber quem era o autor de tamanha ignomínia, um dia adoeceu e foi substituído por um outro novato, recém-chegado do interior; um «arigó», como costumam chamar por aqui. E o Ascenço, muito brincalhão, continuou a fazer das suas... Uma tarde o pobre homem apareceu muito encabulado no gabinete do diretor, pedindo para falar com êle. E gemeu: «Dr. Soiza Barro, vocimecê precisa dá um jeito nesse dotô Aicenço. O ho-

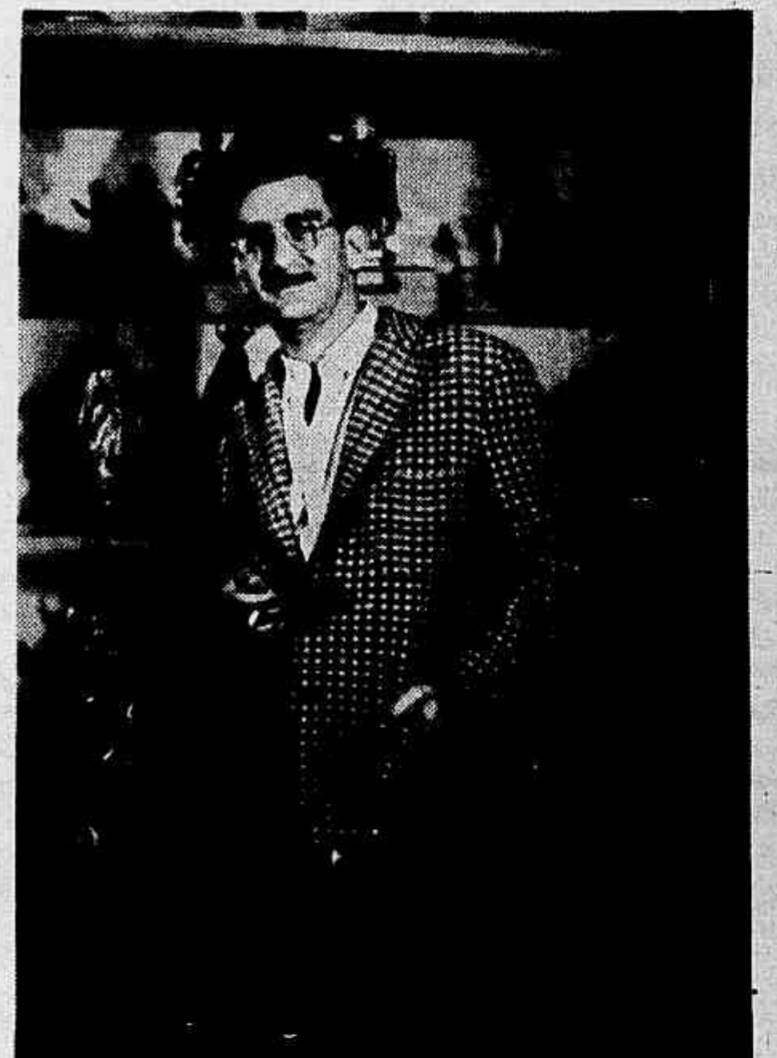
me tá qui nem uma peste!» O Souza Barros sem saber do que se passava, indagou do coitado: «Mas uma peste, como, sr. Miguel?» «Uma peste, dotô! Vossenhoria cumpriendi o qui'eu quero dizer...» O Souza Barros sabia que o autor de «Cana Caiana» gostava de brincar com o antigo cabineiro, mas não conseguia atinar com a queixa insólita do seu substituto... Alguma brincadeira de mau-gosto, judiação? E despediu o homenzinho, prometendo-lhe que iria falar com o «dotô Aicenço» para êle deixar de «atrapaição»...

Mas no dia seguinte lá apareceu de novo o pobre homem, gemendo: «Dr. Soiza Barro, vocimecê precisa dá um jeito nesse dotô Aicenço! Agora o homê tá mesmo insuportáve!» E o Souza Barros, novamente sem atinar com aquela queixa, indagou: «Mas insuportáve como, sr. Miguel? Vamos, explique-me melhor o que há!...» Aí o pobre homem, todo encabulado, contou para o diretor o motivo de seus apherreios. «O dotô Aicenço quando entra naquele inleavadô, vossenhoria me aquerdite, eu intê fico sem jeito...»

E o Souza Barros nada de compreender a coisa! O pobre homem prosseguiu, gemendo: «No pir-cípio eu intê pensei que fôsse algum cabra-safado que tivesse feito a coisa pur mardade... Não dixei nada! E o dotô Aicenço calado, a fazê das sua!... Mas onte êle desceu sôzinho comigo no inleavadô... e eu arreparei que êle tava me oiando cum aquêle ôio de boi, cum jeitão safado... Aí fiquei cum a purga atrais da urêia! E quando abri a porta do inleavadô, aquerdite vossenhoria pur essa luz qui tá nos alumando, foi um causo! Os passagêro arrecuô esbatorido, assufocado! O dotô Aicenço tinha sortado um traque tão da peste, que dexô todo mundo doido! Eu tive qui lavá o inleavadô cum criolina, mais num hôte intê agora jeito de disparicê o fedô!»

AS ROSAS

◆ O conhecido decorador e cronista social Gilberto Trompowski (o G. de A. de tantas crônicas bonitas) foi outro artista que no início de sua carreira sofreu também das suas... O Gilberto, que morava em Santa Teresa, um dia recebeu a oferta de decorar a residência de uma das damas mais elegantes e conceituadas da cidade. O artista, como é natural, esforçou-se ao máximo, tirando partido dessa sua primeira oportunidade... A decoração, que ainda cheguei a ver, tinha o sabor da época: era tôda de rosas — rosas amarelas, rosas brancas, rosas vermelhas... Um completo roseiral em flor, para o deleite da espirituosa e bonita Áurea Pôrto-Carrero. Aconteceu, porém, que no dia da «vernissage», ou melhor, no dia que a ilustre dama da sociedade abriu os seus salões... ia acontecendo uma verdadeira tragédia! Um dos presentes — rapaz de boa família, muito pálido, de imensa cabeleira cheia de brilhantina, às tantas tomou um dêsse pileques... E resolveu matar-se! E como não dispunha de arma, o que fêz? Decidiu esmigalhar a sua bela cabeça de poeta contra as paredes decoradas pelo Gilberto! O decorador e cronista social, quando viu aquilo, partiu como um raio e se postou diante do suicida... E cada vez que o tresloucado jovem partia como um touro para arrebentar a cabeça na parede, o Gilberto o amparava com as mãos... Não para evitar que êle se matasse, lógico! mas para não borrar com a sua bela cabeleira cheia de vaselina, a decoração!



TV EM PORTUGAL

SPECTATOR

◆ Em 18 de outubro de 1956, depois de várias tentativas feitas sem maior sucesso, foi finalmente promulgado pelo governo português o decreto que definia as condições em que se devia estabelecer a TV em Portugal. Imediatamente foi criada uma sociedade encarregada desse empreendimento, a Radiotelevisão Portuguesa, com capital de 60.000 contos. Um terço do capital pertence ao Estado, outro terço a várias empresas de radiodifusão particulares, bem como a diversos bancos também particulares, ficando os 20.000 contos restantes ao encargo de uma subscrição pública do capital particular. É interessante notar-se que semelhante recurso ao capital particular vai ser em breve tentado também entre nós, pois já se anuncia a inauguração da primeira emissora de TV instalada na Bahia e que irá fazer parte da grande cadeia de emissoras de rádio e TV Associadas, sendo que parte do capital necessário para a empresa será conseguido através de subscrição pública. Deve-se ressaltar que em Lisboa essa medida surtiu os melhores efeitos e os 20.000 contos em pouco tempo fôra ultrapassado de muito.

Os contratos feitos com diversas empresas de material técnico foram rigorosamente cumpridos e, havendo capital necessário para ser aplicado imediatamente, a Radiotelevisão Portuguesa, que de início deveria ser aparelhada para operar cobrindo apenas as áreas de Lisboa, Porto e Coimbra, como exigiam as determinações governamentais, teve seu campo de ação ampliado e estará apta a atingir as terras do Algarve. A primeira experiência de transmissões foi realizada com toda a aparelhagem técnica necessária montada provisoriamente em um pavilhão da Feira Popular de Lisboa e o povo que ali se aglomerou, bem como todos aqueles que tiveram oportunidade de acompanhar essa transmissão, através de grande número de aparelhos receptores espalhados em toda Lisboa, maravilharam-se com os «shows» exibidos.

Engenheiros, técnicos, artistas e músicos após essa primeira experiência, continuam trabalhando ativamente para que dentro em breve possa ser transmitida com regularidade a programação da Radiotelevisão Portuguesa e desde agora estão previstos os grandes lucros que irá proporcionar essa empresa através da publicidade, uma vez que cada minuto de transmissão custará em média três mil escudos.

ENTREVISTAS

Em qualquer país os programas feitos à base de entrevistas são os mais divulgados através das emissoras de TV. Apresentam eles muitas vantagens, uma vez que são muito dispêndiosos, não dependem da preparação de cenários prévios e têm garantido grande número de espectadores. O público está sempre ansioso para saber a opinião alheia sobre os mais variados assuntos e daí o sucesso garantido de todas as formas de entrevistas.

Já por várias vezes temos acentuado a necessidade de um contacto prévio entre entrevistado e entrevistador, a fim de que sejam estabelecidas as normas a seguir na discussão sobre o assunto que vai ser tratado. Nada é mais desagradável para o espectador do que acompanhar uma entrevista apresentada em completo desalinho, sendo tratados com dema-

siados detalhes assuntos sem importância, sem que haja tempo para se abordarem temas de interesse geral, antes que o programa seja cortado precipitadamente, por haver sido esgotado o tempo regulamentar da apresentação. O agrado que uma entrevista consegue junto ao público, depende em grande parte da maneira pela qual as perguntas são conduzidas. Nem todos os entrevistados são pessoas desembaraçadas, capazes de tornar qualquer assunto agradável e variado. Se o entrevistador faz ao seu candidato, no caso um engenheiro, uma pergunta do seguinte tipo: «É certo, dr. Siqueira, que o senhor recentemente construiu uma importante ponte sobre o rio Negro que é de grande utilidade para a região?» Se o dr. Siqueira é um indivíduo que não se sente perfeitamente à vontade ante às

câmaras, poderá responder simplesmente «É» e, dessa maneira o assunto estará esgotado.

A mesma pergunta feita de outra maneira, levaria o entrevistado a alongar-se sobre o assunto, e o entrevistador a fornecer maiores detalhes. Vejamos: «Sabemos que recentemente o senhor realizou uma das obras mais importantes da sua carreira; poderia fornecer alguns detalhes desse empreendimento aos telespectadores?»

Interrogado dessa maneira o engenheiro forçosamente daria esclarecimentos sobre o material empregado na construção, as dificuldades encontradas para a conclusão da obra, a utilidade que esse empreendimento irá apresentar para os habitantes da região e muitos outros detalhes que não só tornarão a conversa animada como darão oportunidade a que o entrevistador formule novas perguntas.

Outro aspecto importante das entrevistas é a quantidade de convidados que devem ser entrevistados durante um programa. A experiência demonstra que, embora em uma audição de meia hora possam ser ouvidos até quatro pessoas, elas devem falar uma de cada vez, não só para facilitar o trabalho das câmaras como a fim de que seus pontos de vista possam ser compreendidos com clareza pelos telespectadores. Esses são alguns detalhes que devem ser levados em conta, a fim de que as entrevistas televisionadas transcorram normalmente e alcancem sucesso.

“SHOWS” MUSICADOS

A orquestra da TV-Tupi., depois de permanecer por longo tempo em greve, durante o qual os dirigentes da estação tiveram que valer-se de gravações para acompanhar os seus diversos «shows», embora já há tempo em atividade normal, parece ainda não se ter restabelecido daquele período de desajustamento.

Vários dos programas musicados do Canal 6 têm sido prejudicados, bem como as audições de alguns dos seus cantores, devido às atuações deficientes da orquestra. Ainda em uma de suas últimas apresentações, Dóris Monteiro foi obrigada a fazer tremendo esforço para seguir a orquestra que, além de disparar na sua frente, tocava terrivelmente desafinada.

Não é admissível que a TV-Tupi., que tem grande parte da sua programação baseada em atrações que dependem de acompanhamento musical, continue apresentando essa orquestra que muitas vezes executa os números de tal maneira que aos telespectadores dá a impressão de tratar-se de uma bandinha de circo.



Carmen Dea e outros elementos do elenco da TV-Tupi, aparecem durante a apresentação de um «show».



Depois de algum tempo de ausência, o conjunto vocal «As 3 Marias» tem voltado a atuar no Canal 6.



DEAN MARTIN e a esposa, Jeannie, divertem-se em uma festa em Beverly Hills. Têm 2 filhos, e esperam o terceiro.

HOLLYWOOD SE DIVERTE

SEMPRE QUE PODE, A
CIDADE DE CELULÓIDE
FECHA AS PORTAS E
ENTREGA-SE A TÔDA
A ESPÉCIE DE DIVER-
SÕES ★ PORQUE O
TRABALHO É MUITO,
E O REPOUSO DEVE
SER MUITO TAMBÉM

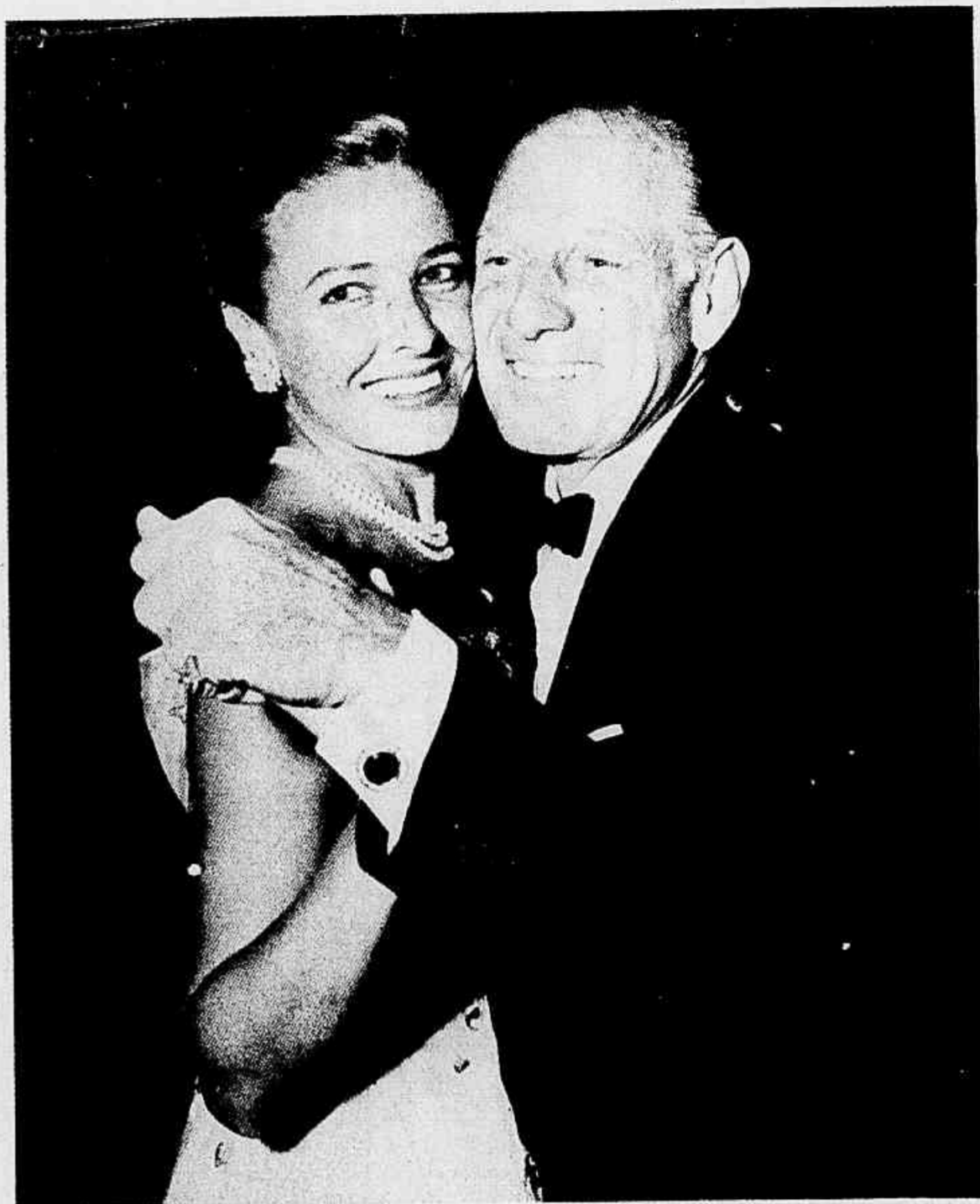
O VETERANO Randolph Scott, com a esposa Pat, durante a recepção em homenagem ao dr. Sukarno, da Indonésia.



HOLLYWOOD SE DIVERTE

◆ SEMPRE QUE as estafantes filmagens e os ensaios e aprendizados de papéis quilométricos o permitem, os astros e estrelas de Hollywood procuram divertir-se o mais que possam, freqüentando as «boites» e os «night-clubs», comparecendo às estréias cinematográficas e teatrais, tomando parte em reuniões sociais e em jantares, quando não se deixam ficar comodamente em suas magníficas residências, à borda de uma piscina de águas calmas e repousantes. Como em tôdas as comunidades humanas, Hollywood possui os seus temperamentos sociáveis e os intratáveis divide-se em solteiros e em casados, em divorciados e naqueles que talvez ainda venham a se divorciar. Quem não se lembra do caso recente de Edward G. Robinson, que após uma experiência de vários decênios de casamento feliz, solicitou divórcio de sua esposa? A cada dia, casos novos estão surgindo em Hollywood. Alguns tristes — como o do jovem James Dean, cuja trágica morte até agora, a despeito de tôdas as versões apresentadas, não ficou bem esclarecida; outros incompreensíveis, como o do cantor Elvis Presley, nocivo como um entorpecente para a juventude norte-americana, segundo os educadores... O caso mais recente é o de Elizabeth Taylor, que, ao que parece, após seu rumoroso caso com Michael Wilding, deu para amar em demasia o louro copo de uísque... É claro, porém, que há muito mais alegria do que tristeza, em Hollywood. Mesmo se não levarmos em conta tantos triunfos

GREGORY PECK casou-se, há pouco, com a jornalista francesa Veronique. Eis o casal, em uma noite de gala em Hollywood.



LARAINÉ DAY e Leo Surocher, seu marido, dançam animadamente no Coccanut Grove. Surocher é famoso desportista.



JUNE HAVER e Fred Mac Murray, casal feliz. Eles se casaram após romântica viagem ao Rio de Janeiro, em junho de 1954.



RONALD REAGAN com Nancy Davis, sua mulher, num jantar. Nancy abandonou as câmaras, para dedicar-se apenas ao lar.



VAN HEFLIN com a esposa, Frances. Um dos casais mais alegres de Hollywood, já tem nada menos que três filhos.



CASAL DE atores é o formado por Richard Conte e Ruth Storey. Estão casados há quatorze anos, e parece que são felizes.



YVONNE DE CARLO casou-se ano passado com Bob Morgan, com quem é vista numa «première». Esperam seu primeiro filho.



MARGIE E COWER Champion — talvez o casal mais feliz de Hollywood. Dançam e andam juntos, são inseparáveis em casa ou na tela.

HOLLYWOOD SE DIVERTE

artísticos, a cada dia colhidos pelos diversos membros da colônia cinematográfica mais numerosa do mundo, veremos que são inúmeros os casais que levam uma vida particular feliz, isenta de mexericos e de incompreensões. Ai estão os exemplos de tantos casais — alguns dos quais focalizamos hoje nessas páginas. São gente feliz que nas horas livres buscam divertir-se de maneira inocente, para logo no dia seguinte entregar-se ao trabalho árduo frente às câmaras cinematográficas. Porque — meus amigos — nada mais duro, no mundo, que a tarefa executada diariamente por um ator de cinema, seja ele celebridade incontestada, ou apenas um principiante. (Fotos I.N.S.)

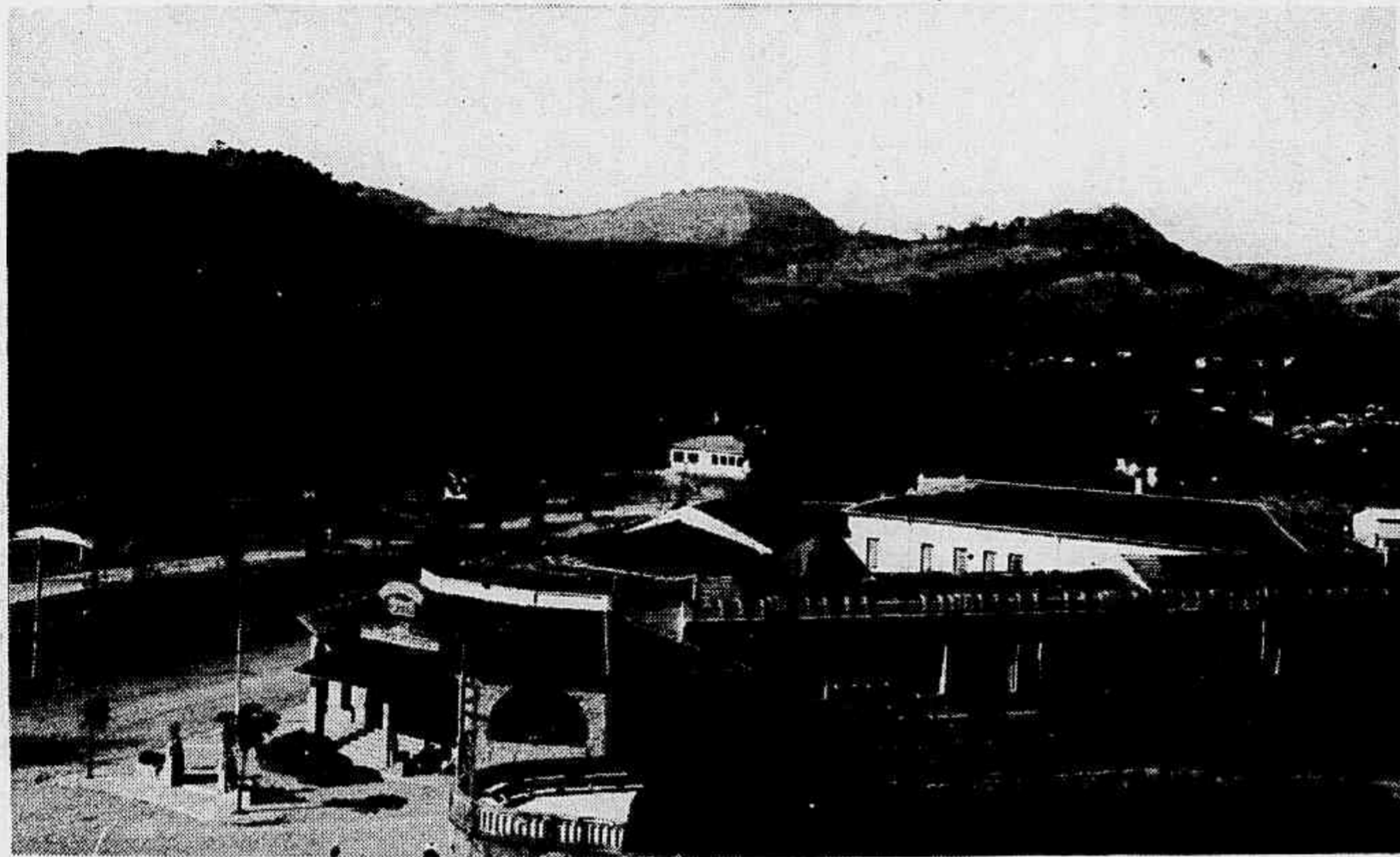


MARGIE serve café a Jeff Chandler, em Beverly Hills. A esposa de Gower Champion espera para muito breve seu primeiro filho.



OUTRA que está aguardando o primeiro herdeiro é a encantadora Debbie Reynolds, aqui vista com o marido, o cantor Eddie Fisher.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

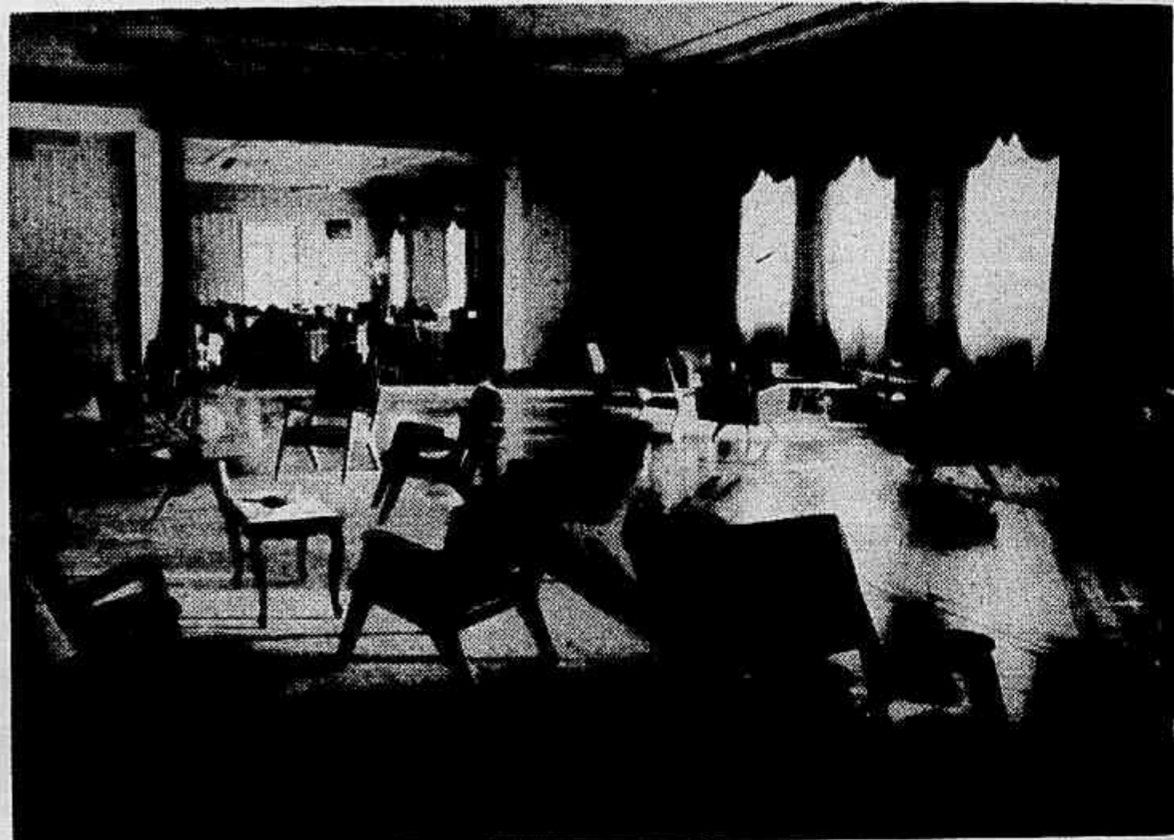
◆ Aguas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aquêles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGÔSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. A direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Aguas da Prata, Est. S. Paulo ◆ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

A ÚLTIMA CAÇADA



— «No mundo, não há mais lugar para homens como Charles» — disse ele. Mas tudo estava terminado.

LOGO que Charles partiu, Sandy disse à índia que ela devia ir embora. A mulher concordou.

— Você deve ir esta noite — disse ele.

— Quando Charles estiver dormindo, vá para onde estão os animais, que eu estarei lá.

Charles voltou cansado. Disse que tinha ouvido o tropel de centenas de búfalos, mas que não teve oportunidade de matar nenhum. Eles estavam próximo, movendo-se vagarosamente. Sandy disse que os búfalos cansariam e depois se espalhariam pelos vales e córregos.

— É exatamente o que eu quero que aconteça — disse Charles. — Mas haveremos de apanhá-los, não é, Sandy?

— Vamos tomar um drinque — falou Sandy. Woodfoot, que sabia do plano de Sandy, pre-

parou uma jarra cheia de uísque. E deram tanta bebida a Charles que ele caiu e começou a dormir pesadamente.

Na manhã seguinte quando Charles foi ao curral selar o seu cavalo, ansioso para ir ao encalço dos búfalos, notou que haviam levado o seu cavalo, assim como o de Sandy. Voltou à caverna e não encontrou a índia.

— Ele roubou a minha mulher — disse Charles a Woodfoot. — Vou buscá-la de volta.

Montou numa mula e partiu. Woodfoot e Jimmy vigiavam-no. O perneta, que nunca usava revólver, apanhou uma pistola na carruagem e disse a Jimmy que fizesse o mesmo.

— Você acha que Charles vai matar o seu amigo?

— Perfeitamente — respondeu Woodfoot.

Um pouco distante do acampamento, próximo

à Rocha dos Remédios, Charles viu o seu cavalo. Woodfoot e Jimmy, que iam atrás de Charles, viram também o animal.

— Por que motivo Sandy teria deixado o cavalo? — Perguntou Jimmy.

— Porque ele sabe o que o baio significa para Charles.

— Mas agora, Charles vai apanhá-los.

Woodfoot esporou a sua mula para juntar-se a Charles e espantou o cavalo. Charles tentou pegá-lo, mas ele voltou, troteando na direção de Woodfoot. Charles pediu que Woodfoot segurasse o animal, mas o perneta saltou da sua mula, apanhou uma pedra e jogou no cavalo, que saiu de galope. Furioso, Charles partiu para Woodfoot.

— Que está fazendo? Montado neste cavalo eu os apanho dentro de duas horas.

— Sim. É o que suponho — disse Woodfoot. Pálido de raiva, Charles empurrou Woodfoot. — Você os ajudou a partir, não foi? Foi por isso que você me deu bebida. Mas eu hei de apanhá-los de qualquer maneira.

O velho perneta falou com tóda a calma:

— Não, Charles, você não vai apanhá-los.

— Eu sei que você quer é me deter — disse Charles, montando na sua mula.

— Eu?

Woodfoot puxou o revólver da cintura. Houve um triste sorriso, no canto da sua boca quando êle disse:

— Se você montar na mula, eu lhe mato, filhinho.

Charles, que estava de costas para Woodfoot, hesitou. Não acreditou que o perneta estivesse apontando um revólver para êle. Mas logo ouviu o barulho do cão sendo armado. Começou a voltar o rosto vagarosamente para o perneta, que lhe advertiu:

— Não se mova, filhinho, pois estou disposto a disparar.

Com movimento inesperado e rápido, Charles deu uma reviravolta e saltou de lado. Ao mesmo tempo, puxou seu revólver e atirou. A bala atingiu Woodfoot, que caiu no solo, morto.

— A culpa é de Sandy — disse Charles, falando consigo mesmo e com Jimmy. — A culpa é tóda dêle. Mas nós o apanharemos... Amanhã... Depois... Ou outro dia qualquer. E então, pagará por tudo isso.

Jimmy colocou pedras ao redor do corpo de Woodfoot. Retirou a pistola e abriu-a.

— Está vazia, descarregada — disse êle. — Não há uma bala.

Quando Sandy, a índia e a criança, chegaram ao acampamento dos índios, a atmosfera era de morte. Fazia um frio pavoroso. A terra tóda estava coberta de neve. Uma ou outra espiral de fumaça que saía das cabanas dava sinais de vida. O silêncio era absoluto.

Eles pararam na porta da cabana do Agente Indiano, e gradualmente, crianças admiradas começaram a rodeá-los. Em seguida, adultos, com olhares febris e famintos, se aproximaram dos animais.

O agente disse a Sandy que o Exército havia prometido remeter carnes e demais suprimentos, mas que até aquêle momento nada tinha chegado. Eles não comiam búfalos há meses... Estavam morrendo à fome. Por isso já haviam devorado tódas as cabras, cavalos e cães. A tribo estava se liquidando. Então Sandy ofereceu-se para ir buscar os suprimentos que o Exército havia prometido remeter; e a índia, a seu próprio pedido, o acompanhou.

No bar da cidade, Charles se achava sentado a uma mesa, todo barbado, sujo e meio bêbado. Ed Black veio fora e Charles o agarrou. Disse que queria todo o dinheiro que lhe era devido, uma vez que Sandy o havia roubado.

— Êle roubou a pele branca e fugiu, aquêle ladrão.

Voltou-se para Jimmy e perguntou:

— Não é verdade, rapaz?

— Não. Não é verdade — disse Jimmy calmamente. — Sandy não é ladrão! Nunca direi uma mentira sôbre a pessoa de Sandy. Nunca!

Charles entendeu de fazer Jimmy admitir que Sandy havia roubado a pele branca.

— Eu te dou socos até dizeres a verdade.

Desferiu um terrível sôco no rosto do rapaz, que êste caiu sôbre umas mesas. Quando Jimmy reergueu-se, a boca sangrando, Charles bateu novamente. Nova queda. Charles bateu ainda várias vêzes.

— Sandy é um ladrão. Repete! — Ordenou Charles, mas o rapaz balançava a cabeça negativamente.

Jimmy recebeu sôco após sôco, mas não se entregou, não pronunciou uma palavra contra Sandy. Finalmente, Charles parou de bater.

— Basta! — Charles falou bruscamente.

Com o rosto sangrando, Jimmy levantou-se, vagarosamente.

— Não direi o que você exige — disse êle.

Ereto e afetando orgulho, saiu do bar olhando com superioridade para Charles.

(Cont. na página 38)



Sandy aconselha à mulher a tomar o filho e ir embora antes que seja tarde demais.

(THE LAST HUNT)

(CAPITULO V)

ELENCO

Charles Gilson	ROBERT TAYLOR	Peg	CONSTANCE FORD
Sandy McKenzie	STEWART GRANGER	Ed Black	JOE DeSANTIS
Woodfoot	LLOYD NOLAN	Dirigido por RICHARD BROOKS — Produzido por DORE SCHARY.	
A Índia	DEBRA PAGET	Em CinemaScope, Technicolor, da M.G.M.	
Jimmy	RUSS TAMBLYN		



Enfrentando o frio e a fome, Charles só pensa numa coisa: Sandy deve morrer.

ADQUIRA, VOCÊ TAMBÉM, O MAGNÍFICO

binóculo



ROYAL

de Luxe

Esplêndida oportunidade para você adquirir um binóculo de classe por um preço realmente espetacular. Veja e compare as suas características técnicas!



NÃO MANDE DINHEIRO: - Faça seu pedido pelo Serviço de Reembolso Postal e pague somente quando receber a mercadoria na agência postal de sua cidade. Remessas imediatas para todo o território nacional, com a nossa tradicional Garantia de Satisfação.

Cr\$ 880,-

O Binóculo ROYAL de Luxe, de nossa distribuição, perfeito e moderno, está agora ao seu alcance! Acrescente a todas as suas vantagens técnicas perfeitas às que tornam o Binóculo ROYAL de Luxe, um companheiro fiel, seguro e infalível, seja no esporte, turismo ou teatro. Pelo seu preço acessível, V. S. se surpreenderá com a sua alta qualidade.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS — 3 x 40

Extra-Luminoso - Focalização Central - Magníficas Lentes Azuladas - Notável Alcance - Regulagem Inter-pupilar - Largo Campo Visual - Correia p/ carregar a tira-colo - Grande aparência.

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

DINAL

R. Quintino Bocaiuva, 255
3.ª s. loja - Tel. 36-3376
Cx. Postal, 7.206 - S. Paulo



Magnífico estôjo em finíssimo couro, com correia e fecho resistente

Cr\$ 240,00

A ÚLTIMA CAÇADA

(Continuação da página 37)

Do lado de fora, o rapaz encostou-se à parede. Seu rosto sangrava abundantemente, e ele não podia evitar as lágrimas. Charles saiu e tocou no seu ombro, mas Jimmy afastou-se.

— Para onde você vai, rapaz? — perguntou Charles.

— Não quero mais nada com você — disse Jimmy calmamente.

— Não. Você não vai fazer isto. Logo agora que o dinheiro vai entrar.

— Fique com ele para você.

— Nós mal começamos, rapaz. Vamos ficar ricos. Seremos bons sócios. Os búfalos voltarão. Espere que você vai ver. Sinto muito pelo que aconteceu. Não vá embora, Jimmy, eu preciso de você.

— Eu não passo de um índio, Charles.

— Mas está adquirindo as maneiras refinadas do homem branco. Sôzinho, você não será mais que um meio sangue Injun.

— Ninguém é meio sangue coisa alguma. Não sou meio índio, Charles, mas índio! E não tenho vergonha disto. Talvez eu não saiba como viver, mas sei como deverei morrer.

Charles contemplou o rapaz através da rua gelada. Sentia frio e estava sôzinho, só como nunca se sentira em toda a sua vida.

No bar de Ed Black, para onde Charles voltou a fim de apanhar o dinheiro, soube que Sandy acompanhado da índia havia passado por lá. Charles partiu atrás deles. O chão estava coberto de gelo, mas ele seguiu pisando sobre os rastros das mulas e da carruagem de Sandy. Uma forte ventania arremexava partículas geladas contra o seu rosto. Mais adiante, Charles viu espirais de fumaça que subiam de uma caverna encaixada nas rochas. Experimentou o revólver para ter a certeza de que o mecanismo não estava gelado. Em seguida, aproximou-se vagarosa e cautelosamente.

Dentro da caverna, Sandy e a mulher estavam sentados ao redor do fogo. Eles ouviram a voz de Charles chamando Sandy. Eh, Sandy! Desce! Vamos, desce!

— Deixa que a mulher e o rapaz saiam com o gado que eu descerei.

— O rapaz pode sair e ir embora. Mas a mulher fica — disse Charles.

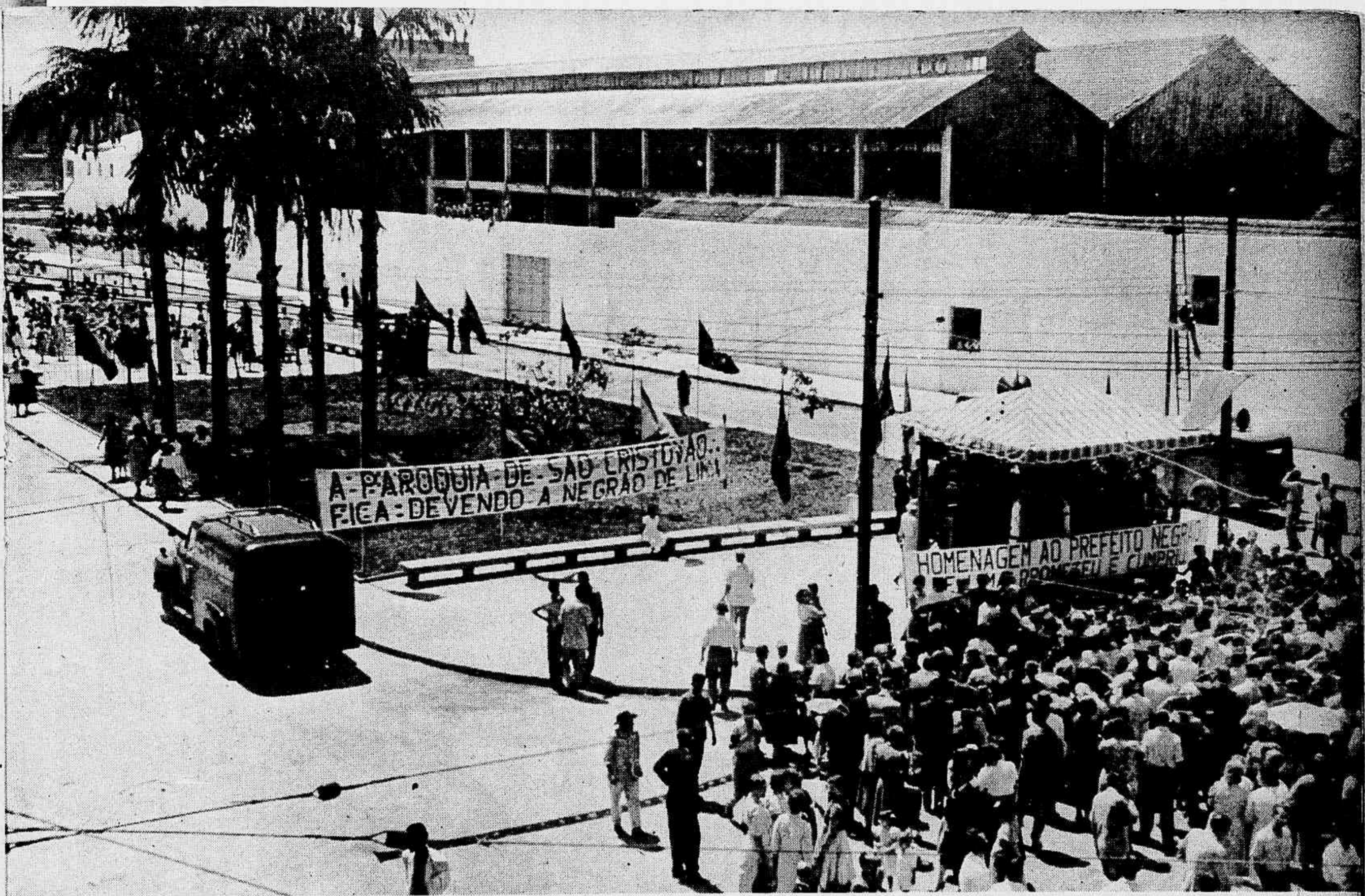
Quando Jimmy partiu com as carruagens e o gado, Charles disse que não queria que Sandy saísse fora antes que o sol surgisse no dia seguinte. Estava muito escuro e ele não queria perder essa oportunidade.

— Põe tua cabeça para fora que eu meto bala nela — disse Charles.

Ele fez seu cavalo se deitar e montou nele assim mesmo. A ventania recomeçou; era um frio agudo, cortante que assobiava furiosamente. Charles deitou-se sobre o animal e ficou olhando para a caverna completamente rígido.

Dentro de alguns instantes, sentiu necessidade de movimentar os músculos para evitar a paralisação da circulação. Então, inesperadamente, ouviu um pesado barulho e viu um búfalo sôzinho, que vinha na sua direção. O búfalo estava apavorado com a ventania. Charles, com os olhos em fogo, ansioso e agora feliz, puxou sua pistola e atirou. O animal caiu. Esquecendo o frio, a ventania, e o desconforto,

(Continua na página 58)



Aspecto parcial da bela praça Santa Edwiges, que é ao mesmo tempo uma artéria de ligação entre a Avenida Brasil e o populoso bairro de São Cristóvão. Uma velha aspiração que a população local viu agora concretizada.

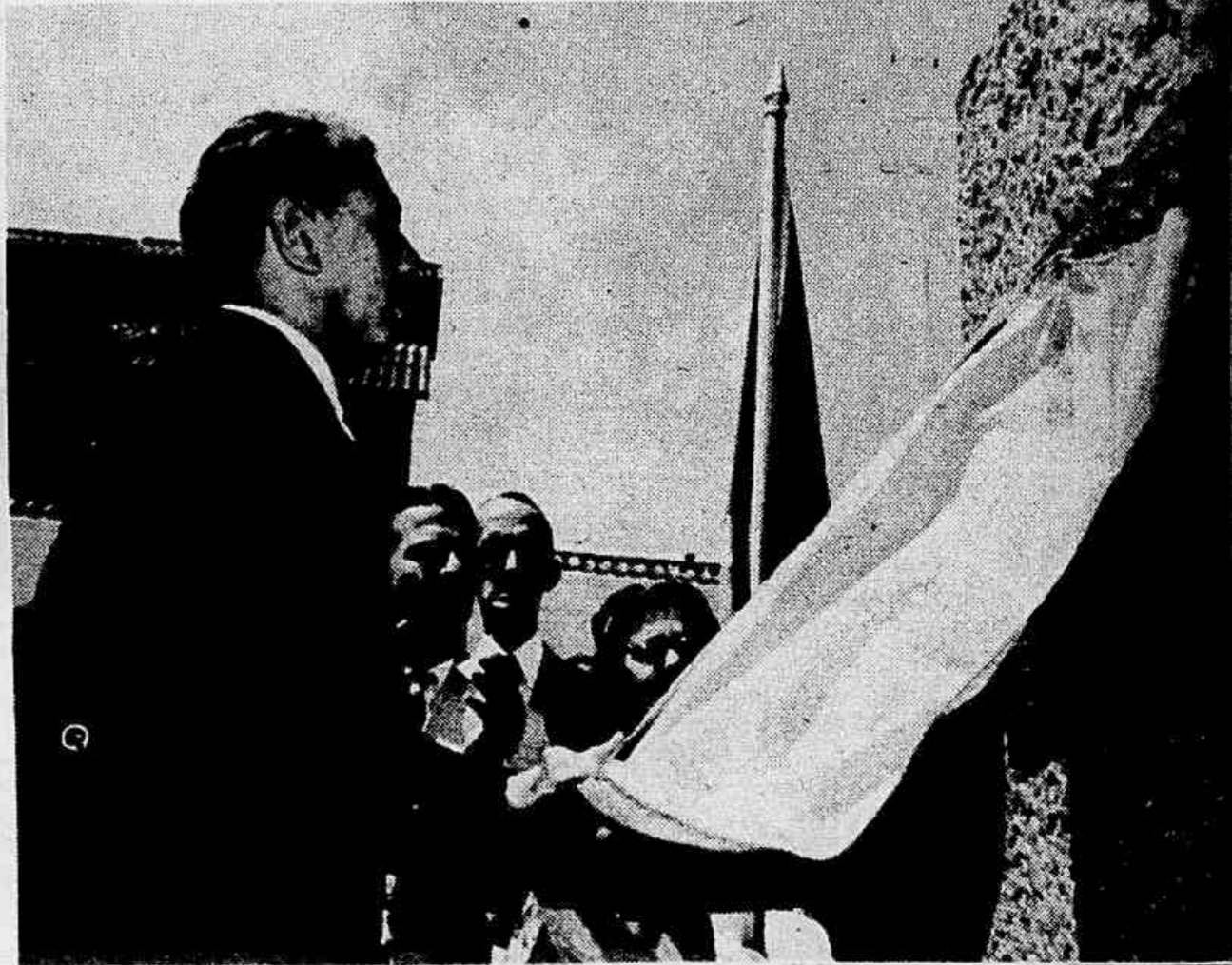
INAUGURADA A PRAÇA SANTA EDWIGES

LIGAÇÃO DE SÃO CRISTÓVÃO COM A AVENIDA BRASIL

◆ Vem despertando a atenção do povo carioca e os comentários favoráveis da imprensa, a maneira pela qual o prefeito Francisco Negrão de Lima tem procurado enfrentar e resolver os numerosos e angustiantes problemas administrativos da cidade. Com menos de um ano de governo, o atual ocupante do Palácio Guanabara já é apontado como um administrador muito vivo e operante, homem de decisões firmes e amante das realizações que correspondem às reais necessidades da metrópole e aos anseios populares. Suas obras feitas em tempo diminuído estão dando um toque de simpatia e admiração aos métodos de trabalho do prefeito, fazendo

Fala o engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar, diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, que construiu a praça.

O prefeito Francisco Negrão de Lima descerra a placa colocada no marco situado no centro da praça Santa Edwiges.





A foto mostra o momento em que o prefeito da cidade cortava a fita simbólica, inaugurando a bela praça Santa Edwiges.

renascer as esperanças nesta cansada e sofrida população do Rio de Janeiro.

A inauguração da Praça Santa Edwiges, no bairro de São Cristóvão, festivamente realizada no dia 16 de outubro último, é mais uma afirmação desse novo estado de coisas implantado na

Municipalidade pelo prefeito Negrão de Lima. Reclamado há 11 anos pelos habitantes do antigo bairro Imperial, o logradouro agora entregue ao público fica frente à Igreja de São Cristóvão, no prolongamento das ruas Santos Lima e da Igrejinha, entre a Avenida Brasil e

a rua Benedito Otoni. É uma bela praça ajardinada, dotada de um moderno «play ground», servindo ao mesmo tempo, com as vias laterais de que dispõe, de artéria de ligação da citada Avenida Brasil com o bairro de São Cristóvão. Reclamada há 11 anos, foi agora construída em

1957

Crianças de várias escolas públicas e particulares abrilhantaram a inauguração. Uma festa popular de rara beleza.



MAIS UMA REALIZAÇÃO DO PREFEITO NEGRÃO DE LIMA NO DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM

apenas 30 dias, mais um «record» em construção de obras públicas alcançado pelo prefeito Negrão de Lima.

Dela foi encarregado o Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura, que deu assim uma demonstração de alta eficiência dos seus serviços e de capacidade do seu operariado e pessoal técnico, superiormente orientados pelo engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar, diretor, e pelo engenheiro Geraldo Neiva, assistente e principal colaborador daquela modelar dependência da Prefeitura do Distrito Federal. Para que se tornasse realidade essa importante aquisição dos moradores de S. Cristóvão, muito contribuíram a luta sem tréguas do vigário da Paróquia local, monsenhor Manoel Gomes, cujo nome foi lembrado com enternecida gratidão, e o apoio que lhe deram o falecido vereador Odilon Furtado Braga, o ex-vereador Paulo Areal, nossos colegas de «Diário de Notícias», e, por fim, o prefeito Negrão de Lima com sua pronta decisão de construí-la, e o engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar e sua equipe de técnicos e operários em cumprir a determinação do edil em tempo-«record». Todas essas figuras foram lembradas e reverenciadas pelos representantes do povo sancristóvense e por faixas e dizeres alusivos.

A inauguração da Praça Santa Edwiges foi, assim, uma bela festa cívica, que contou com a presença de grande público e numerosas organizações escolares e religiosas, avultando ainda pelo fato de se comemorar naquela data o Dia de Santa Edwiges, padroeira do bairro. Antes da inauguração foi celebrada no tradicional templo missa festiva, sendo oficiante e orador d. Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Em seguida o prefeito Negrão de Lima cortou a fita simbólica e descerrou a placa comemorativa, alixada num marco colocado no centro da praça, ao som de hinos patrióticos executados por uma banda militar. Então a menina Edilsa Souza Aguiar Vieira, aluna de uma escola pública municipal do bairro, saudou o prefeito, as meninas Sônia, do Colégio Pio Americano, e Maria Cristina, da Escola Floriano Peixoto, encantaram aos presentes com belos números de declamação, antes que discursassem o engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar, diretor do DER, o padre Teófilo, auxiliar do vigário Manoel Gomes, o vereador Manoel Blasquez e o prefeito Negrão de Lima, todos vivamente aplaudidos. Entre outras coisas, disse o diretor do DER: — «... não foi apenas o meu dever funcional que me impeliu a concretizar, em tão poucos dias, essa velha e justa aspiração do povo de São Cristóvão». «Foi também, sr. embaixador Negrão de Lima, porque compreendi, como engenheiro, a significação urbanística desta praça, que vem dar maior relevo e destaque à imponente Matriz de São Cristóvão, com a influência solene de suas linhas arquitet



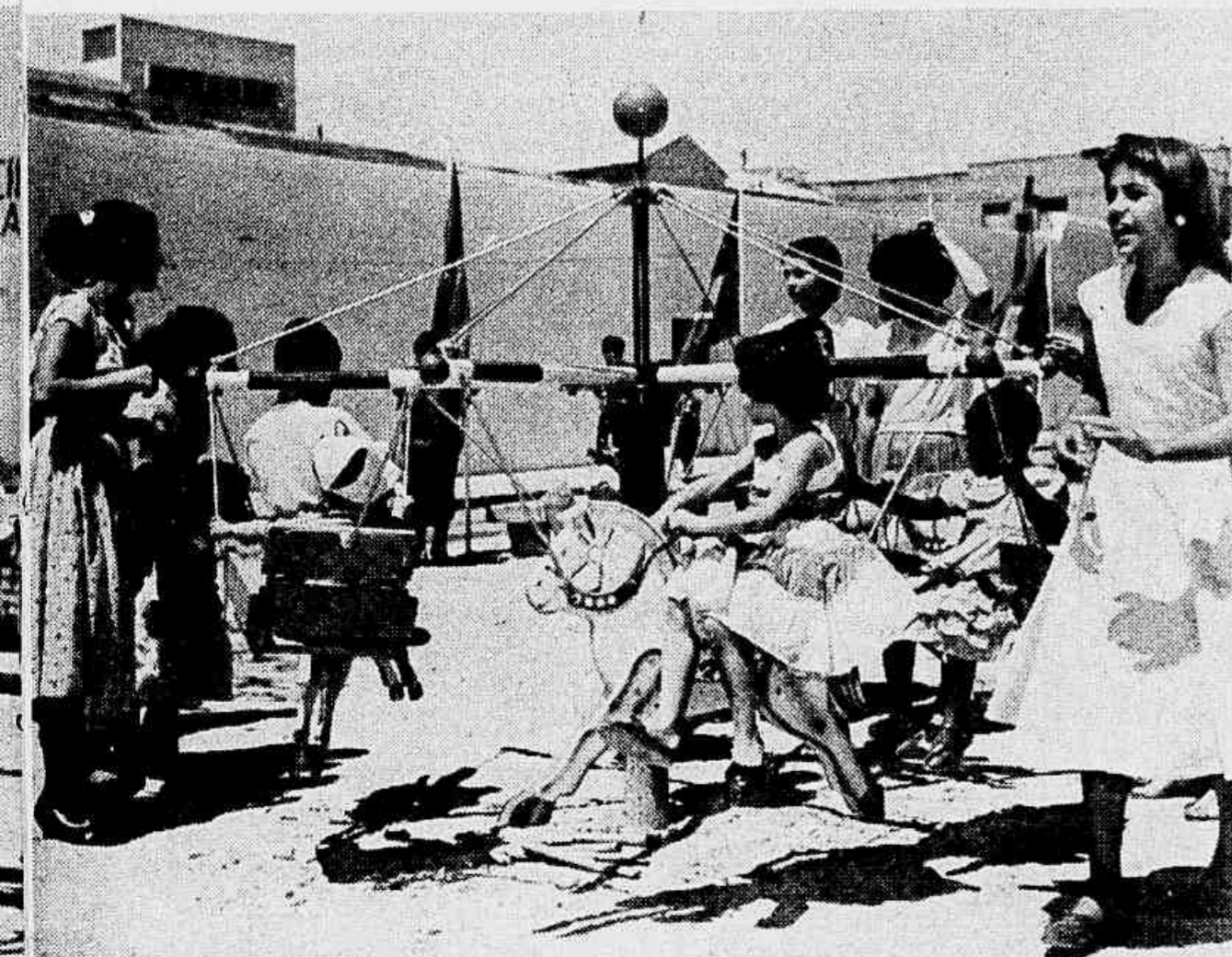
A praça Santa Edwiges, com suas amplas vias laterais, serve de ligação direta entre a Avenida Brasil e o populoso bairro de São Cristóvão.



Discursa o prefeito Negrão de Lima, tendo à sua direita o engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar e a menina Maria Cristina, que declamou brilhantemente.

tônicas — verdadeiro monumento de nosso patrimônio artístico». «Foi ainda, como homem de fé, compreendendo o alto espírito de v. exa., cujo desejo era o de cercar as adjacências desse templo daquelas condições de estética, de higiene física e moral indispensáveis à atmosfera de religiosidade que se emana da Casa de Deus». Da oração do prefeito Negrão de Lima destacamos o seguinte trecho, que bem define o importante acontecimento: — «... As minhas congratulações com todos pelo fato de me ter sido permitido marcar a minha administração com esta obra que pode parecer pequenina nas suas dimensões materiais, mas que no dia em que estiver realizada, quando estas senhoras e estas crianças, enfim todo este povo puder aqui se encontrar nas nossas belas manhãs ou nas nossas belas tardes e gozar um pouco das poucas alegrias que às vezes a vida nos oferece, nesse dia todos se darão conta de que esta obra de tão pequeninas dimensões materiais se alteia no espaço espiritual e social, ocupando o lugar pelo qual as gerações vindouras serão agradecidas àqueles que por ela lutaram, por ela pelejaram e por ela batalharam».

A praça Santa Edwiges está dotada de um moderno «play ground» que certamente fará as delícias da petizada de São Cristóvão.





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO**

**ESPORTE
ILUSTRADO**

TUDO SÔBRE

ESPORTE

TÔDAS AS QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

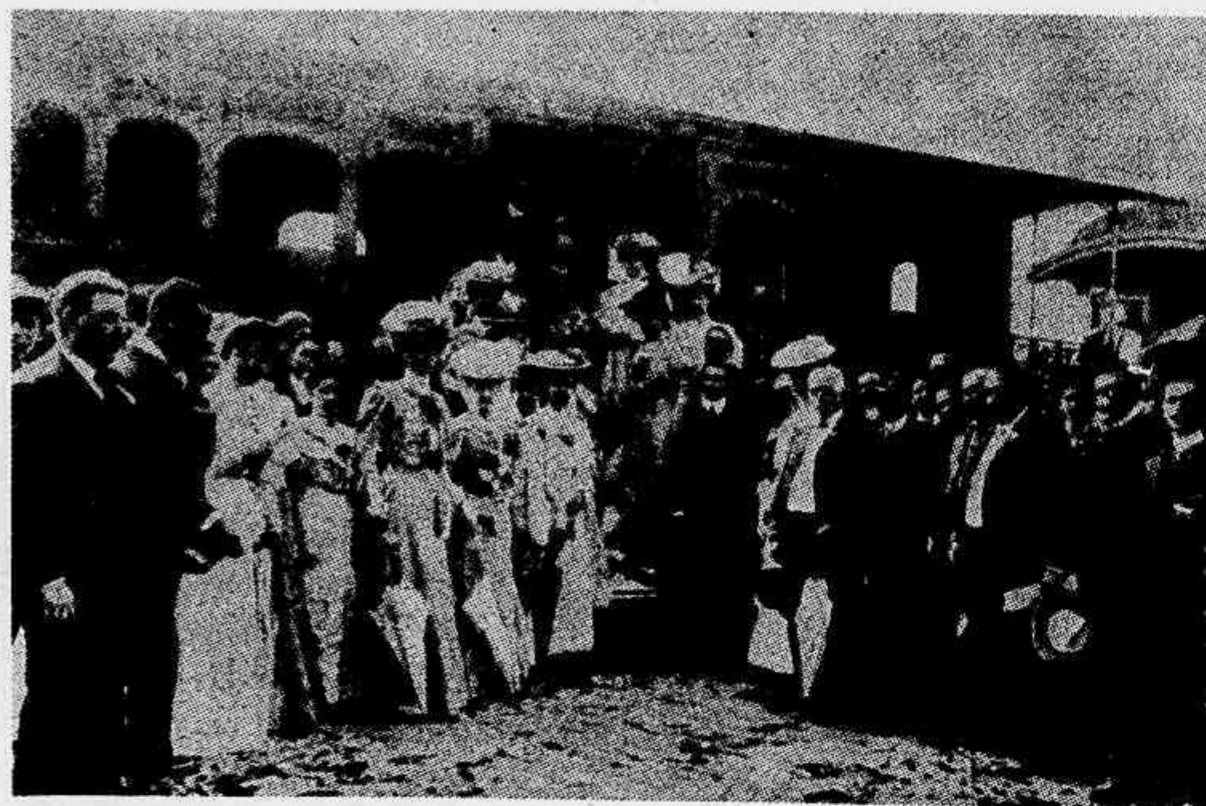
QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA "DE FRANCO"
Rua General Osório 724 — São Paulo

POR AQUI E POR ALLI

◆ O facto de que actualmente mais preocupa os espiritos n'este paiz é a mudança do governo. O dr. Rodrigues Alves vae deixar a Presidencia no dia 15 do corrente, devendo n'esta occasião o **Conselheiro Alfonso Penna**, assumir o cargo de Presidente da Republica, o que equivale a dizer, o chefe supremo da Nação. A expectativa geral em que estão todos os espiritos a respeito do programma de sua excia. é grande, mesmo porque até hoje não ha conhecimento do plano a seguir pelo novo governo. S. Excia. chamou ou chamará para seus auxiliares, como **Ministro de Estado os srs. David Campista, General Hermes, Almirante Alexandrino de Alencar, Miguel Calmon Piza e Almeida, Tavares de Lyra**; para os cargos de chefe de policia e prefeitô municipal são indicados os nomes dos srs. **Souza Aguiar e Alfredo Pinto**. Mas qual o plano de administração d'estes cidadãos? Não conhecemos até hoje governo que esteja tão proximo a assumir a ardua tarefa de dirigir os destinos de um paiz e sobre o qual não possa ninguem saber a diretriz de seus trabalhos. Pelo contrario, em todas as demais Republicas, quando se approxima aquela epoca das disputas eleitoraes, o publico já está farto de saber o programma e as ideias dos diferentes candidatos. No Brasil, porem, as cousas não se passam assim; mesmo porque por aqui não ha candidatos, nem eleições, de modo que o povo tem de acceitar os nomes que a chimica eleitoral apura em seus cadinhos, sem jamais ter sabido o que elles pretendem fazer. Havemos de convir todos que um paiz entregue d'est'arte a um destino dubio não pode ter confiança nos seus governantes, nem tão pouco inspiral-a junto aos governos estrangeiros. Chegamos até ao absurdo de ignorarmos si os melhoramentos introduzidos não serão para o futuro inutilizados pelos que vão assumir o governo, ou se os encetados terão a ventura de ser terminados. O mal estar se nota em todas as esferas politicas e é o resultado d'este mysterio e d'esta ignorancia de programma. Os nomes indicados pelo rumor publico ou pelo boato representam nomes cujas opiniões não são positivamente concordantes. Ora, esta duvida traz como consequencia a paralyzação de grande parte de ideias e innovações que poderiam ser desde logo uma applicação frutuosa para o paiz, porque dado o curto lapso de tempo que existe para cada governo, quando estas ideias começaram a poder ser postas em execução, depois de discutidas e aprovadas, já o periodo passou ou está prestes a lindar-se e novamente a paralyzia retoma o seu dominio, atrapalhando portanto a marcha regular dos negocios publicos. Não haverá um meio de evitar estes descabros? A resposta é intuitiva e lógica. Basta que organizem definitivamente os partidos politicos sob as bases de ideias e convicções certas; basta que cada grupo que se propõe assumir o governo expanda de ante mão o seu modo de sentir e divulgue o programa de seus trabalhos. Isto sanaria muitas dificuldades e teria a grande vantagem de poder permitir uma orientação determinada na marcha regular dos negocios publicos. — **F. Mendes Junior.**

**VISITA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA Á FABRICA DE
TECIDOS BANGU**



Chegada do Senhor Presidente da Republica, Rodrigues Alves, e convidados, á Estação de Bangu.

DR. FRANCISCO FAJARDO

Domingo, 11 de novembro de 1906

◆ A sociedade carioca, foi na semana que hoje se escoa dolorosamente surpreendida com o fallecimento, quasi repentino, do sr. Francisco Fajardo, um dos mais bellos ornamentos da medicina brasileira. Moço ainda, pois contava apenas 42 annos de idade, gozava de justissima fama de clinico estudioso e investigador, que por sua intelligencia e saber conseguira collocar-se no primeiro plano das summidades da sciencia que tanto honrara. Tinha uma bondade natural e uma lhanexa de trato, com que captava promptamente a sympathia de quem com elle tratasse. Deixou na Faculdade de Medicina um nome brilhante, uma invejavel reputação de mestre competente. Com o maior interesse tratou do impudismo, do beri-beri, do cholera e da febre amarella, sendo seus escriptos reproduzidos por varias revistas medicas estrangeiras que lhe fizeram as mais elogiosas referencias. Ninguem se preocupou mais com as mollestias tropicaes do que elle, a ponto de em uma reforma do ensino, cogitar o Poder Legislativo de crear essa cadeira nova em todas as Faculdades de Medicina do Brasil. Na Universidade Popular, as suas preleções eram ouvidas sempre com attenção e por uma assistencia selecta, alli atrahida sempre pela competencia do professor, além da facilidade com que abordava as questões, sabendo encaminhá-las sem cançar o espirito dos que o ouviam. A sua morte foi um verdadeiro desastre e essa impressão teve a sociedade inteira, logo que foi a noticia divulgada. O Brasil muito devia esperar ainda do seu talento de eleição, da sua força de vontade e do seu amor ao trabalho e a sciencia.

A ARVORE DA VIRGEM

Para todos os que vão ao Egypto, tem sido obrigatoria, até hoje, uma visita á Arvore de Maria, plantada em Matarich, a alguns kilometros do Cairo. Uma lenda, bem fundamentada, quer que o vetusto sycomoro tivesse servido de abrigo á Sagrada Família: no entanto, segundo a tradição árabe, esta arvore não era mais que uma vergontea d'aquella, á sombra

da qual repousara Jesus quando menino. A arvore de Matarich já não existe; quebrou-se. S. A. o Khediva, e os padres Jesuitas, tiveram o cuidado de colher estacas de sycomoros de Matarich, e em pouco tempo, sem duvida, veremos reverdescer e crescer, na cerca por onde passaram tantos peregrinos, um digno successor da arvore lendaria.

VISITA DO PRESIDENTE

◆ Accedendo ao gentil convite que lhe fez a respectiva directoria, o sr. Presidente da Republica visitou na manhã do dia 12 do transacto a Fabrica de Tecidos Bangu. Para solemnizar a sua visita áquelle importante estabelecimento industrial, foi no mesmo dia inaugurada a «Escola Rodrigues Alves», creada exclusivamente para educar os filhos dos operarios que alli empregam a sua actividade. Em companhia de suas exmas. filhas, senhoritas Celina e Marietta Rodrigues Alves e dos srs. Capitão Lopes Lyrio, Capitão-Tenente Cesar de Mello, drs. Francisco e Oscar Rodrigues Alves, Ozorio de Almeida, Commendadores Costa Pereira e Marinhos, partiu o sr. Presidente da Republica, da Central, em trem especial, ás 7 e 1/4, chegando á estação de Bangu, após uma bella viagem, ás 8 e 10 da manhã. Ahi foi a comitiva recebida em meio das mais entusiastas manifestações de apreço por parte dos populares, que enchiam a gare. Depois de pequena demora, seguiu o Chefe de Estado para o edificio da fabrica, atravessando uma estrada caprichosamente ornamentada de flores naturaes. Durante todo o trajecto S. Ex. não occultou a viva satisfação de que se achava possuido, manifestando-a algumas vezes, em um sorriso franco e sincero. Percorrendo S. Ex. o vasto edificio em que se acha instalada a importante fabrica de tecidos, tudo examinou, pedindo aqui e alli informações e elogiando a directoria que não poupou esforços para collocar a industria no estado em que presentemente se acha. Terminada essa visita, o sr. Presidente da Republica e sua comitiva foram convidados a tomar parte em lauto banquete servido em um dos principaes salões do edificio. Durante a visita reinou a maior cordialidade, tendo sido trocadas diversas saudações.



A vacina de todos os tempos...
NUNCA IGUALADA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insufficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrario, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, á base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de applicação local e resultados immediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsa Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N°

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

REVISTA DA SEMANA

7 Cruzeiros
Em todo o Brasil

Uma loja
vai à sua casa!

Peça-nos **GRÁTIS**
o mais completo

CATALOGO
de **CANETAS**



Envie, hoje mesmo,
seu endereço à
casa mais especializada na
venda de canetas pelo correio.

SERVO LTDA.

CAIXA POSTAL 5195 - RIO

★ **ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS** ★
RADIOS - NOVIDADES
- IMPORTADORES -



mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144

ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REMBOLSO AEREO -
- A MILIONARIA DO CASTELO -

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LIMPADORES PARARRISAS



UMA CARTA QUE

MONTEIRO LOBATO ESCREVEU NA CADEIA

Monteiro Lobato num retrato tirado em Buenos Aires, em 1947.

**FOI EM 1941 — NOTAS A PROPÓSITO DAS REVELAÇÕES DE EDGARD
CAVALHEIRO — RECORDAÇÕES DE UMA VISITA — O FIM DO MENDES**

Reportagem de NELSON VAINER

O escritor Edgar Cavalheiro, autor de recente biografia de Monteiro Lobato alude, à página 72, à visita que Belmonte, Manuel Mendes e o autor desta reportagem fizeram ao grande vulto da literatura brasileira na Casa de Detenção, em São Paulo, no mês de maio de 1941.

Cavalheiro reproduz apenas algumas palavras da longa palestra que mantivemos com o autor de «Urupês». E como essa visita tem uma história maior, vale a pena contá-la, com mais detalhes.

Colaborador do extinto «Dom Casmurro», de Brício de Abreu, realizei uma «enquêta», em 1941, entre escritores paulistas, sobre a possibilidade da concessão do Prêmio Nobel de Literatura a um escritor brasileiro. Entrevistei um grupo notável de intelectuais, destacando-se Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Érico Veríssimo (então de passagem por São Paulo), Belmonte, Manuel Mendes e outros. E todos eram unânimes em afirmar que esse prêmio deveria ser concedido ao criador da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato.

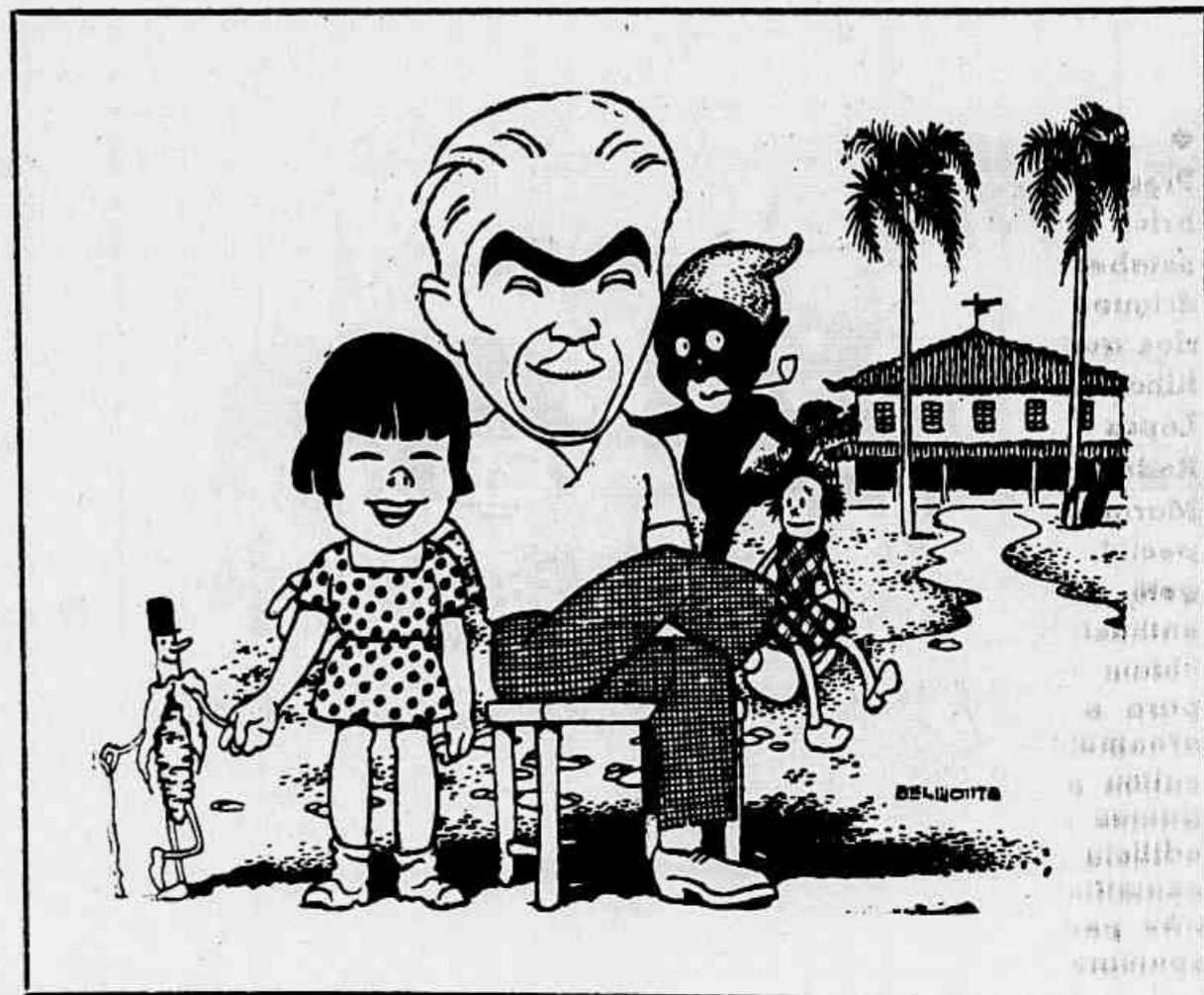
Justamente quando o «Dom Casmurro», saiu, com a minha «enquêta», Monteiro Lobato foi prêso incomunicável e recolhido à Casa de Detenção, da Avenida Tiradentes, na paulicéia.

Como era de esperar, a prisão do grande escritor suscitou tremenda indignação em tôdas as classes sociais de São Paulo, e a nós, amigos dêle, causou profunda consternação. Eu, Belmonte e Mendes, trabalhávamos então no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, e uma visita ao Lobato, em tal estado de coisas, não era lá muito recomendável!... Contudo, Belmonte decidiu fazer-lhe uma visita, custasse o que custasse. Não me recordo como o conseguiu, mas numa tarde chuvosa, tomamos um táxi e animados pelo Belmonte, eu e o Mendes o acompanhamos à Casa de Detenção.

Ali chegados, fomos introduzidos numa sala, onde Lobato já nos esperava. Estava bem disposto, com aquêlo sorriso que tão bem o caracterizava, dando-nos a impressão de que se achava em sua própria casa e não na cadeia. Quando nos avistou, levantou-se, veio ao nosso encontro e abraçando um por um, foi dizendo: «Como eu te-

nho. pena de vocês, lá fora! Enquanto que inúmeras preocupações os atormentam, eu aqui não tenho nenhuma. Tudo pago! Até o barbeiro não quer receber gorjeta. Não tenho medo de ladrões, nem de assassinos, e o que mais importa — não tenho receio de ser prêso!... Estou engordando e para distrair-me traduzo a «História da Bíblia».

Ficamos umà hora conversando com aquêlo homenzinho terrível, de fronte larga, sobrancelhas hirsutas e unidas, olhos vivos e penetrantes, dotado de uma gargalhada demoníaca que enchia o recinto cada vez que debochava de alguma coisa... Foi um acontecimento memorável na vida de cada um e que só agora, quinze anos depois, ficou imortalizado graças a uma carta inédita, que Lobato escreveu dias depois da nossa visita.



No dia 7 de junho daquele ano, estando no gabinete de trabalho do Belmonte, um carro oficial parou em frente ao portão da casa do artista. Um homem alto e sisudo saiu do carro, tocou a campainha e entregou uma carta à empregada que o atendeu.

Durante os poucos segundos em que Belmonte lia a carta, eu me sentia prêso nas garras da mais terrível curiosidade. Depois, Belmonte exclamou com entusiasmo: «E' notável. Leia!» E entregou-me a carta, cujo conteúdo devorei em poucos instantes. Ei-lo:

«Casa de Detenção, 26-5-1941

Belmonte:

Quero que em meu nome agradeça a Nelson Vainer e Manuel Mendes as generosas intenções reveladas naquele artigo publicado no «Dom Casmurro». A idéia foi õtiramente recebida no Rio, e o nosso generoso govêrno tomou a iniciativa de antecipar o Prêmio Nobel com um prêmio, bem estadonovista, de seis meses de cadeia. De modo que se não obtenho o Nobel, já tenho seguro o Prêmio Getulino. Parece incrível, mas é verdade: um sujeito condenado espetacularmente por um Tribunal pelo fato de haver escrito uma carta reservada ao Presidente denunciando um crime cometido contra a Nação. Impossibilitados de negar os fatos que aponte, porque são fatos, e fatos são fatos, mimoseiam-me com êste prêmio!

Mas a virada vem vindo. Cá da cadeia, neste maravilhoso retiro espiritual, e de palanque assisto ao desabar da Coisa em São Paulo. E desabará no país inteiro. O difícil foi começar.

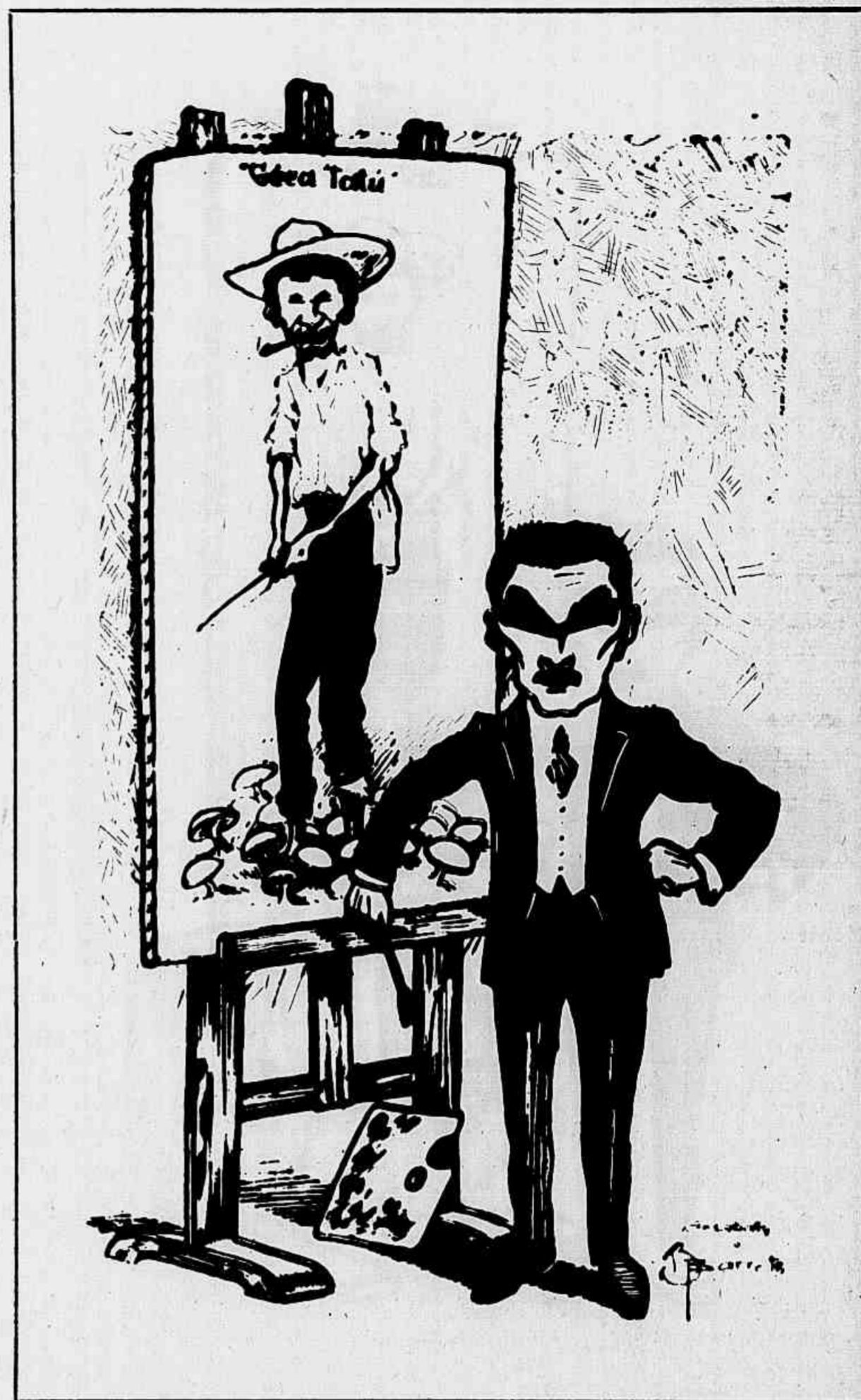
Vocês entretanto, não são estadonovistas e tiveram a coragem daquele gesto num momento em que eu era excomungado — e portanto recebiam lá o meu abraço de profunda gratidão. Há pequenas coisas que são maiores que o Pão de Açúcar — e é nos momentos de Excomunhão que os verdadeiros amigos se revelam. Eu queria escrever uma carta a cada um, mas não sei o enderêço dos outros dois mosqueteiros — vai, pois, esta ao D'Artagnan, para que o comunique aos demais e lhes quebre os ossos por mim.

Adeus. Estou sozinho no meu apartamento, com uma mesa cheia de frutas, doces, bolachas e pipocas. Se os três mosqueteiros me visitassem aqui neste momento, eu os receberia rêgiamente. Mas o Estado Novo não quer — e até que a Virada se complete, quem manda é êle. Esperemos o avêssio. A sabedoria do povo diz que nada há melhor do que um dia depois do outro.

Adeus, adeus, adeus — um adeus a cada um e o total dá minha gratidão a cada um dos três. — **Monteiro Lobato**».

O TRÁGICO FIM DE MANUEL MENDES

Das quatro personagens dêsse episódio, três já não se encontram mais entre os vivos: Belmonte faleceu em abril de 1947 e Lobato o



A primeira charge de Belmonte, em que aparece Monteiro Lobato. Deve ser de 1920, quando o desenhista assinava seus trabalhos com sobrenome de Barreto.

acompanhou um ano e pouco depois. Manuel Mendes desapareceu no mês de abril dêste 1956. Teve um fim trágico, digno de um conto tenebroso de Edgar Poe. Autor de uma novela intitulada «Sorumbá», a ironia do destino transformou o seu autor, no fim da vida, na figura sorumbática que ele próprio criou. Parálitico nos últimos meses, arrastava-se pela casa apoiado numa cadeira. Morava num velho casarão na Estrada de Santo Amaro, onde foi diretor da escola primária.

Nos começos de abril dêste ano, sua velha mãe saiu, deixando o filho deitado sobre a cama, seminu, devido ao calor, em companhia de dois cachorros. A velha trancou a porta, levou a chave e foi a cidade. No centro sofreu um acidente e foi levada ao hospital em estado de choque. Só no quarto dia recuperou os sentidos e pediu que fôssem ver seu filho.

Quando abriram a porta, encontraram o pobre Mendes quase louco, mais morto do que vivo, ladeado pelos cachorros, que também definharam.

Levado ao hospital, Mendes viveu apenas cerca de um mês. Extinguiu-se com êle a última chama dêsses três amigos que em 1918 se conheceram no velho «Castelões», o café dos boêmios da pacata vila de Anchieta, então apenas no esbôço da fabulosa paulicéia de hoje.

Edgar Cavalheiro em companhia de Nelson Vainer, numa foto em 1940.

Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

O FATO LITERÁRIO

JUAN RAMÓN JIMENEZ, PRÊMIO NOBEL

★ APÓS ETCHEGARY, Jacinto Benavente e Gabriela Mistral, quarto escritor da língua espanhola acaba de ser contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura: o velho poeta espanhol Juan Ramón Jimenez. Esse, o resultado oficialmente comunicado ao grande poeta, por Anders Oesterling, que também fez a Jimenez o convite para visitar a capital da Suécia no próximo dia 10 de dezembro, aniversário da morte de Nobel. Aliás, é bem capaz de tal convite não poder ser aceito, pois a esposa de Juan Ramón Jimenez encontra-se à morte, em um hospital de San Juan de Pôrto Rico — cidade em que se fixou o grande autor de «Platero y yo», após infindáveis viagens por toda a Europa.

★ O principal concorrente de Jimenez, esse ano, era o célebre e admirável poeta francês Saint-John Perse — o diplomata aposentado Alexis Leger —, notável sobretudo pela musicalidade de seus poemas. Porém, a Academia Sueca resolveu premiar Jimenez, pelo «elevado espírito e artística pureza de sua poesia», a despeito de a candidatura de Saint-John Perse ter sido apoiada por Dag Hammarskjöld, poeta e secretário-geral das Nações Unidas, amigo pessoal do francês.

★ Juan Ramón Jimenez nasceu em 1881, e conta, portanto, 75 anos de idade. Seu livro mais célebre é certamente o já citado «Platero y yo», que lhe conquistou uma popularidade inaudita, em todos os países de fala espanhola. Depois do advento de Franco, Jimenez preferiu o exílio, percorrendo então toda a Europa, e terminando por estabelecer-se com a esposa em Pôrto Rico. No Brasil, o poeta Manuel Bandeira, em seu volume «Poemas Traduzidos», verteu para o nosso idioma inúmeros poemas curtos do espanhol. Sua obra, porém, não é bastante conhecida entre nós, o que é verdadeiramente lamentável, pois Jimenez é um poeta moderno, de grande poder imaginativo, sabendo como ninguém traduzir em palavras os sentimentos mais abstratos.

POESIA

BRINDE NO BANQUETE DAS MUSAS

*Poesia, marulho e náusea,
poesia, canção suicida,
poesia, que recomeças
de outro mundo, noutra vida.*

*Deixaste-nos mais famintos,
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
a mosca deglute a aranha.*

*Poesia, sôbre os princípios
e os vagos dons do universo;
em teu regaço incestuoso,
o belo câncer do verso.*

*Azul, em chama, o telúrio
reintegra a essência do poeta,
e o que é perdido se salva...
Poesia, morte secreta.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NOTAS E INFORMAÇÕES



AFONSO AVILA, em artigo estampado no suplemento literário do «Correio da Manhã», criticou acerbamente o romance «Montanha», de Ciro dos Anjos, que, a seu ver, é apenas uma caricatura de Minas. Realçou, porém, a figura de Ana Maria, «personagem que sobrepairá aos demais pela força que lhe imprimiu o romancista».

DE PÉRICLES Eugênio da Silva Ramos aparecerá, brevemente, editado pelo Clube de Poesia de São Paulo, o livro de versos «O Amador de Poemas».

GABRIELLE MINEUR recebeu grandes homenagens recentemente, por ocasião do décimo aniversário de sua nomeação para o cargo de adido cultural da França no Brasil. Entre essas homenagens, é de se realçar a prestada na Reitoria da Universidade do Brasil, por iniciativa do Reitor Pedro Calmon.

TOMOU POSSE na Academia Brasileira de Letras o escritor Raimundo Magalhães Júnior. Seu discurso teve por tema quase exclusivo a figura do padre Souza Caldas, patrono da cadeira.

LEDO IVO prepara um ensaio sôbre a poesia de Raimundo Correia. Esse poeta parnasiano, de alguns tempos para cá, vem readquirindo todo o seu prestígio. O editor Carlos Ribeiro, aliás, pretende editar breve uma seleção de «Poesias» de Raimundo, organizada pelo ensaísta Valdir Ribeiro do Val, especializado em assuntos raimundianos.

ADOLFO CASAES MONTEIRO era o encarregado da parte literária da Enciclopédia Brasileira, ora em elaboração pelo Instituto Nacional do Livro. Agora, inexplicavelmente — segundo informa em sua coluna Maurítônio Meira — o conhecido ensaísta luso vem de ser dispensado pelo senhor José Renato Santos Pereira.

Livros em desfile

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

RECEBEMOS OS números 26 e 27 da revista catarinense *SUL*, editada pelo Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, e dirigida por Anibal Nunes Pires e Salim Miguel. A revista contém colaboração variada de jovens escritores catarinenses. Nela, porém, não nos seduz a apresentação gráfica, embora reconheçamos as dificuldades com que devem lutar seus jovens orientadores, para que apareça com regularidade. A revista *SUL* já está em seu nono ano de vida — o que prova a ténpera de seus proprietários, e a aceitação que vem tendo nos meios culturais.

TAMBÉM ACABAMOS de receber o número 7 de "Literatura Soviética", editada em Moscou, no idioma espanhol, e dirigida por D. D. Erionin. Traz novelas, ensaios, depoimentos, etc. Entre os ensaios figuram trabalhos sobre Shaw, literatura armênia contemporânea, tradução das tragédias de Shakespeare, e sobretudo uma análise bastante interessante da obra de Hemingway — "El triunfo de la Vida", por I. Kashkin —, em que se fazem severas restrições a "O Velho e o Mar".

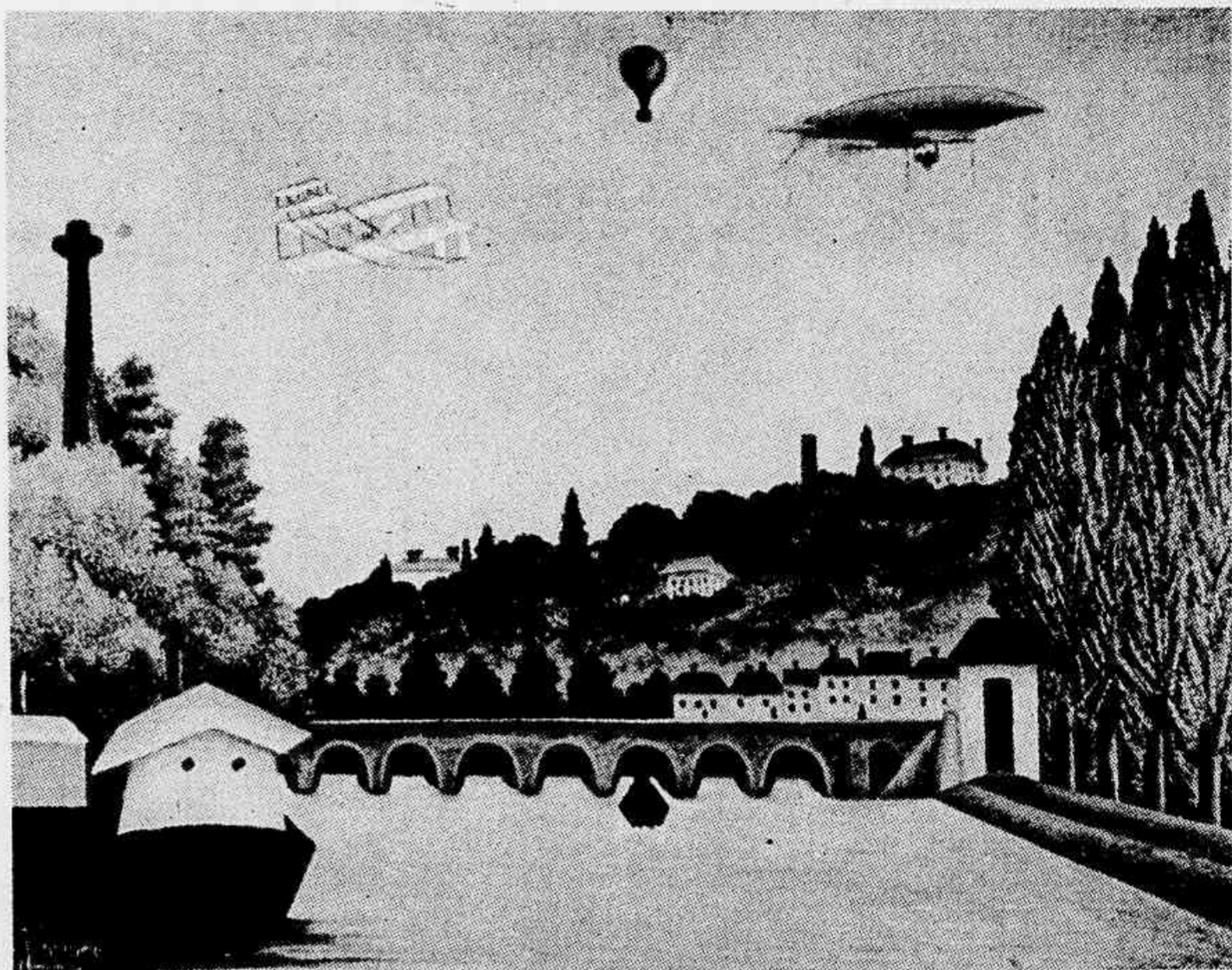
REDE, ROMANCE de Salim Miguel, focaliza a vida dos pescadores do litoral catarinense. Seu autor é contista dos melhores de sua geração, em Santa Catarina. Seu romance, porém, ainda fica deixando muito o que desejar, como realização artística. A história está evadida de lugares comuns, que muito a prejudicam. Cumpre também assinalar a má apresentação gráfica do livro, composto em quase trezentas páginas, em um corpo 8 diminuto e nada convidativo à leitura. A prolixidade é defeito mortal em qualquer obra literária, e sobre tema paralelo, Ernest Hemingway conseguiu escrever uma obra-prima — e em somente cem páginas. Salim Miguel deve meditar na inconveniência dos textos quilométricos, numa época que vê, finalmente, a vitória da imagem sobre a palavra escrita. Como documentário, porém, seu livro é precioso (Edições Sul, Florianópolis, 1955. Capa de Edgar Koetz. 291 páginas. Cotação: ***).

NOVE HISTÓRIAS REUNIDAS — de Harry Laus, A. J. Figueiredo, Lucia Benedetti, M. Cavalcanti Proença, Xavier Placer, Rubens Mario Jobim e Umberto Peregrino — é mais uma edição da Biblioteca do Exército, que prossegue em suas atividades editoriais com ímpeto e decisão. São contos tendo por motivo a vida de caserna, a guerra, a psicologia de um chefe, a própria Escola Militar. Notícias biográficas dos autores precedem cada relato. Esse é dos bons lançamentos da Biblioteca do Exército, sem dúvida alguma (B. E. E., Rio de Janeiro, 1956. Capa de Luiz Canabrava. 198 páginas. Cotação: ****).

TAMBÉM EDIÇÃO da Biblioteca do Exército é o livro de Eduardo Tourinho, "Retratos Brasileiros" — série de artigos curtos porém elucidativos sobre grandes vultos de nossa História Política e Literária, de todos os tempos (B. E. E., Rio de Janeiro, 1956. Cotação: ***).

A. DA SILVA MELLO de há muito notabilizou-se como autor de algumas das melhores obras científicas entre nós publicadas, no campo da medicina. Seu livro "Alimentação, Instinto e Cultura" é ímpar, em seu gênero. E agora mesmo acaba de sair nova edição de "O Homem — sua vida, sua educação, sua felicidade", enorme esforço de síntese de toda a vida humana, desde seus fundamentos biológicos até seus mais recônditos recantos mentais (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956 4ª edição. 2 volumes, 938 páginas. Cotação: ****).

ARTES

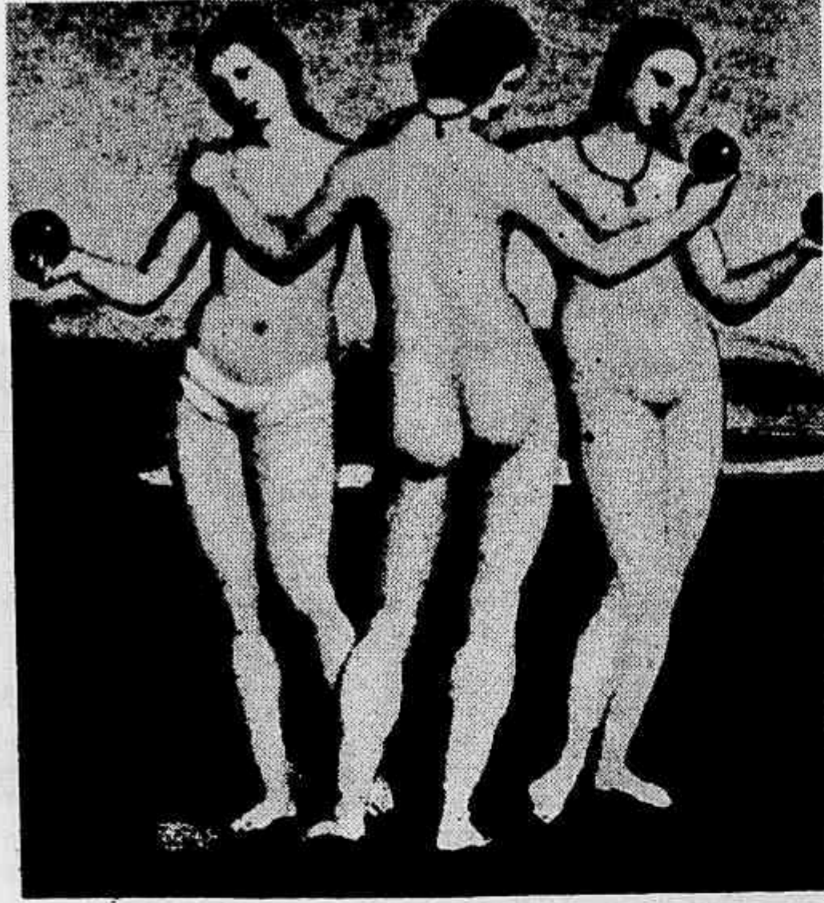


HENRI ROUSSEAU pintou em inícios do século essa tela, até hoje pouco reproduzida: «Vista da Ponte de Sèvres». Contra uma paisagem ingênua, cheia de poesia, simples mas contagiante, o «Douanier» desenhou um primitivo avião, um balão e um dirigível. Agora, que os jornais já esgotaram praticamente as palavras sobre o Ano Santos Dumont, queremos fazer também nossa homenagem ao Pai da Aviação. Homenagem diferente, mas nem por isso menos sincera. Essa tela é decerto um dos primeiros testemunhos do feito glorioso do inventor brasileiro, testemunho tanto mais valioso, quando se repara que vem da parte de um grande artista, artista de sua época, enfrontado naquela «matéria presente», que é a característica primeira de toda a arte realmente sincera.

● **O CARDEAL** [aime Câmara afirmou, em entrevista aos jornalistas, que não teria dúvidas em se recusar a «benzer qualquer aberração, caso surgisse por aqui alguma Igreja da Pampulha». Os cardeais, bem o sabemos, dificilmente entendem de Arte. Mas por que certos deles têm tanta certeza de que Deus é pela arte acadêmica?

● **UM PARTICULAR** adquiriu por ... 3 500 francos, não faz muito, uma tela representando um Cristo coroado de espinhos. Qual não foi agora sua surpresa, ao lhe ser dito, pelo célebre perito italiano Amadore Porcella, que a tela é um Greco legítimo, devendo ter sido pintada por volta de 1547? Eis o parecer de Porcella, na íntegra: «Obra típica e magistral do primeiro período

espanhol de Domenikos Theotokopoulos, El Greco. Essa dolorosa figura de Cristo coroada de espinhos — Ecce Homo (óleo sobre tela: 48x64 cm) — une à reminiscências patentes da escola veneziana — como também da de Ticiano —, elementos e características espanholas derivadas de Morales». A potência expressiva do rosto, a doçura sublime do olhar — nos olhos toldados pela dor — tudo, nessa obra, surpreende, e é elaborado com uma ciência profunda e sincera. A linha precisa das formas, a tonalidade das carnes, o caráter nervoso e atormentado constituem motivos incontestáveis da escrita pictórica de Theotokopoulos. Uma profunda espiritualidade emana do rosto exangue de Cristo, concentra-se em detalhes particularmente admiráveis das mãos que tremem, de um poder de sugestão excepcional, comparável às de «Paulo Terceiro», de Ticiano».



UM AFRESCO, descoberto nas ruínas inesgotáveis de Pompéia, parece ter sido o modelo com que conteu Rafael Sanzio para elaborar sua tela «As Três Graças» pintada por volta de 1500. A semelhança entre a peça recém-descoberta e a tela de Rafael é tão grande, que é impossível não filiar uma à outra. Ainda mais quando sabemos que Rafael foi um espírito curioso, com um grande gosto pelo passado artístico da Itália. As fotos, porém, dizem mais que as palavras, e por elas verão os leitores se têm, ou não, razão, os que acreditam numa influência pompeiana sobre Rafael. As «Três Graças» estão no Museu de Chantilly, na França.

se geram muitas neuroses. E respondem por grande parte (talvez a maior parte) dessa imensidade de desequilíbrios, de impulsos e aberrações que caracterizam os anormais da conduta. Tenho a impressão de que tais fatores heredo-embrionários, em vez de diminuir, só tem feito aumentar. O alcoolismo alastra-se cada vez mais, a sífilis, apesar de poderosos tratamentos atuais, continua fazendo devastações incontáveis. Se uma certa classe, mais provida e educada, consegue hoje uma boa higiene da gestação, e verdade é que há um número imenso de gestantes que não faz nenhuma. Por outro lado, o desgaste psíquico e emocional dos pais atinge hoje um climax nunca visto no passado. Um desgaste que de modo algum pode ser benéfico à procriação.

Mas, as causas hereditárias e congênitas são apenas uma parcela do problema, ainda que poderosa. Resta o imenso e complexo conjunto de influências ambientais. Ora, neste ponto, caímos em cheio no objetivo da terceira pergunta que nos é feita.

3. No Brasil, nunca se fez uma vigorosa campanha de profilaxia contra as causas das doenças mentais. Pois aí está o que seria desde logo necessário iniciar e fazer para reduzir ao mínimo a incidência. Esse foi um dos pontos pelo qual me bati na Direção do S. N. D. M. em exposições ao Ministro e em pedidos de verba no orçamento. Minha idéia era uma articulação com todos os municípios, mediante acordos e convênios, para levar a campanha diretamente ao seio das populações municipais. Enquanto não se chega lá, o que há de fundamental a empreender é o que nosso mestre Adauto Botelho planejou e realizou parcialmente: construir novos, modernos e confortáveis hospitais — colônias em todos os Estados do Brasil para tirar o doentes mentais da situação repugnante e quase infame em que viviam (e ainda vivem em alguns pontos.) Programa que prosseguimos e está sendo retomado pelo eminente amigo, o atual Ministro da Saúde, prof. Mauricio de Medeiros.

Nosso programa pessoal foi dotar cada Estado de quatro unidades básicas: um Hospital-Colônia, um Hospital Urbano, um Manicômio Judiciário e um Hospital de Psiquiatria Infantil. Acho que, de qualquer forma, caminha-se para a realização desse objetivo, que constitui a exigência mínima para pôr o Brasil em excelentes condições no conjunto das nações civilizadas.

4. A expressão «arte contemporânea» parece-me extensa demais. Dentro dela existem tendências muito variadas, inclusive setores que se conservam fiéis aos padrões clássicos e acadêmicos, ou deles não se afastam grandemente. Há, sem dúvida, uma arte moderna, que é inteiramente revolucionária em todos os aspectos, na forma e no fundo. É essa que faz o leigo pensar na psiquiatria e a cogitar no que haverá de psiquiátrico em suas produções.

Penso que existem pelo menos três interpretações a dar. Há um amplo setor, composto principalmente dos indivíduos mais geniais, cuja arte moderna parece-me de caráter polêmico, de irreverência intencional. Seu nítido objetivo é caricatural, para destruir pelo ridículo. Num segundo grupo, vemos artistas convictos de que estão efetivamente inovando, criando novas técnicas e novas formas de expressão. Seu programa é distanciar-se o mais possível de toda arte tradicional. O que se dá com frequência é que a muitos falta o verdadeiro talento criador, daí o absurdo e mófimo de suas produções. Enfim, num terceiro grupo, é indispensável que as obras traduzem conteúdos inconscientes, potenciais profundos, nem sempre necessariamente mórbidos, mas que às vezes o são. As obras contêm então um rico simbolismo psicológico, através do qual fala a linguagem das tendências, conflitos e lutas subterrâneas.

Em todos os três casos, a nota quase sempre dominante é a criação do ininteligível. As vezes, trata-se de um ininteligível intencional, geralmente rebuscado. Noutros, resulta da falta de talento e é o recurso de indivíduos medíocres para evadir-se da impotência criadora.

Noutros, o ininteligível estético retrata o ininteligível real da sua própria profundidade espiritual. A obra é o retrato do seu próprio psiquismo. Sob a epiderme de certa normalidade, há uma extensa camada de dissociação e de incongruência internas, que não lhes é difícil transportar para a obra de arte. Dêstes se pode dizer que, em vez de traduzirem a sua neurose ou a sua esquizofrenia na conduta exterior, eles as traduzem na produção artística. E com isso defendem a própria personalidade, satisfazendo de modo indireto e profilático as exigências do inconsciente. Sob este aspecto e usando a linguagem da pergunta, podemos dizer que a arte moderna, pelo seu ininteligível e inverossímil, é o que salva o artista da loucura.

5. A vida moderna criou, sem dúvida, muitos confortos materiais, mas, ao lado deles, muitos desconfortos emocionais, que geram neuroses e desordens reativas de conduta. É indiscutível, por exemplo, que a instituição da família está em tremenda crise. Seja por casamentos errados, seja pela maior facilidade e coragem de romper as uniões, seja por solicitações de vária natureza, a verdade é que aumenta dia a dia o número de lares que se desfazem. Ora, tais desuniões nenhuma importância teriam se não fossem a imensa repercussão na alma infantil. Embora eu tenha sido sempre um divorciado convicto como remédio para certos casos e situações, como psiquiatra reconheço a influência grave e neurotizante dos lares destruídos, na alma das crianças e adolescentes. É impressionante o número de neuróticos adultos, nos quais aparecem visíveis os resíduos dos ressentimentos profundos e antigos contra pais separados e que construíram novos lares.

Mas há também o problema sexual. Nunca, no mundo, as crianças e adolescentes viveram uma fase de tamanha exasperação sexual como agora. São tentações e solicitações cruas, diretas e brutais vindas de toda a parte, de filmes pornográficos, de crimes escabrosos relatados na imprensa, de um número fabuloso de publicações obscenas ao alcance de todos, da publicidade da sórdida vida particular de artistas que são ídolos da juventude, da exploração comercial do erótico sob todas as formas... A juventude hoje adquire uma experiência sexual precoce e violenta, que a desencanta e ao mesmo tempo enerva profundamente.

É impossível passar em revista todas as agressões da vida moderna, mas não quero esquecer de aludir a duas na natureza orgânica: a propagação crescente do alcoolismo, agora do alto para baixo, das altas camadas sociais para as mais baixas (o cinema tornou-se, neste particular, o maior e mais eficiente propagandista do alcoolismo elegante) e a grande exaustão física imposta pela luta atual dos seres na obtenção da subsistência.

6. A modesta base de 2 doentes por mil habitantes, estando o país com 55 milhões, devemos ter, ao menos teoricamente, 110 mil pacientes. Nessa base teórica, haverá 70 mil necessitando ou esperando hospitalização. Quanto ao Rio, os dados são mais seguros. Durante o tempo em que dirigi o Serviço Nacional de Doenças Mentais, de 1954 a 1956, houve uma média mensal de mais ou menos 5.500 pacientes internados nos nossos hospitais e colônias (Colônia Juliano Moreira, Centro Psiquiátrico Nacional, Manicômio Judiciário). Com cerca de 2.000 em estabelecimentos particulares, temos um total de 7.500 internados na área do Distrito Federal.

7. Esta pergunta também exigiria um manuseio de estatísticas precisas, que não tenho à mão. Mas penso não fugir à verdade dizendo que, à semelhança de todos os hospitais do mundo inteiro, predomina nos brasileiros essa misteriosa e grave psicose chamada esquizofrenia, de causa desconhecida e curso imprevisível, que incide em nada menos de 50 a 66 casos em cada grupo de 100 pacientes mentais. Foi essa sempre a cifra média nos serviços em que trabalhei ou que dirigi.

A seguir, as psicoses sífilíticas (sífilis cerebral e paralisia geral) hoje, aliás, em aparente declínio, mas que até pouco inutilizavam um número considerável de seres humanos, em média de 15 a 25%. Um grupo de importância estatística nos hospitais públicos e o das psicoses por alcoolismo (10 a 15%). As outras psicoses têm incidência menor como a parafrenia e a psicose maniaco-depressiva (3 a 5%).

O grupo dos fronteiriços da reduzida taxa de internação nos hospitais públicos. Raro os neuróticos que aí encontramos, nunca mais de 1%. Maior o número de personalidades anormais (de 5 a 10%). Nos hospitais privados é bem maior o número desses dois tipos de pacientes.

Quanto aos oligofrênicos (retardados mentais), seu número oscila também de 5 a 10% em todos os estabelecimentos.

Em suma, o peso maciço da morbidez psicopática é dado pela esquizofrenia, que um autor considera, com razão, o maior problema social da medicina. Na verdade, de 100 indivíduos que se tornam esquizofrênicos, cerca de 60 estão mais ou menos condenados a eternidade. Esse morte para as famílias e para o erário público.

INTERNACIONAIS

Registramos com pesar a notícia do falecimento, em Londres do famoso pianista francês Walter Gieseking. Gieseking (foto ao lado), que morreu aos 60 anos de idade, nasceu em Lyon, a 5 de novembro de 1895 de pais alemães. A notícia do desaparecimento inesperado do célebre intérprete de Debussy, está fadada a ter triste repercussão em nossos meios musicais, pois grande amigo que era do Brasil, Gieseking se apresentava periodicamente para as nossas platéias.



O compositor francês André Ameller acaba de descobrir, nos arquivos da biblioteca do Conservatório de Dijon, o manuscrito da Primeira Sinfonia de Gounod. Mais curiosa ainda, ou melhor, mais importante, foi a descoberta simultânea, no mesmo local, de um «Sextuor» de Mozart, não catalogado e, ao que parece, desconhecido.

O Concerto para piano e orquestra de André Jolivet será executado no dia 3 de novembro próximo em Filadélfia, Estados Unidos, pelo jovem pianista francês Philippe Entremont, sob a direção do maestro Eugène Ormandy.

executadas por 100 violoncelistas dos Concertos Lamoureux. Em seguida, foi interpretada a «Elegia» de Gabriel Fauré. As celebrações culminaram com uma recepção a Pablo Casals na Escola Normal de Música, da qual foi um dos fundadores juntamente com Alfred Cortot e Jacques Thibaud.

Comemorou-se na Itália o primeiro centenário de nascimento do compositor Giuseppe Martucci que, ao lado de Bazzini, Sinigaglia, Bossi e Mancinelli, restaurou a grande tradição sinfônica e concertante italiana, então empanada pelo melodramatismo de Bellini, Donizetti, Rossini e Verdi. Martucci, que era um dos membros proeminentes da chamada «PONTE», justamente por ter servido de ponte para a música de grande estilo, exerceu profunda influência sobre a geração dos modernos sinfonistas italianos, tais como Alfano, Casella, Pizzetti, Malipiero e Respighi. Entre suas obras, as mais conhecidas são «Notturmo» e «Novelletta».

NACIONAIS

Realizou-se mais um espetáculo de bailados no Maracanzinho sob o patrocínio da Prefeitura. O programa esteve a cargo do conjunto de «ballet» da Temporada Oficial do Teatro Municipal, tendo como principais intérpretes Ivette Chauviré e Milorad Miskovitch e constou das seguintes obras: «Giselle», de Adam; «Composição Abstrata», de Bach; «A Morte do Cisne», de Saint-Saens; e «Capricho Espanhol», de Korsakov.

óperas, bailados, conferências e peças teatrais. O referido Festival já teve início com o concerto coral-sinfônico inteiramente dedicado a Mozart, quando a Associação de Canto Coral interpretou a «Missa da Coroação» em dó maior, enquanto a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a direção de Van Reemortel, executou a «Sinfonia N° 39».

A Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal está promovendo o «Festival do Rio de Janeiro», durante o qual serão realizados concertos vocais e sinfônicos.

Realizou-se no salão «Henrique Oswald», da Escola Nacional de Música, um recital da jovem pianista Norma Lima de Alencar Araripe, cujo programa constou de obras de J.S. Bach, Mozart, Haydn, Grieg, Moszkowsky e Lourenço Fernandes.

Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são de aço inoxidável, com amortecedores hidráulicos, dispo de camas, salões, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço do leito nos trens «Vera Cruz» e «Santa Cruz» é de Cr\$ 120.00 para os inferiores e Cr\$ 100.00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150.00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90.00 para os inferiores e Cr\$ 70.00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos obedecerá ao horário abaixo:

Cr\$ 100.00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150.00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90.00 para os inferiores e Cr\$ 70.00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)
1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— I D A —

PREÇOS DAS PASSAGENS
1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	2.40
Barra do Pirai	0.21	2.49
Cach. Paulista	0.41	2.49
Roosevelt	0.56	—

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Pirai	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 403.00
Roosevelt	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— V O L T A —

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)
De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	0.16	3.12
Barra do Pirai	0.36	6.15
D. Pedro II	0.51	—

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 266.00	Cr\$ 377.00
Barra do Pirai	Cr\$ 266.00	Cr\$ 479.00
D. Pedro II	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
— I D A —

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.10
Barra do Pirai	22.21	22.31
Três Rios	0.24	0.29
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.28	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.56
Belo Horizonte	11.00	—

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Pirai	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Três Rios	Cr\$ 201.00	Cr\$ 361.00
Juiz de Fora	Cr\$ 229.00	Cr\$ 410.00
Santos Dumont	Cr\$ 245.00	Cr\$ 441.00
Barbacena	Cr\$ 263.00	Cr\$ 473.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 269.00	Cr\$ 520.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)
— V O L T A —

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.59	2.01
Santos Dumont	3.05	3.10
Juiz de Fora	4.15	4.22
Três Rios	6.07	6.13
Barra do Pirai	8.33	8.12
D. Pedro II	10.15	—

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Pirai	Cr\$ 188.00	Cr\$ 337.00
Três Rios	Cr\$ 223.00	Cr\$ 400.00
Juiz de Fora	Cr\$ 244.00	Cr\$ 435.00
Santos Dumont	Cr\$ 258.00	Cr\$ 460.00
Barbacena	Cr\$ 283.00	Cr\$ 495.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 308.00	Cr\$ 530.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 565.00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

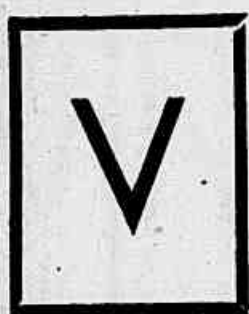
A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento dos serviços comunica ao público em geral, especialmente aos viajantes e Lavoura, que acaba de criar trens rápidos e modernos para as linhas Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e Belo Horizonte-Rio de Janeiro, com o intuito de atender seus inúmeros clientes, que a ela têm sempre a preferência.

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A LAGARTA

Conto de GILBERTO TERRA

Desenho de BENJAMIN SILVA



ESTIR, pôr os pés no chão, na escada escura, na rua. As calças já estavam em mim. Os sapatos e suas dificuldades: procurá-los debaixo da cama, segurá-los pelos cabelos, e os nós, sim os eternos nós enforcando os cadarços. A luz já estava acesa, o que facilitaria a tarefa no caso de querer fugir. Fugir não é o termo. Desatracar. Era só abrir a porta, tatear, ser navio e desatracar. O itinerário ou seguir o trilho do trem, sôbre ele ou a pé, ou seguir, apenas seguir. Não, seria repetição. Era necessária uma fuga mais longa.

Quando eu deitei, senti que era necessária mais do que uma fuga. Devagar, a lagarta passeava pelo chão sem sentir meus olhos. Agora eu me lembro, ela andava pelo chão. Naquela hora, eu nem havia reparado nisso. Estava preocupado com a maneira. Podia sair à rua, nu, quebrar vidraças, quando o guarda noturno viesse, chamá-lo de qualquer coisa, fingir de louco, interno jamais eu poderia pensar em partir. Seria proibido a entrada de malas no meu quarto. Isso não. Meu pai chegaria e me diria: «Viste, a tua mania no que deu.» Não, isso não.

Defronte de mim, havia uma janela. Tentei contar o número de estrelas visíveis, disso eu estou certo: uma, duas, dez. Em certo momento, não soubera distinguir se era um só ou vinte, e assim havia resolvido que era uma só.

Uma só maneira: meu pai poderia chegar perto de mim, gritar dentro das minhas orelhas, não haveria perigo. Eu não escutaria porque estava em viagem. O navio em alto mar. As orelhas aonde meu pai me insultava, meu lado esquerdo deficiente, meu corpo não eram senão sombras. Eu estava tão longe, que não podia pensar em partir outra vez.

Como estou aqui, não sei. Sei que estou pensando. Não cheguei aonde me havia destinado. Hospital. Sim, as paredes brancas, a lagarta, eu nem havia reparado nela naquela noite. Entre aquela noite e eu agora, envolto em febre, ataduras, há um hiato, como antes de eu começar a falar, quando menino.

Berrava, talvez gritasse a sirene da ambulância que me trouxe até aqui. Teria o movimento das ruas se estrangulado para que não houvesse nem tempo perdido, nem desvio de rumo? E se não houve ambulância. Estou no hospital, ou no meu quarto? Não há faces perto de mim, nem restos de palavras. Talvez esteja à espera. Esta cama não é minha. Minhas coxas estão bem acostumadas com a minha. Quem teria se deitado aqui antes de mim? Se morreu, além, da cama ganharei a morte como herança?

Eu sei que é uma noite. Uma luz que vem do teto. Entortando os olhos, tenho a impressão de uma linha que vem do teto até meu nariz. Perto do meu nariz, devem estar as orelhas. Nenhuma voz, devo estar certo. Quando eu era menino, havia as lagartas, fui enviado pros infernos por uma. O primeiro gôsto de repugnância de minha vida (só agora consigo ter certeza dessas coisas). Eu havia esmigalhado uma, bem gorda, com os pés descalços. Há alguma coisa subindo pelos meus pés. Estou de meias? Eu devia ter me calçado antes de ter feito quilo. «Viste, o que tu fizeste. As lagartas são primas do demônio, agora tu vais pros infernos.» Eu tinha doze anos, mas aquela noite havia sido prolongação. Aqui não, não há ruídos. Se há, eu não os percebo. Nos meus ouvidos não há voz, zumbido, nem deve haver algo dão, eu não devo lhes ter dado algum indício para que eles fizessem tal coisa. Quando, na noite da condenação, eu me levantei para lavar o suor do rosto, um, dois, dez, mas de dez mil bondes haviam passado na minha cabeça.

A água ficara na concha das mãos juntas. Depois que o pânico tocou minhas costas, ela escorreu, fugiu por entre os dedos. No dia seguinte, o chão estava seco, mas eu perguntei uma, duas, dez vezes a meu pai se estava ouvindo os bondes. «Tu estás ficando maluco.»

Agora não, eu sei que não estou ficando maluco. Desprevenido. Antes de encostar o revólver no peito, reparar no buraco que eu ia fazer em mim mesmo, eu devia ter calçado as meias e, apesar das dificuldades, os sapatos. Agora, além de saber que não estou ficando maluco, não estaria na dúvida se há ou não alguma coisa subindo pelos meus pés.



Sanjona
- 56

FORTUNA (para variar) **APRESENTA**

TEMAS CLÁSSICOS DO



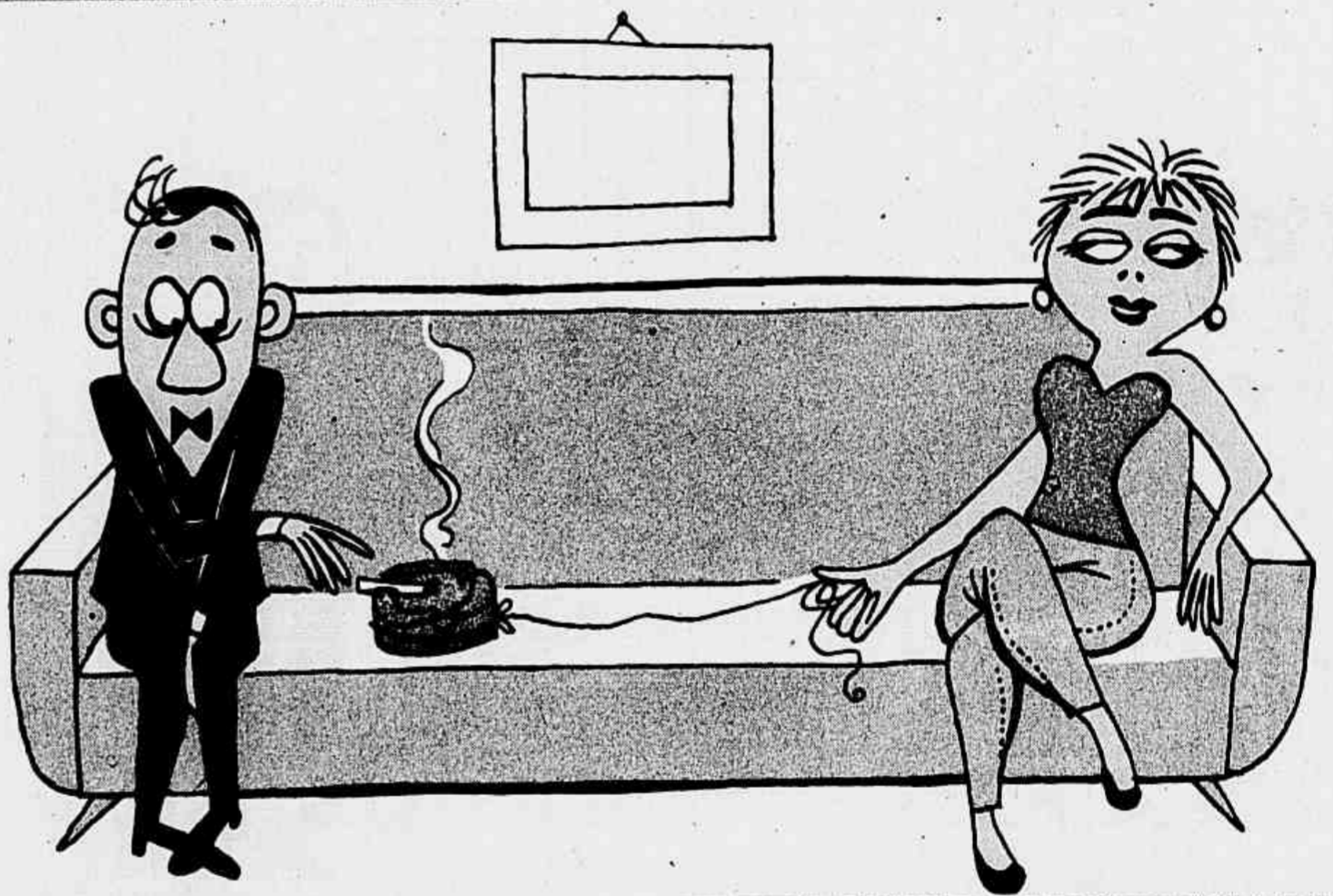
pé no gesso

Des. de Gunner — «Titters» — Estados Unidos



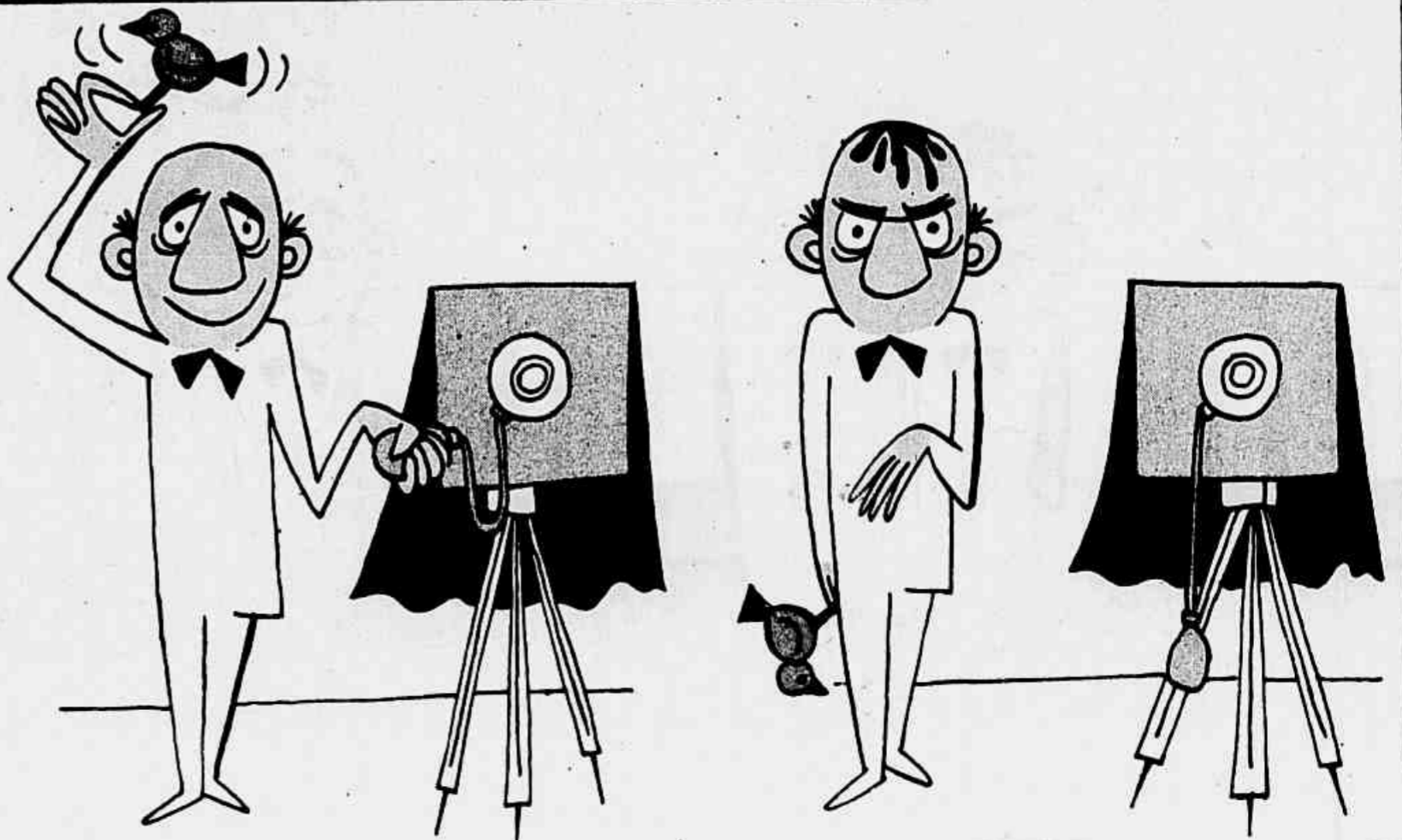
a timidez masculina

Des. de Thelwell — «London Opinions» — Inglet.



fotógrafo e passarinho

Des. de Piqui — REVISTA DA SEMANA



DESENHO HUMORÍSTICO (V)



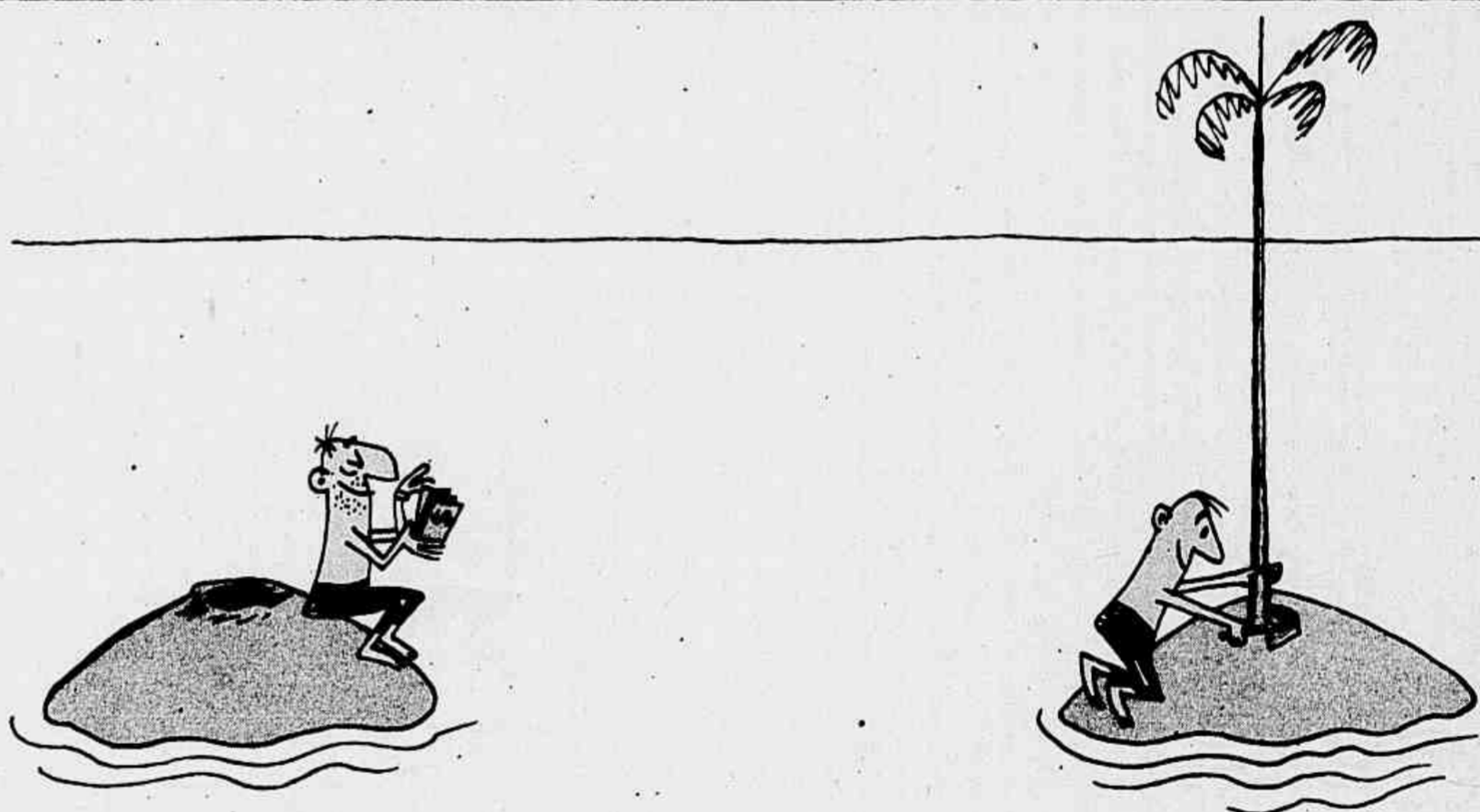
os carneirinhos da insônia

Des. de Jørgen Mogensen — «Le Rire» — France



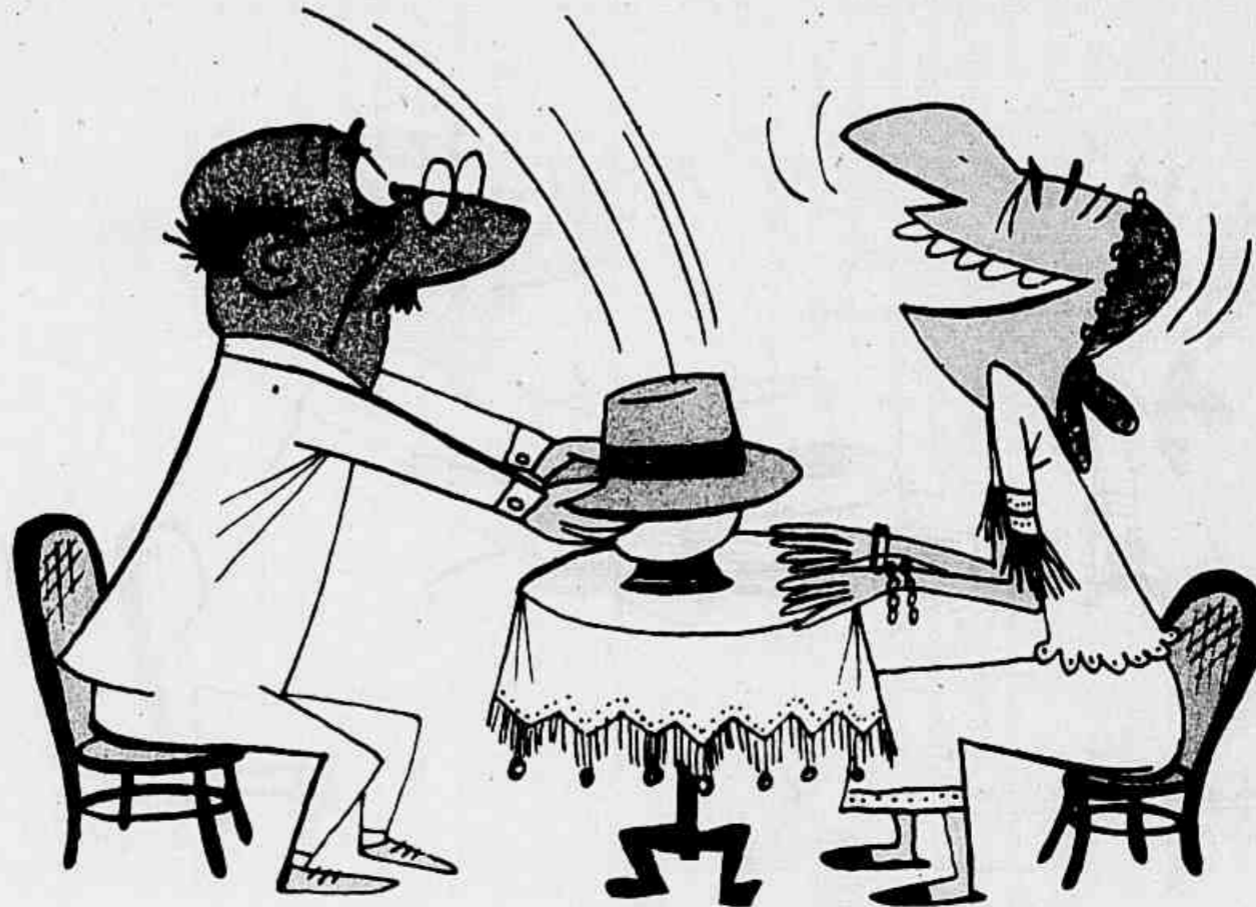
uma ilha com palmeira

Des. de Fiolkes — «Punch» — Inglaterra



a bola de cristal

Des. de Boast — «Men Only» — Inglaterra



“Gafes”

Você já notou como existem pessoas com predisposição às gafes? Isso porque, uma das causas das «gafes» é o esforço que se faz para não fazê-las e, quem sabe ter predisposição está sempre fazendo força, prestando atenção, para evitá-las. Se você incorreu numa gafe, antes de tudo, não tente corrigir a situação, poderá apenas piorá-la. Como aquele senhor que conversando, numa festa, observou ao vizinho: — Mas, que mulher feia aquela ali! E o outro respondeu: — É minha senhora. O primeiro, querendo corrigir a gafe continuou: — Não, é aquela ali atrás. E o segundo: — É minha filha. A anedota é velha, mas mostra bem o perigo de querer corrigir certas gafes. Se você incorrer numa, não insista sobre o assunto. Fale de outra coisa, e, se for possível, não deixe ver que você percebeu o que disse.

Corrija

Não permita que seus filhos leiam cartas que você recebeu, nem que mexam nas suas gavetas, ou na sua bolsa. Remexer as coisas dos outros é defeito gravíssimo, que deve ser castigado severamente. Só assim, e, além disso, explicando-lhes as razões do castigo, você evitará que, quando crescerem, tenham problemas, por causa de sua indiscrição, inclusive com espôsas e maridos.

CONVERSA DE MULHER

◆ Para proceder com sucesso aos seus tratamentos de beleza em casa, é preciso que você tenha seus cosméticos e cremes em ordem, e em bom estado de conservação. Depois de usar cada um torne a fechá-lo bem. Conserve-os em lugar fresco, fora dos raios do sol, e, no verão, se houver espaço na geladeira, guarde-os lá. Tenha à mão e em ordem: algodão, papel absorvente e toalha. Quanto às escovas — para o banho ou para cabelo — o melhor é conservá-las penduradas, para que sequem bem. Cole na parede do banheiro cabidinhos plásticos para suas escovas. Lave-as com frequência, principalmente às de cabelo. Se forem de cerdas de naylon, com água e sabão em pó; as de cerdas

naturais, com água morna e umas gotinhas de amônia.

◆
No verão, você deve dar uma atenção especial à sua lingerie: mude-a com frequência e lave-a sempre. Por mais limpa que você esteja, não dará essa impressão de usar um vestido ou uma combinação rescendendo a transpiração. Se for o seu caso, use um bom desodorante, todos os dias, após o banho.

Também os pés podem ser causa de maus odores no verão, principalmente se usar sapatos fechados sem meias. Dê preferência às sandálias abertas, que são mais higiênicas nos dias

de calor. Tenha dois ou três pares, e procure não usar a mesma dois dias seguidos, para que tenha tempo de ficar bem arejada por dentro.

◆
Nada existe que mais emleze como a aparência de felicidade. Você já reparou como toda moça é linda vestida de noiva? Não, não é pelo vestido, mas pela felicidade desse dia, por ter conseguido realizar um sonho de amor. Procure ter sempre um ar de felicidade: esqueça os aborrecimentos, e pense somente nos bons momentos, que todos temos, todos os dias. (Na foto: Gloria Talbott — Paramount).

Sua beleza



◆ Se apareceu uma visita inesperada e você quer melhorar um pouco o cardápio do jantar, experimente improvisar algum prato de «entrada» simples, vistoso... e saboroso, como a

PIZZA MIRIM — com 1 xícara de farinha de trigo; 1 colher das de sopa de óleo e meia xícara d'água, você rapidamente prepara uma massa de pizza, assim: peneire os ingredientes secos, junte os outros, e amasse com as mãos. Deixe descansar uns 10 minutos enquanto prepara a «coberta».

COBERTA PARA AS PIZZAS MIRIM: (a massa deve ser cortada, em rodela, com a boca de um copo):

1 — 1 fatia de mozzarella, tirinhas de sardinha, ou enchovas, 1 azeitona. Arrume como mostra a fotografia.

2 — A mesma anterior, porém com massa de tomates sob a mozzarella.

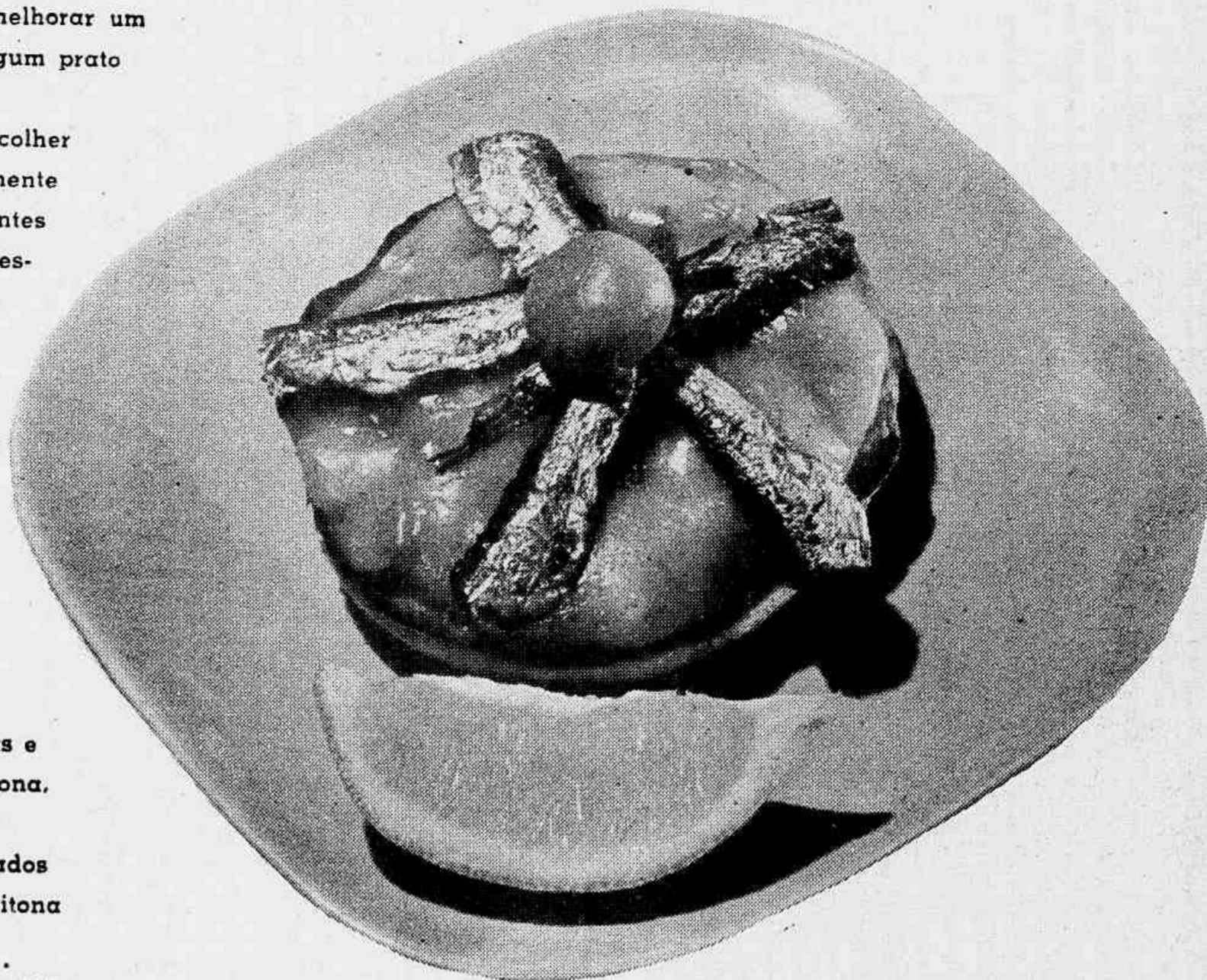
3 — Pimentões verdes cozidos; parmezão ralado e farinha de rosca espalhados por cima. —

4 — Carne picadinha (preparada como para almôndegas e achatada), mozzarella. Enfeite com rodelinhas de azeitona, ou com cebolinhas em conserva.

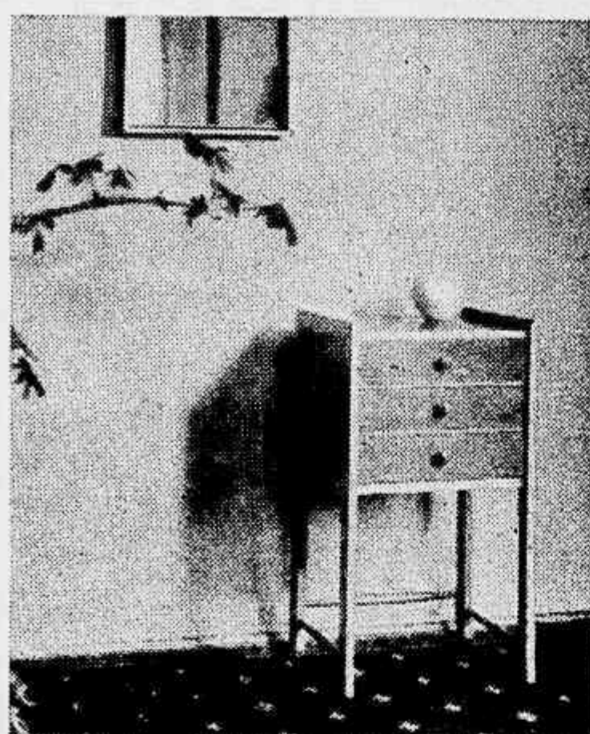
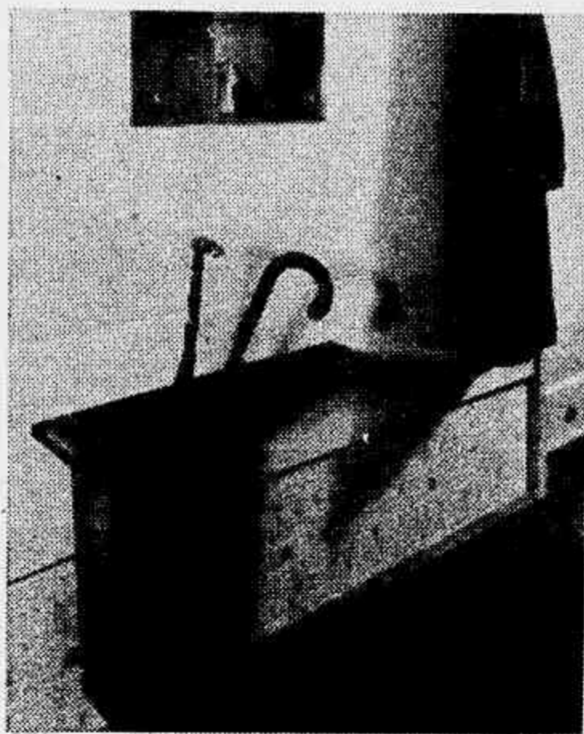
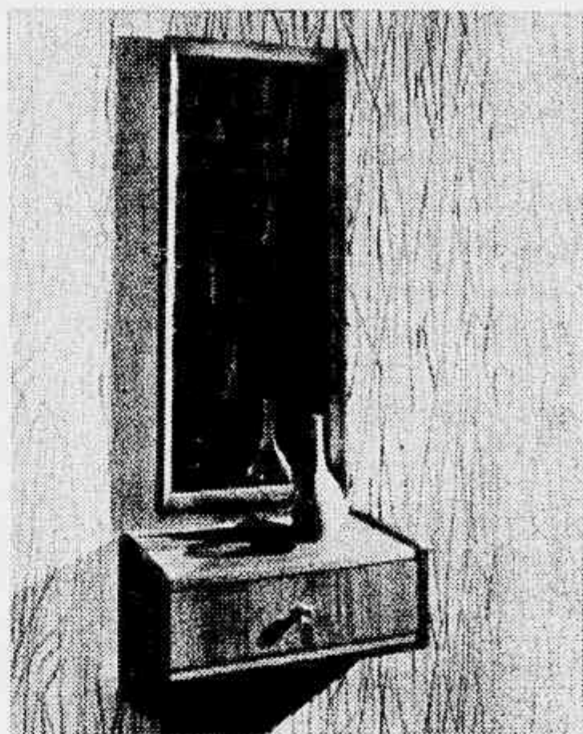
5 — Mozzarella. Enfeite com camarões cozidos arrumados como a sardinha na fotografia. No meio ponha uma azeitona recheada.

Enfim, você mesma há de encontrar ótimas cobertas para tornar mais bonitas e saborosas as suas «pizzas-mirim».

Depois de arrumadas, coloque as rodela de massa numa assadeira muito bem untada com óleo. Jogue um pouco mais de óleo em cima de cada uma, e asse em forno quente.



WEEK-END NA COZINHA



Sugestões para o lar

★ Há certas pequeninas coisas que dão muito conforto as suas visitas. Como, por exemplo: encontrar um local apropriado para deixarem o guarda-chuva, quando está molhado; ou ter um espelho à mão para relocar o baton, sem precisar perguntar-lhe onde pode fazê-lo. Nos apartamentos modernos, pequenos, isso tudo foi abolido: e não sabemos por que, já que não ocupam tanto espaço assim, como podem ver pelas ilustrações: 1 — Além do espelho, uma gavetinha para a escôva de roupa; colocados junto à porta

de entrada. 2 — O porta-guarda-chuvas foi reduzido a sua expressão mais simples, tendo um prolongamento lateral para bolsas e pastas. Sobre ele, o espelho na parede. 3 — Aqui o espelho é no mesmo estilo do pequenino armário de 3 gavetas: na de cima foram postos: pó de arroz, lenços de papel (para o rouge) e um pente; numa das outras, a escôva de roupas. O móvelzinho poderia ser, ao mesmo tempo, mesa de telefone.



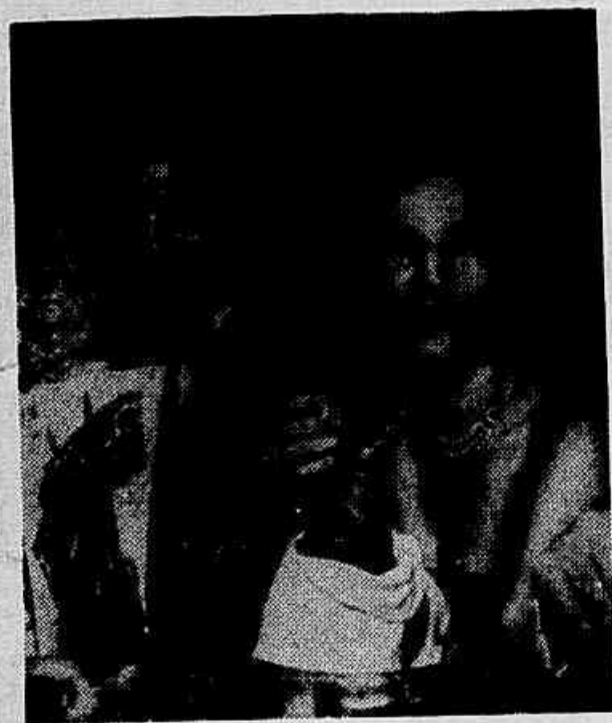
Grand Monde internacional



A brasileira Vera Amado, esposa do cineasta Clouzot, vai fazer o papel de uma louca muda, na película «Os Espiões».

◆ Continuam os rumores de que a «beaut» rainha Dina, esposa do rei Hussien, da Jordânia, vão se divorciar. Esse par real do Cairo, está casado faz precisamente cinco anos, tendo um «baby» de oito meses. ◆ O conhecido colunista social de Nova York, Walter Winchell, que voltou há poucos dias a atuar na televisão não foi feliz na sua estréia. Enquanto isso seu mais forte concorrente, Ed Sullivan está fazendo um sucesso realmente «suspense» na televisão. Winchell e Sullivan, são há mais de vinte anos concorrentes, e também inimigos. Aqui no Rio, alguns colunistas fazem o mesmo, transformando a concorrência num forte motivo para a inimizade. ◆ O galante astro Farley Granger, tem atualmente na professora de dança Judy Lee Eagner, seu «date» preferido. ◆ Ray Milland, veterano astro do cinema americano completou a poucos dias meio século de vida casado, cois

sa atualmente muito raro, principalmente na Meca do Cinema. Milland, comemorou o acontecimento, e presenteou a esposa com um broche de pérolas. ◆ A brasileira Vera Amado, casada com o cineasta Clouzot, vai fazer o papel de uma louca muda, na nova película de Clouzot, já batizada de «Os Espiões». ◆ A estrela francesa Etchika Choureau, encontra-se em Hollywood, para filmar a película «C'est La Guerra». ◆ Como noticiei de «preview» para vocês, o embaixador do Brasil em Londres, sr. Souza Leão Grace chegará no fim do mês ao Rio, onde fixará residência. Para seu substituto o nome mais comentado no momento é o do senador Assis Chateaubriand. ◆ Mercado de Ladrões, será o nome da primeira produção do astro galã mais discutido do momento: Gregory Peck.



A sra. Léa Duvivier, organizadora da festa «Glamour-Girl», tem ao seu lado o colunista paulista Tavares (a vedete) de Miranda.

SOIRÉE DA GLAMOUR-GIRL
— Todo o «HIGH-SOCIETY» carioca já se movimenta para a próxima «soirée-snob» do dia 24, onde será escolhida a futura «GLAMOUR-GIRL». Este «suspense» acontecimento, tem no seu comando a senhora Léa Afonseca Duvivier, e será em benefício do Serviço de Tubercu-

lose do Patronato da Gávea. O júri dessa «soirée-snob» será composto exclusivamente de homens. Somente dose jovens tomarão parte na organização dessa festa, e uma delas será a «GLAMOUR-GIRL» de 56. Este colunista já tem uma candidata, cujo nome revelarei depois para vocês. Posso adiantar, que ela abiscoitará o título. ◆ No dia 23 do mês que passou, a senhora Mimi Lafer, do «High-Society» do Planalto teve sua «mudança-de-idade», e comemorou com champanhota o acontecimento na sua bonita mansão na Avenida Europa. Como já informei para vocês, a sra. Lafer será escolhida pelo colunista José Tavares de Miranda, a melhor «hosts» do «High-Society» paulista. ◆ Na outra noite tive o prazer de encontrar em um «Night-Club» os casais Ernest Waller e José Ipanema Moreira. Neste encontro observei que a sra. Waller estava elegantíssima e sra. Ipanema Moreira é realmente um tipo

RIO... DE JANEIRO A JANEIRO

Foi assim batizado o novo «show» da boite do Hotel Serrador, que reabriu numa recente «soirée» com uma das decorações mais bonitas e modernas do mundo. Esta coluna cumprimenta o senhor Francisco Serrador pelo reaparecimento do «Night-and-Day».

Gossips



Roberto Lacerda com seu «date» preferido, senhorita Vera Delabela. Bob encontra-se atualmente nos «States».

◆ Para iniciar: GOSSIPS SÃO GOSSIPS. E DAI? O paulista Luis Felipe Cintra, conhecido jogador de pólo no Planalto, esteve no Rio, e não foi visto em companhia de nenhuma belidade. O sr. Luis Felipe só usa gravatas de cor branca (dia e noite), coisa aliás, de um mal gosto dos diabos. ◆ Gilca Serzedelo Machado e Rodolinho Figueira de Melo, dançavam «cheek-tocheek» numa recente «soirée» em um «night-club». Ela parecia estar numa noite realmente feliz, e vestia um bonito modelo branco com bolinhas negras. ◆ Glorinha Drumond anda atualmente bem acompanhada de um bom partido do Planalto. Trata-se do galante Tito Zorvos. Enquanto isso determinada figura foi para a PRATELEIRA. ◆ Confidencialmente: Maria Sônia (Mary) Soares, continua sem «date». Assim estou sendo informado pela própria. Acontece, que «Gossips são Gossips». E daí? ◆ No próximo dia 15 de dezembro será realizada no Planalto, a cerimônia de casamento do jovem e galante Príncipe Dom Carlos Tasso Coburgo de Bragança, com a bonita e elegante jovem Denise Paes de Almeida. Ele, conhecido nobre descendente dos Bragança; ela, filha do sr. e sra. Sebastião Paes de Almeida, que representa uma tradicional e importante família de São Paulo. Depois darei maiores detalhes sobre esse importante acontecimento social, que vai reunir personalidades do «Grand Monde» internacional. ◆ O sr. Decio Novais, continua sendo visto no Rio, sem nenhum «date». ◆ Beatriz Galhembeck, me comunicou que no dia de sua «mudança de idade» recebeu duas telefonemas do Planalto e frisou que uma delas (telefonemas) havia sido de seu «date» preferido.

sua pouca idade, já é um dos melhores «night-club» do Rio. ◆ Já retornou de suas férias em São Paulo, o Sr. Eduardo Tapajós. O Sr. Tapajós como vocês sabem, brevemente se casará com a bonita Sra. Gilda Raja Gabaglia. Este acontecimento será devidamente comemorado pelo «High-Society» carioca. ◆ Comentada a elegância do paulista José Henrique Turner atualmente residindo no Rio. ◆ Já de volta do Velho Continente o Deputado Maia Leló. O Sr. Leló, na outra noite em «night-club» era cumprimentado pelo seu retorno. ◆ Na Boite Beguin situada no Hotel Glória, funciona um novo «maitre»: Ramon. ◆ Até a próxima.

O famoso GÉLOT continua em cima.

P. S. — Já no Rio o Embaixador e Senhora Décio Moura, que se encontram hospedados no Hotel Glória. O Embaixador Décio Moura que chefiou nossa Embaixada junto ao Vaticano, vai agora assumir a Secretaria Geral do Itamarati.

Pequenos Flashes

raro de beleza americana. O casal Waller me comunicou que em dezembro próximo vai «decolar» para o Velho Continente, e que antes da partida vai receber nosso «High-Society». ◆ A Canadá de Luxo realizou há poucos dias um desfile realmente «suspense», onde apresentou os mais recentes modelos parisienses para a nova «saison». Tudo devidamente comandado por Zacarias do Rego Monteiro. ◆ Na semana que se inicia Maria Helena (BI) Crisóstomo de Oliveira, convida para o vernissage de sua Exposição no Instituto de Arquitetos do Brasil. Isso, acontecerá em São Paulo. Estarei presente. ◆ Continuam muito bem concorridas as feijoadas aos sábados na FIESTA. No último sábado em grupos diferentes estavam os senhores: Joel Monteiro, Waller Quadros, Vadinho Dolabela e outros. O FIESTA apesar de

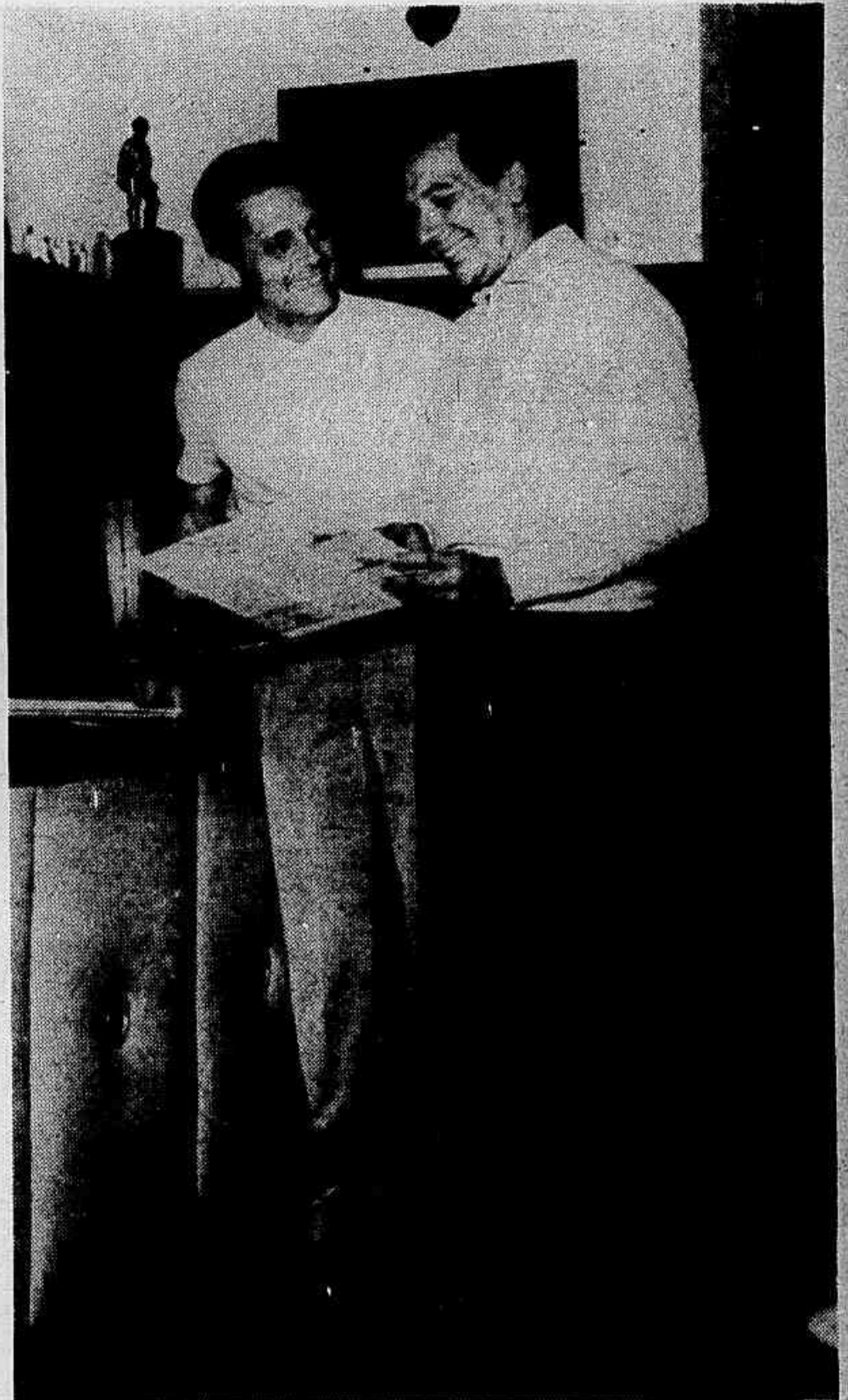
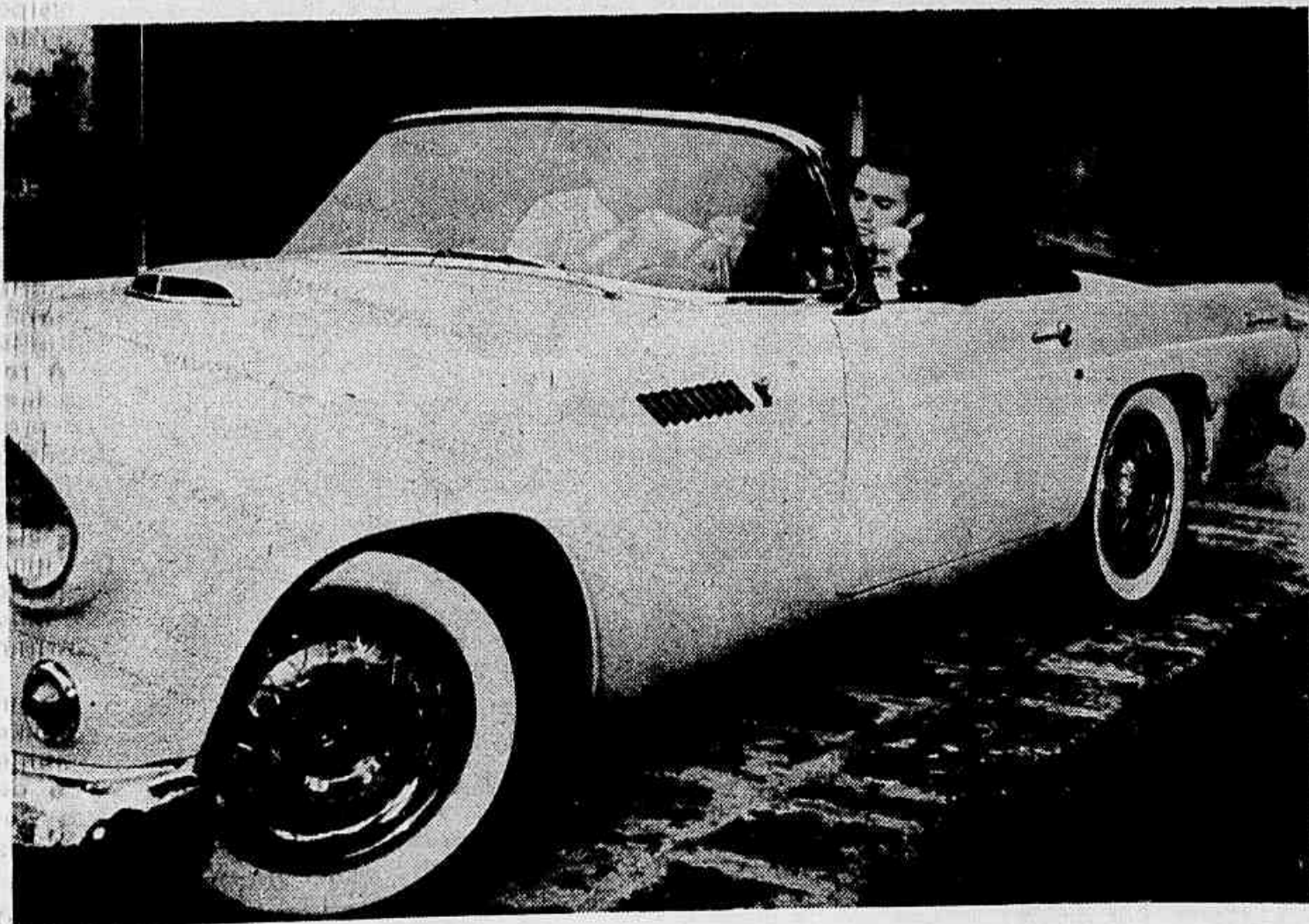


Jackson Flores e Cyl Farney executam uma música ao piano dêsse barulhento ritmo.

JAZZ: RITMO "SUSPENSE" E "SNOB".

◆ Na tarde chuvosa de domingo, «decolei» com Jackson Flores para a mansão de Cyl Farney, situada em Santa Teresa. Fomos tocar e ouvir esta coisa batizada de jazz, sômente jazz. O Jackson e o Cyl são dois jazz-maníacos, e conhecem muita coisa sôbre essa matéria, mas detestam o «Rock and Roll» de Mr. Elves Presley. Eu gosto dos dois. Porém, como são êles os entrevistados, vou passar a transcrever as perguntas e respostas. Vejamos. P. — Quais as melhores orquestras de jazz nos States? R. — Les Brown, Ted Heath e Woode Herman. P. — Os melhores cantores? R. — Frank Sinatra e Sammy Daves. P. — E as melhores cantoras? R. — June Christy, Ella Fitzgerald e Sarah Vaughan. P. — No Brasil quem é o melhor pianista de jazz? P. — Dick Farney. P. — Citem dois bateristas famosos no States? R. — Body Rich e Louie Belson. P. — Agora, dois pistonistas? R. — Chet Baker e Buddy Childers. P. — Vocês acham que o jazz é um ritmo «suspense»? R. — Achamos realmente «suspense». P. — Agora, para finalizar, quero saber se o jazz é um ritmo «snob»? R. — Claro, o jazz hoje é um ritmo tão «snob» quanto a figura do nosso conhecido Ricardinho Fazanelo. Como vocês estão vendo, meus entrevistados entendem de jazz, inclusive o Jackson, que reside em Nova York, e tem como «hobby» favorito colecionar discos dêsse ritmo batizado como já disse, de jazz, e que é «suspense» e «snob».

Jeff Tomas chega à mansão dos Farney, em S. Teresa, para a «jam-session» da tarde.



Cyl coloca na vitrola uma das gravações de jazz que Jackson trouxe dos «States».



Meus entrevistados parecem combinar uma próxima luta de esgrima.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



A ÚLTIMA CAÇADA

(Continuação da página 38)

Charles aproximou-se e tirou a pele do animal.

— Isto me aquecerá um pouco — murmurou êle, enquanto trabalhava. — Agora terei mais fôrça para esperá-lo até amanhã.

Tirou tôda a pele do búfalo e se envolveu com ela. Parecia um cuco no seu ninho. Pacientemente e no maior silêncio, Charles aguardou a aurora.

Na manhã seguinte, enquanto Sandy dormia, a índia pegou o rifle e fêz pontaria em Charles. Mas antes que ela pudesse atirar, Sandy despertou, levantou-se rapidamente e segurou-a.

— Esta não é a resposta — disse êle.

— Êle o matará — disse ela apreensiva.

— Talvez. Mas talvez eu o elimine. Não há mais lugar para homens como Charles. Por isso êle deve desaparecer. Eu devo muito a você e ao seu povo.

Ela se aproximou e o abraçou. Sandy apertou-a por alguns instantes. Depois, saiu da caverna e começou a descer a colina para onde se encontrava Charles. Nada se movia. O silêncio era absoluto. A certa altura, Sandy parou e chamou por Charles. Sua voz ecoou para trás. Charles, envolvido na pele do búfalo, não se moveu.

— Acorda, Charles — gritou Sandy.

Segurou no cabo do revólver e avançou vagarosamente, com o suor escorrendo-lhe pela face.

— Fique de pé, Charles!

Sandy esperou, mas Charles não se moveu. Em seguida aproximou-se e notou que os olhos do outro estavam abertos e a face pálida, revestida com a máscara da morte... Bateu na gelada pele de búfalo, mas Charles não deu sinal de vida. Estava enregelado.

A índia também desceu à procura de Charles e, por algum tempo, contemplou a figura rígida do homem.

— Êle matou o seu último búfalo — falou Sandy sem a menor emotividade.

Sandy montou em seu cavalo e subiu a mulher na garupa. E partiram, fundindo-se numa só figura contra a luminosidade do sol que aumentava.

— F I M —

O ENIGMÁTICO KAPITZA

(Cont. da página 13)

De acôrdo com Iolite, Kurtchatov convoca o seu antigo assistente, o professor Dorfmann, que se encontrava na cidade atômica de Bang. E por proposta de Kapitza, o professor Terenine é chamado para trabalhar com Kurtchatov a fim de fazer aplicar o seu «processo de ignição» baseado no curto efeito. Três meses se passam sem que se obtenham resultados concretos. Para concluir, e sendo necessária a sua presença no seu próprio setor de atividades, Terenine é substituído por P.S. Alexandrov, o futuro representante soviético junto à Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas.

As pesquisas do «centro de erudição» de Béria, que estuda rapidamente todos os dados obtidos no estrangeiro, são também inteiramente infrutíferas. A impressão é de que se chegou a um ponto morto. Mas os estudos prosseguem em cinco direções diferentes. As experiências se multiplicam.

No mês de março de 1943 Stalingrado é retomada aos alemães. O prazo concedido por Béria se aproxima do fim perigosamente. Casimiro Petrzak está em sua 603ª experiência. Flerov segue-o de muito perto. Béria reaparece. Êle se inteira com Kurtchatov. Os progressos são marcantes, mas êle percebe que não é possível respeitar o prazo fixado.

Volta à Moscou. Julga que encontrou uma solução. Ou antes, um pretexto que lhe permitirá ganhar tempo.

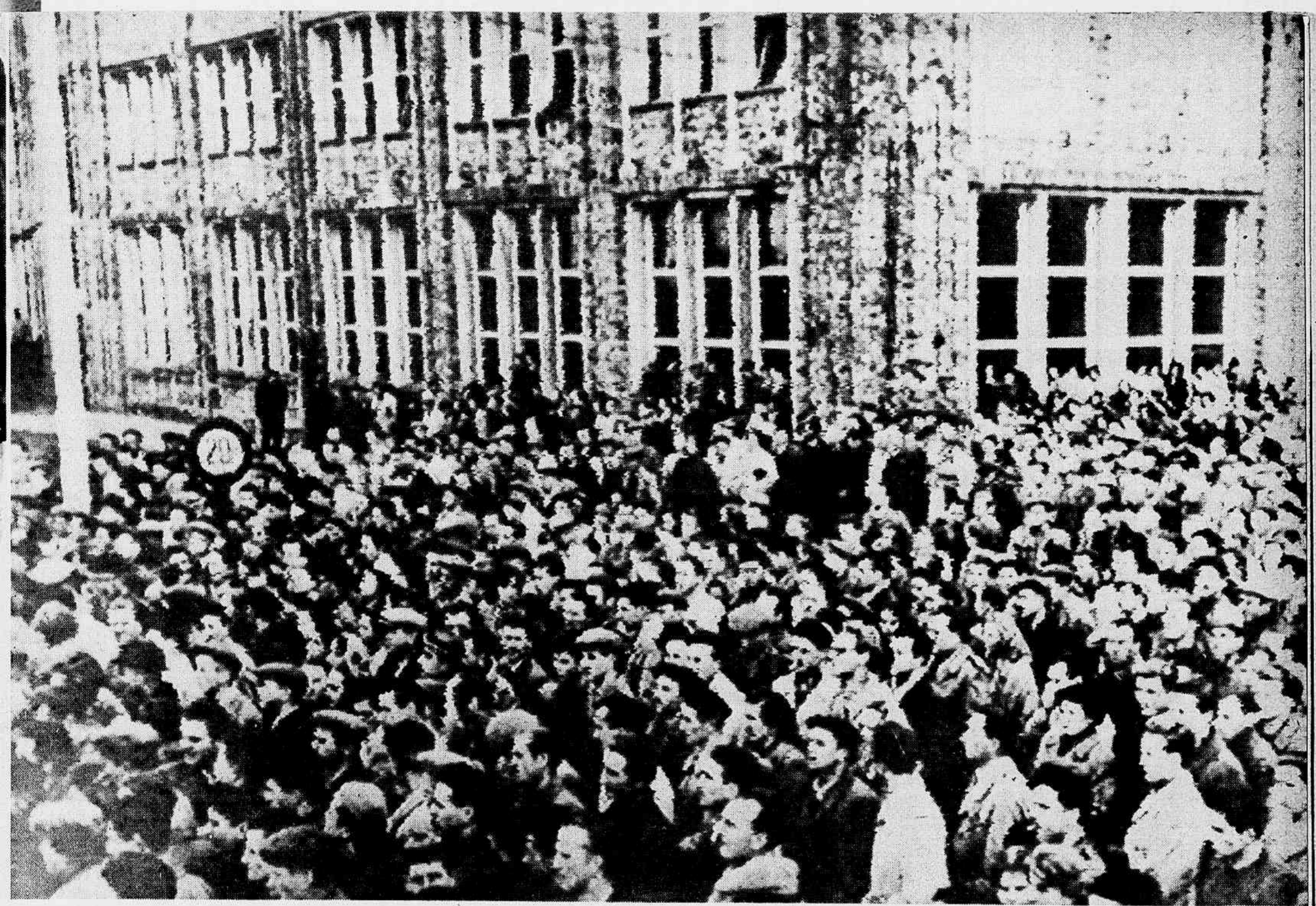
A situação favorável de Sterlitamak levou o poder central a aí concentrar um certo número de empresas evacuadas da Rússia. Malenkov é quem se acha à frente dessas operações. Béria poderia recorrer aos seus bons ofícios, porém se abstém.

De volta a Tchortov Dol, êle faz ver a Stalin que a região de Sterlitamak, por causa das numerosas evacuações, acha-se temporariamente superpopulada. De maneira que não se pode pensar em realizar ali explosões atômicas. Isto significaria pôr em perigo a população e comprometer, ao mesmo tempo, o segredo rigorosamente indispensável. Este último argumento dissipa as últimas hesitações. Stalin ordena que seja demarcada uma nova zona para experiências atômicas.

O problema não é fácil de resolver. E' preciso levar em consideração uma série de exigências. Várias semanas se passam antes que se chegue a um acôrdo. Finalmente, escolhem a ilha de Maramuk, no lago Ziri-Jervi, 100 quilômetros ao norte de Siktivkar, na capital da República Autônoma de Komi situada ao norte da Rússia Européia. A região é pouco povoada e ainda menos industrializada. Não há problemas. Há nas redondezas algumas tribos e — coisa importante, não existe nas vizinhanças nenhum pôsto de registro de fenômenos sísmicos — o que representa uma evidente vantagem, ao contrário do que ocorria em Sterlitamak, onde os dois postos existentes poderiam captar o abalo da explosão.

Béria e Galerkin se encontram no lugar e Galerkin reconhece que a ilha se presta perfeitamente às experiências de primeiro e de segundo grau. As instalações serão iniciadas em princípios do mês de julho.

(Cont. no próximo número)



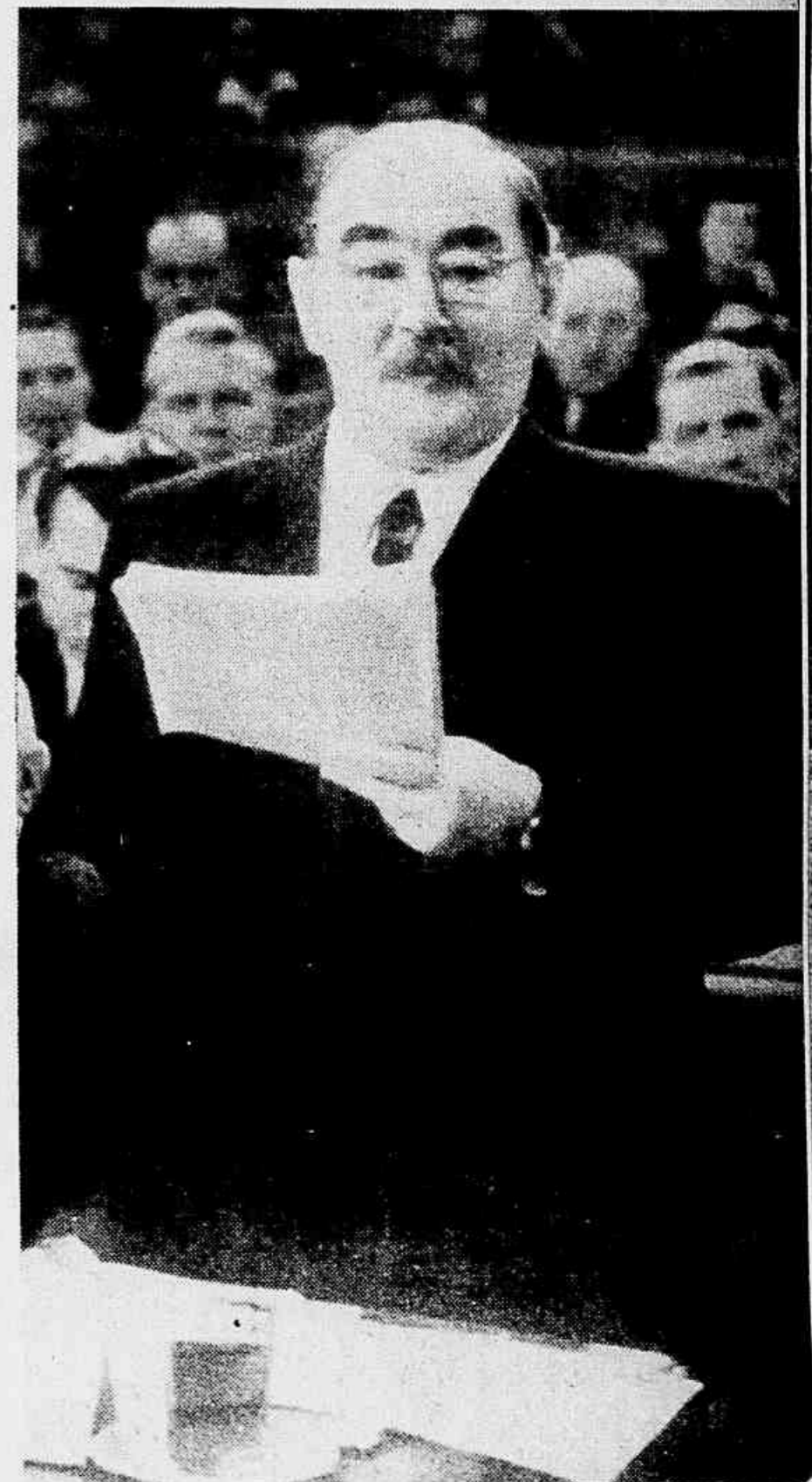
A MULTIDÃO, em Varsóvia, escuta atentamente seu novo líder Gomulka, reunida na praça central. Gomulka foi secretário do Partido Comunista até 1948, época em que foi demitido. Agora, volta a seu posto antigo, com poderes ilimitados. Rokossowsky foi expulso pelos patriotas poloneses. Abaixo, o novo premier húngaro, Amre Nagy ao discursar perante cem mil compatriotas.

AINDA UMA VEZ

A HUNGRIA CUMPRE SEU DESTINO

◆ A HISTÓRIA da Hungria — como a de sua vizinha próxima, a Polônia — tem sido uma contínua luta de independência e de auto-defesa contra os belicosos povos que a circundam. Desde o início assim foi. Quando o país ainda era conhecido pelo nome de Panônia, já as legiões ultra-poderosas de Roma senhovam com submetê-la ao jugo dos Césares. A água chegou mesmo a fazer seu ninho no território em que hoje se situa a Hungria; porém, jamais gozou de tranquilidade, enquanto ali esteve. E Tibério soube muito bem o que não lhe custou

suocar os sucessivos levantes dos panônios no ano nove de nossa era. Depois do caso romano, ficou o país governado tranquilamente pelos príncipes bizantinos até que, em 896, o guerreiro Arpad, a frente de seus irmãos Magiáres, assolou o país e o tudo levou de volta. Um sucessor de Arpad, de nome Vark, subiu ao trono no ano de 1001, e, convertido ao Cristianismo, adotou o nome de Estêvão. Foi, após a morte canonizada, tendo recebido o nome de Santo Estêvão. E hoje unidos patriotas da Hungria, ao lado da Virgem Maria, Des-



A HUNGRIA CUMPRE SEU DESTINO



NOS ESTADOS UNIDOS, descendentes de húngaros fazem passeatas, conclamando os norte-americanos a auxiliarem a infeliz Hungria. Em baixo, Zoltan Tildy, antigo presidente húngaro (renunciou em 1948), o qual acaba de ser escolhido para ministro do Exterior da Hungria, após o sucedido.



de então, a Hungria mudou de dono inúmeras vezes, durante sua existência. Por vezes, a sucessão real fazia com que passasse para o domínio de uma casa estrangeira; de outras, terríveis batalhas decidiam a sorte da Hungria. Boêmios, bávaros, napolitanos, polacos, austríacos (desde 1687 até 1918), alemães — durante a última guerra — e afinal soviéticos, estabeleceram-se no solo magiar ora demorando-se anos, ora apenas dias. E a Hungria tem suportado todos esses jugos, sem baixar a nenhum deles a cerviz.

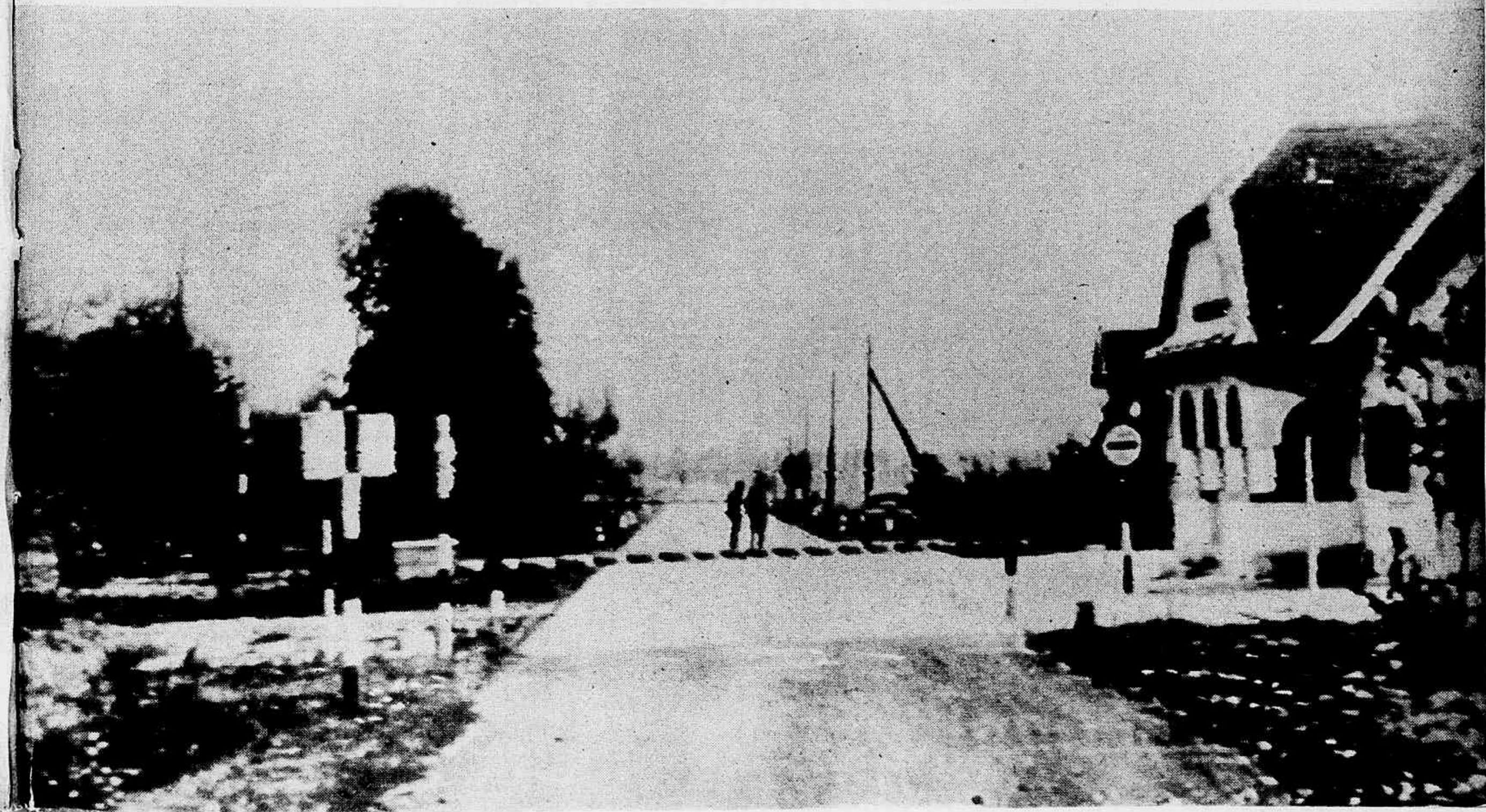
Em todos os tempos de sua existência, porém, nenhum povo a oprimiu tanto, quanto o russo, por sua vez hoje a braços com a opressão comunista. Os soviéticos conquistaram a Hungria, em fins da segunda guerra mundial, e desde então a vêm governando com férrea mão. Aos que se lhe opunham, fuzilaram sumariamente. Nos postos-chaves da administração, colocaram homens de sua inteira confiança. Se acaso algum de tais homens deixava de lhes merecer fé, a solução do problema era fácil: um mero expurgo, e tudo voltava à estaca zero. Desrespeitando os sentimentos religiosos do povo húngaro, um dos mais católicos do mundo, os soviéticos aprisionaram, há oito anos, o Cardeal Mindszenty, Primaz da Hungria, e após um processo bárbaro, que durou três dias, condenaram-no à prisão perpétua. Era natural que, submetidos a tantos sofrimentos e vexames, um dia se rebelassem os magiares. E foi o que há pouco aconteceu. Hoje, luta-se nas ruas de Budapeste. As notícias são ainda desconhecidas. Enquanto alguns telegramas anunciam milha-

res de mortos, a juncarem as avenidas e as praças da bela capital danubiana, outros os desmentem. O certo é que o movimento que irrompeu agora na Hungria é uma tentativa de libertar o povo magiar de seus algozes russos. Não sabemos se dará certo — não acreditamos, mesmo, que venha a dar certo —, porém sabemos que é uma advertência, aos povos cheios de poder e arrogância, como o russo, que as nações não tão poderosas como eles um dia se cansam do jugo, e buscam libertar-se dele. Mesmo que seja uma tentativa, mesmo que essa tentativa não leve a parte alguma, o simbolismo de tais gestos ganha o mundo e não se perderá jamais.

Pelo que se sabe, os húngaros estão levando vantagem, nos primeiros instantes da luta. É natural. Lutam pelo que é seu, com a alma e com o corpo. Porém, os russos são mais fortes e mais numerosos. Quando desejarem, sufocarão com seus tanques e canhões e aviões e granadas o surto revolucionário dos patriotas húngaros. A menos que o brado de indignação da bela pátria húngarica repercuta em cada país, em cada casa, no peito de cada indivíduo, e então todos, unidos, resolvam apoiar a causa. Nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra, mesmo no Brasil — mormente em São Paulo, onde é mais numerosa a colônia magiar — os descendentes de húngaros já se manifestaram a respeito da rebelião, hipotecando-lhe inteira solidariedade. A pequenina Hungria está em luta. Luta desigual. David contra Goliath. Em milhares de anos de vida, ela cumpre, mais uma vez, seu destino sangrento e glorioso. (Fotos I.N.S.)



NORTE-AMERICANOS de origem húngara rasgam uma bandeira húngara comunista, nas manifestações levadas a efeito em Nova York por ocasião dos acontecimentos em Budapeste. Em baixo, uma vista da fronteira austro-húngara, vigiada por policiais magiares. Será esse o fim do comunismo?



WANDERLEY, O IANQUE



◆ OS LEITORES devem estar lembrados de Wanderley Cunha Camargo, o brasileiro de 20 anos que foi como clandestino aos Estados Unidos, no trem de aterrisagem de um avião, tendo sido obrigado a voltar, da primeira vez, e conseguindo ficar — preso embora —, da outra. Estabelecem as leis americanas — leis que são cumpridas, diga-se de passagem, com um rigor que nos causa espanto — que nenhum estrangeiro, mesmo os que fogem de sua pátria em trens de aterrisagem de aviões, poderá ficar nos Estados Unidos, sem que alguém por ele se responsabilize. Wanderley estava assim condenado a voltar para o Brasil (e como não lhe deve ter sido penosa a perspectiva de regressar), quando a senhora Mercedes Foster, brasileira, paulista, casada com um engenheiro norte-americano e mãe de três filhos, resolveu adotá-lo. Para isso, levou-o ao México, de onde o jovem regressou munido de um visto, sem o qual não poderia jamais estabelecer-se na América. Agora, Wanderley é cidadão americano. Rumirá chicletes, tomara coca-cola, passeará de «blue-jeans» com as «teen-agers», certamente maravilhadas de seu sotaque latino. Talvez, se caprichar, venha mesmo a adquirir o preconceito racial — essa perfeição que no Brasil ainda não existe (muito). E já está decidido a ingressar na Força Aérea dos Estados Unidos, onde, com toda a certeza, morrerá gloriosamente, sob os céus de algum país distante, sem saber por que. Sua vida talvez dê um bom filme em technicolor, que, se exibido entre nós, será sem dúvida alguma recorde de bilheteria. Nós somos tão bonzinhos... (Foto I. N. S.)

DA POPULAÇÃO CARIOCA

Conhecida do carioca no atendimento das colaboradoras, dos

buracos que agora (?) serão fechados pela comissão para esse fim constituída pela Municipalidade. Na verdade a eles ninguém e nada pode resistir.

Foi-se o velho "Gericó" Não foi ele o único, infelizmente. Os buracos são mais numerosos do que presume o atual Prefeito. Outro carro foi-se, como o primeiro. Consumido pelos buracos. Já estamos no terceiro veículo. E nada nos faz supor que o atual venha a ter 25% sequer de mais duração do que os anteriores.

COLABORAÇÃO

Não poderíamos deixar de destacar a atenção que temos recebido dos poderes públicos. No período de oito anos de atividades em benefício da cidade, os prefeitos sucederam-se. Coisas da política. Descontinuidade administrativa que, em última análise, resulta no que assistimos. Suspensão de trabalhos importantes. Elaboração de novos projetos para atender conveniências pessoais, notadamente políticas. Não raro surgem novos planos, até quiméricos. Há os que, pela necessidade de aparecer aos olhos do

(Continua na 2.ª página)



UMA VEZ, AGRADECE...

... e pedimos providências, para registrar o serviço de trabalhos prestados à cidade "Gericó" no ano de trabalho findo.

tasse de outra reclamação, atendemos.

— É da reportagem do "Gericó"?

— E, sim. Pode dizer do que se trata.

— Aqui é o leitor que há um mês reclamou providências para sanar as irregularidades existentes no Jardim de Alá, no que se refere aos animais e carretas. O "Gericó" deve saber, de ali havia, desde animais ferozes, torpemente explorados, maus tratos. O pior era a suque ficava no chão... Agora quero informar — prosseguiu o leitor, — que o Delegado do 11º CF baixou Ordem

(Continua na 2.ª página)

... escola ou em casa

O GERICO

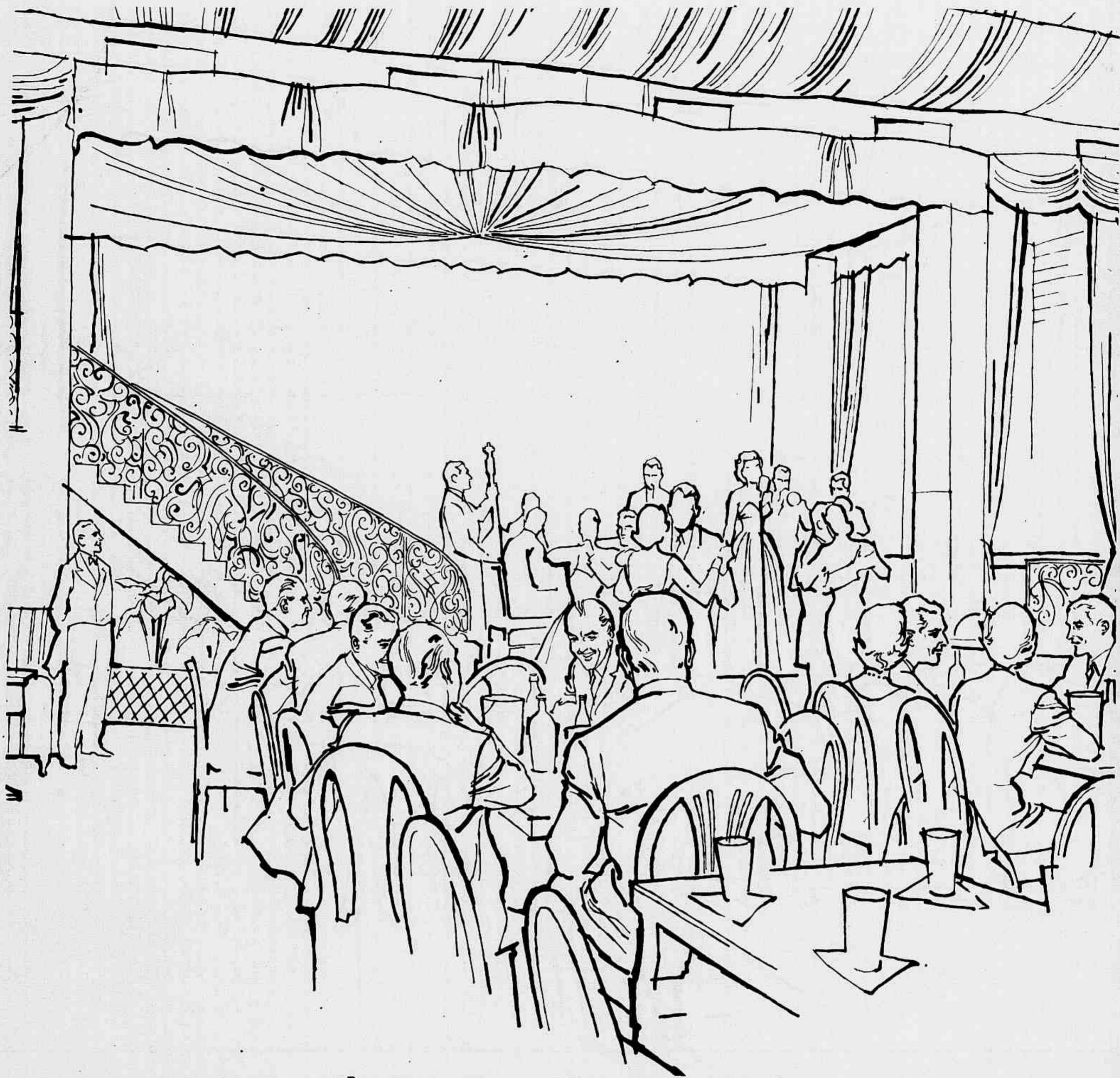
Eu sou tolo, sou burro, Mas até que sou direito. Se vier a autonomia, Irei direto a Prefeitos.

LEMBRANDO

o que ficou esquecido, mas que se deve fazer

Nem tudo são flôres, essa é a triste verdade que todos enfrentam diariamente na vida e nós também. Até por Delegacia de Polícia já passou a tripulação do "Gericó", detida quando procurava realizar o trabalho de denunciar crime contra a Saúde Pública. Outros dissabores temos nós dissabores de não vermos realizadas obras de que necessita a população, algumas delas das mais importantes. Longe de nos abater o ânimo, das fraquezas fazemos forças e enfrentamos a situação, naturalmente estimulados pela acolhida que nos proporciona o leitor e boa parte das autoridades.

Temos insistido no planejamento — de grande envergadura — de uma obra capaz de resolver a situação dos subúrbios, onde há lama por todos os cantos nos dias de chuva e poeira nos dias de sol. Tráfego interrompido em muitos casos. Falta de esgotos, valas pútridas em milhares de ruas. Mosquitos, Moscas, Fedentina, Enchentes — e que enchentes! Falta de arborização. Falta de escolas. Hospitais para os logradouros distantes da realização dessas necessidades. Como estamos mais necessitados. Praças. Transporte. E como estamos distantes. Tal o vulto do problema, que a impressão geral é que nada foi feito, e que mesmo com dinheiro e boa vontade, o Rio de Janeiro precisará de 20 anos de corajosos trabalhos



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam..

hollywood

uma tradição de bom gosto

